

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO UFTM  
FUNDAMENTOS EDUCACIONAIS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

RAFAEL HONORATO DE LIMA.

**PEDAGOGIA CONGADEIRA**

**Germinações de uma proposta para a Educação das Relações Étnico  
Raciais**

Uberaba

2023

RAFAEL HONORATO DE LIMA.

**PEDAGOGIA CONGADEIRA**

**Germinações de uma proposta para a Educação das Relações Étnico Raciais**

Dissertação apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Fundamentos educacionais e formação de professores, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Dr. Danilo Seithi Kato.

Uberaba

2023

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do  
Triângulo Mineiro**

L71p Lima, Rafael Honorato de  
Pedagogia congadeira: germinações de uma proposta para a  
educação das relações étnico raciais / Rafael Honorato de Lima.  
-- 2022.  
149 p. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação). -- Universidade Federal do  
Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2022  
Orientador: Prof. Dr. Danilo Seithi Kato

1. Educação. 2. Congadas. 3. Cultura afro-brasileira. 4. Brasil. [Lei  
n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003]. 5. Autobiografia. I. Kato, Danilo  
Seithi. II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 37(81)

RAFAEL HONORATO DE LIMA.

**PEDAGOGIA CONGADEIRA**

**Germinações de uma proposta para a Educação das Relações Étnico Raciais**

Dissertação apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Fundamentos educacionais e formação de professores, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Dr. Danilo Seithi Kato.

Uberaba, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

Banca Examinadora:

---

Orientador: Prof. Dr. Danilo Seithi Kato.

Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM

---

Membro Titular: Prof. Dr. Rosemberg Aparecido Lopes Ferracini.

Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM

---

Membro Titular: Prof. Dra. Alice Alexandre Pagan.

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

*Dedico estes escritos em especial a minha ancestral mais próxima:*

*Rozilda Maria Honorato (in memoriam) minha Mãe.*

*E também às mulheres que compõe o meu Ser:*

*Manuelina, Selma Dias (in memoriam), Maria Flor e Jesiane.*

## CONGRUÊNCIAS E CONFLUÊNCIAS

Iniciamos esta longa jornada, desvelando realidades imperceptíveis aos olhos desarmados, uma odisseia marcada por desafios, melancolia, incertezas e êxitos, apesar da natureza solitária inerente a qualquer pesquisador, que é destinado a percorrer trilhas permeadas por inúmeras contribuições de indivíduos fundamentais, que se mostram imprescindíveis para a escolha dos melhores rumos em cada etapa dessa viagem pelos mares ancestrais.

Neste momento, desejo expressar meus sinceros agradecimentos ao meu orientador, o **Professor Dr. Danilo Seithi Kato**, que acreditou em mim quando minha própria confiança vacilou. Sua inteligência perspicaz se revelou ao aplicar conhecimentos sensatos e pertinentes ao desenvolvimento desta pesquisa. Nossos encontros e as oportunidades de trocas afetivas e intelectuais foram de importância inestimável, auxiliando-me a compreender o tempo em que eu estava inserido, alinhando-me e desbravando elementos que nos conduziram até este ponto. Ele me ensinou o significado do verbo "esperançar."

A jornada por essas águas turbulentas só foi possível graças ao apoio, energia e resiliência de algumas pessoas, verdadeiras bússolas nesta jornada (auto)biográfica. Elas guiaram meus ponteiros em direção ao meu "eu" interior, ajudando-me a explorar os processos orgânicos e intrínsecos desta jornada ancestral e acadêmica, permitindo-me compreender minhas divergências e potenciais como indivíduo. Gostaria também de agradecer por cuidar de minha filha, **Maria Flor**, nos momentos em que minha ausência se fez necessária. Sua habilidade em compreender os efeitos das ondas que nos afetaram como família é notável. Agradeço a **Jesiane** por seu espírito acolhedor e protetor, que tanto me conforta e ampara, mesmo sem palavras.

Expresso minha gratidão à minha avó paterna, **Manuelina Maria de Jesus**, que representava a figura mais próxima de Deus em minha vida. Em nome dela, agradeço a todos os membros da família **Honorato**, que, após tantos anos, me acolheram em seu "barco," reavivando lembranças e sentimentos que serviram como combustível orgânico para a elaboração desta dissertação.

Agradeço aos meus irmãos, **Roberto Carlos** e **Robert Guilherme**, por tudo o que compartilhamos e pelas caminhadas que empreendemos, assim como nos ensinou sabiamente Rosa (in memoriam).

Também desejo prestar homenagem à memória de minha avó paterna, Selma, que, apesar de sua partida repentina, deixou-me lições profundas e duradouras. A meu pai, **Reginaldo**, direciono a seguinte frase: "Eu perdi minha mãe, mas ganhei um pai." E ao meu tio Itamar, agradeço pela firmeza e sabedoria de seus ensinamentos.

Em nome de meu babalorixá, **Michael Andreatt**, agradeço aos meus irmãos de fé, que, com sabedoria, proporcionaram inúmeros momentos de resistência e fortaleceram nosso axé, contribuindo para a continuidade das (re)significações.

Por último, mas não menos importante, agradeço à natureza, que permeia meu ser, permitindo-me sentir e contemplar o mundo em que vivemos. Agradeço aos orixás, que estiveram presentes em cada linha deste trabalho, mostrando que, mesmo quando meu corpo não compreendia os processos, a possibilidade de êxito ainda se mantinha.

Estes agradecimentos encapsulam grande parte do que vivenciamos nos últimos anos. Embora constantemente nos encontremos imersos no caos, coisas positivas estão acontecendo ao nosso redor. Considero essa força evolutiva essencial para o progresso de nossa comunidade, enquanto profissionais e indivíduos. Muitas vezes, renunciamos a nossas próprias dores para compreender e auxiliar no processo educativo e evolutivo daqueles que ainda não entendem nosso cotidiano caótico. Expresso minha gratidão pelas escutas, compartilhamentos, construções e desconstruções que experienciamos ao longo deste ano de retomadas e (re)significações. Como sugere o título, mesmo trilhando jornadas distintas, alcançaremos o mesmo ponto, fluindo harmoniosamente como nas nascentes que banham nossos rios.

*Há três espécies de homens:  
Os vivos, os mortos e os que andam no mar.  
(Platão)*

## O Tambor

Entremos mais para o oco do rio, no lugar onde as águas já começam a ficar mais fundas.

Falemos!

Falemos daqueles que têm “boca e sabem falar”, daqueles que encarnam ancestrais divinizados, daqueles que, na performance, se imbricam aos corpos.

Os corpos...

Os corpos daqueles que nascem pai e filhos ao mesmo tempo.

Falemos!

Falemos do tambor!

Ah, o tambor... “vai buscar quem mora longe, vai buscar quem mora longe”...

O que são os tambores senão corpo de planta e de bichos sacrificados, lançados ao encanto para que renasçam como um outro ser?

O tambor é aquele que tem a idade do tempo, que cospe as possibilidades em sopros de fé e festa.

O tambor é o corpo do ancestral, comunitário, brincante e divino... que resguarda memórias e dizeres infinitos...

O tambor é arma, arquivo, totem e terreiro.

Observem!

Observem o papai velho, os tocadores, observem o transe dos mestres pais e filhos do tambor.

O encanto se inscreve à medida que se incorpora no tambor e se é incorporado por ele: dois corpos que se fundem para uma terceira presença.

O tambor é o presente ofertado por Aluvaiá, que cura tristeza de Zambiapungo.

Corpo de planta e de bicho imbricados, aquecido no calor do fogo de Zazi e performatizado pela destreza de Aluvaiá, aquele que é o primeiro xicarangoma.

O tambor é o corpo,

O corpo é o tambor.

Exu foi o primeiro corpo criado: sopro primordial de Olodumare.

Kosi okutá, kosi orixá. Kosi Exú, Kosi orixá

E o corpo é o primeiro tambor, como também é o primeiro terreiro. É a partir de sua potência que se inventam caminhos enquanto possibilidades.

O terreiro é o tempo-espaco praticado. E para os corpos desterritorializados, o que existe é o devir.

O tambor versa uma gramática.

.Os batás, n’gomas, runs e tamboretetes já enunciavam, em tom de arrebate, congo de ouro e samba de cabloco.

Planta, bicho e gente, que em cruzo, se tornaram divindades, têm bocas, comem e sabem falar.

E o primeiro... o primeiro tambor cruzado no Atlântico, foi o corpo negro.

## RESUMO

A presente pesquisa se caracteriza como narrativas (auto)biográficas que se articulam em cenas, seguindo uma dinâmica atemporal e um movimento espiralado de encontro com o tempo espiritual daquele que redige estas palavras. Esta jornada mergulha nas percepções e dimensões de sua formação integral, fundamentada na ancestralidade, corporeidade e musicalidade. Instigado por questionamentos que fortaleceriam a conexão entre suas vivências (pessoais e profissionais) e a congada, o autor refletiu sobre o objeto de pesquisa, guiado pelos seguintes questionamentos: Quais processos educativos podem ser identificados nas manifestações das congadas em Uberaba-MG? Esses processos educativos indicam a existência de uma Pedagogia Congadeira? Como essa pedagogia pode contribuir para uma perspectiva de Educação para Relações Étnico-Raciais - EREER? Tais indagações destacam a necessidade de traçar caminhos com o objetivo de analisar e compreender os processos de ensino-aprendizagem presentes na congada em Uberaba. Desta vez, nossa jornada não será a bordo dos navios negreiros, amontoados em condições desumanas, mas sim uma exploração dos elementos educativos presentes na congada e como podem ser aplicados no contexto escolar. Na cena 1: "Do Tumbeiro às ruas de Uberaba: Os caminhos das congadas," exploraremos recortes da história do povo preto, que foi escravizado por uma ordem colonial mercadológica e forçado a atravessar o oceano Atlântico para se reinventar em terras brasileiras. Apesar de terem sofrido flagelos, corrupção e separação, mantiveram vivas as tradições da espiritualidade africana que os reconectaram, levando-os à auto-organização e à formação de quilombos, possibilitando fugas e revoltas em busca da liberdade que lhes foi negada. Esses movimentos desencadearam mudanças geográficas significativas que os levaram ao interior do Brasil, onde pisaram em terras secas e contribuíram para o desenvolvimento de Minas Gerais, enquanto preservavam suas manifestações culturais, como a congada. Cantaram suas tristezas e alegrias ao longo do tempo, vibrando sua liberdade e resistindo às adversidades. Na cena 2: "O tempo espiritual: gênese da narrativa de si," exploraremos as aprendizagens e ensinamentos no seio comunitário, ancorados nos processos formativos de um ser que sente, percebe e se integra com os elementos ao seu redor, tudo isso enraizado na fé ancestral e cultivado pelas gerações mais antigas que deram forma à congada e aos seus

princípios educativos. Na cena 3: "Nasce a Pedagogia Congadeira! Narrar ou ser narrado?!", teremos a oportunidade de dialogar com base na vivência do autor e nos recortes históricos das cenas anteriores, germinando princípios de uma pedagogia embasada na Lei 10.639/2003. Esta pedagogia busca integrar saberes interculturais, possibilitando processos formativos fundamentados na ancestralidade, corporeidade e musicalidade. Por meio dessas rotas, navegaremos a bordo da embarcação "Honorato," tripulada pelos guardiões do sagrado, que têm a missão de nos orientar e traçar os rumos de nossa jornada. Firmaremos nossas velas, amarrando nossos nós, mantendo viva a fé e a alegria que caracterizam um congadeiro.

**Palavras-chave:** Autobiografia. Educação. Etnico-Racial. Lei 10.639/2003. Congada. Pedagogia. Musicalidade. Ancestralidade. Corporiedade.

## RESUMEN

Esta investigación se caracteriza por ser narrativas (auto)biográficas que se articulan en escenas, siguiendo una dinámica atemporal y un movimiento en espiral hacia el tiempo espiritual de quien escribe estas palabras. Este viaje profundiza en las percepciones y dimensiones de su formación integral, basada en la ascendencia, la corporalidad y la musicalidad. Instigado por preguntas que fortalecieran la conexión entre sus experiencias (personales y profesionales) y la congada, el autor reflexionó sobre el objeto de la investigación, guiado por las siguientes preguntas: ¿Qué procesos educativos se pueden identificar en las manifestaciones de congada en Uberaba-MG? ¿Estos procesos educativos indican la existencia de una Pedagogía Congadeira? ¿Cómo puede esta pedagogía contribuir a una perspectiva de Educación para las Relaciones Étnico-Raciales - ERER? Tales preguntas resaltan la necesidad de trazar caminos con el objetivo de analizar y comprender los procesos de enseñanza-aprendizaje presentes en la congada de Uberaba. Esta vez, nuestro viaje no será a bordo de barcos negreros, hacinados en condiciones inhumanas, sino más bien una exploración de los elementos educativos presentes en la congada y cómo se pueden aplicar en el contexto escolar. En la escena 1: "De Tumbeiro a las calles de Uberaba: Los caminos de las congadas", exploraremos tramos de la historia de los negros, esclavizados por un orden de mercado colonial y obligados a cruzar el Océano Atlántico para reinventarse en la sociedad brasileña. tierras. A pesar de haber sufrido flagelos, corrupción y separación, mantuvieron vivas las tradiciones de la espiritualidad africana que los reconectaron, llevándolos a la autoorganización y la formación de quilombos, permitiendo fugas y revueltas en busca de la libertad que les era negada. Estos movimientos desencadenaron importantes cambios geográficos que los llevaron al interior de Brasil, donde pisaron tierra firme y contribuyeron al desarrollo de Minas Gerais, preservando sus manifestaciones culturales, como la congada. Cantaron su tristeza y alegría a través del tiempo, exudando su libertad y resistiendo la adversidad. En la escena 2: "Tiempo espiritual: génesis de la autonarrativa", exploraremos aprendizajes y enseñanzas dentro de la comunidad, anclados en los procesos formativos de un ser que siente, percibe e integra con los elementos que lo rodean, todo esto arraigado. en la fe ancestral y cultivada por las generaciones

más antiguas que dieron forma a la congada y sus principios educativos. En la escena 3: "¡Nace la Pedagogía Congadeira! ¡¿Narrar o ser narrado?!", tendremos la oportunidad de dialogar a partir de la experiencia del autor y de los extractos históricos de las escenas anteriores, germinando principios de una pedagogía basada en la Ley 10.639/2003. . Esta pedagogía busca integrar saberes interculturales, posibilitando procesos de formación basados en la ascendencia, la corporalidad y la musicalidad. A través de estas rutas navegaremos a bordo de la embarcación "Honorato", tripulada por los guardianes de lo sagrado, quienes tienen la misión de guiarnos y trazar el rumbo de nuestro viaje. Endureceremos nuestras velas, ataremos nuestros nudos, manteniendo viva la fe y la alegría que caracterizan a un congadeiro.

**Palabras clave:** Educación Étnico-Racial. Ley 10.639/2003. Congada. Pedagogía. Musicalidad. Ascendencia. Corporalidad. Congada. Autobiografía.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Terno de Congada do Penacho concentração Quartel General.....	19
Figura 02: Terno de Congada do Penacho - ano 1889.....	22
Figura 03: BIONAS: Sou Congadeiro dá licença!? Minha vida é resistência....	27
Figura 04: Rota De Navegação – Pedagogia Congadeira.....	33
Figura 05: Tempo Biográfico.....	40
Figura 06: Compreensão Cênica.....	42
Figura 07: Artefatos de Castigo Escravocrata.....	57
Figura 08: Uberaba em 1885.....	58
Figura 09: Estrutura Terno De Congada do Penacho.....	71
Figura 10: Guardiões Do Sagrado (General e Tenentes Coronéis) .....	74
Figura 11: Ternos de Congada do Penacho em cortejo pela cidade de Uberaba.....	75
Figura 12: Ternos de Congada do Penacho em cortejo pela cidade de Uberaba.....	75
Figura 13: Terno de Congada do Penacho - ano 1889.....	77
Figura 14: As continuidades congadeiras, família Honorato.....	83
Figura 15: Caixas e Caixeiros do Terno de Congada do Penacho – Uberaba-MG.....	115
Figura 16: Congadeiros atentos ao comando do General.....	121
Figura 17: Congadeiros sentados na praça da igreja.....	126
<i>Figura 18: Código ideográfico Adinkra - Sankofa.....</i>	<i>129</i>
Figura 19: Mestras e Mestra dos Saberes Populares.....	135
Figura 20: Momento de construção das Bionas.....	136
Figura 21: BIONAS: Sou Congadeiro dá licença!? Minha vida é resistência.....	138
Figura 22: BIONAS Cognadeira ganhando o mundo.....	140

## **LISTA DE SIGLAS**

UFTM – Universidade Federal do triângulo Mineiro

PPGE - Programa de pós-Graduação em Educação

BIONAS – Bionarrativas Sociais

## ROTA DE NAVEGAÇÃO

<b>SALVE MARIA! Ô ABRE ALAS DEIXA OS CONGADEIROS PASSAR.....</b>	<b>19</b>
<b>“MARCHA DOBRADA DÁ O RITMO: OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA”.....</b>	<b>34</b>
<b>CENA 1 - DO TUMBEIRO ÀS RUAS DE UBERABA: OS CAMINHOS DAS CONGADAS”.....</b>	<b>44</b>
DE ÁFRICA ÀS MINAS GERIAS – PISANDO EM TERRA SECA.....	53
TREZE DE MAIO DE 1888.....	60
AS CONTAS DO MEU ROSÁRIO – A FÉ CONGADEIRA .....	67
<b>CENA 2: “O TEMPO ESPIRITO: GÊNESIS DA NARRATIVA DE SI”.....</b>	<b>81</b>
<b>CENA 3 – NASCE A PEDAGOGIA CONGADEIRA! NARRAR OU SER NARRADO?!</b> .....	<b>96</b>
PEDAGOGIA CONGADEIRA.....	98
MUSICALIDADE.....	112
CORPOREIDADE.....	117
ANCESTRALIDADE.....	124
PLANTA QUE O CHÃO DÁ, SÓ NÃO DÁ SE NÃO PLANTAR – GERMINAÇÃO DA BIONARRATIVAS SOCIAIS.....	133
<b>INCONCLUSÕES E POSSIBILIDADES.....</b>	<b>142</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>145</b>

## VAMOS, MINHA GENTE VAMOS!

♪♪♪♪ Vamos minha gente vamos,  
A praia do mar,  
Vamos minha gente vamos,  
A praia do mar,  
Vamos ver o barco novo, se já pode navegar  
Vamos ver o barco novo, se já pode navegar...♪♪♪

Ecoa o canto congadeiro e ancestral ao apresentar esta carta convite, convidando-o a embarcar nas águas autobiográficas destas palavras, onde estabeleceremos um diálogo utilizando termos comuns entre nós, congadeiros, os quais serão elucidados ao longo do texto.

A bordo do "**barco**" Honorato, estava a estudar a **mim**. A palavra "mim" não se refere diretamente ao pronome pessoal, mas sim a uma maturidade ancestral construída pelos meus mais velhos.

Nos nossos escritos, a palavra "**barco**" é empregada com um sentido acolhedor, como um companheiro ou uma família, como bem descrito por Felipe Bandeira em seu artigo intitulado "Relembrando a Travessia".

Barco ou malungo: Este termo evidencia como os escravizados da África bantu resinificaram laços de solidariedade e começaram a se descobrir como irmãos nas Américas (2019, s.p).

Com as velas em tons de azul e branco erguidas aos céus, navegaremos seguindo o ritmo das águas em uma rota fluídica e orgânica, sob a liderança dos "Guardiões do Sagrado". Estes soldados congadeiros são detentores e preservadores dos conhecimentos ancestrais, responsáveis pela organização e execução dos ritos congadeiros, transmitidos de uma geração para outra através da musicalidade.

São eles que nos conduzirão nessa jornada costeira, cujo percurso histórico é marcado por faróis e portos que revelam a exploração mercantilista dos colonizadores, os quais arrancaram meus antepassados da África, forçando-os a cruzar o vasto Atlântico, conhecido como **kalunga**, como bem definiu Felipe Bandeira (2019):

A etimologia da palavra faz alusão à travessia atlântica e deriva da mesma raiz que a palavra Kalunga que, representada pelas águas do mar, significa a linha divisória que separa os vivos dos mortos. Atravessar a Kalunga (o grande mar), portanto, constituía um verdadeiro rito de passagem que envolvia um grande sofrimento que era compartilhado por homens e mulheres, adultos e crianças.

A travessia da kalunga desencadeou processos de aniquilamento físico e psicológico, levando os escravizados a manifestar intensos sintomas identificados como **banzo**, conforme mencionado no Dicionário da Língua Portuguesa de A. Houaiss (2001):

(substantivo masculino), processo psicológico causado pela desculturação, que levava os negros africanos escravizados, transportados para terras distantes, a um estado inicial de forte excitação, seguido de ímpetos de destruição e depois a uma nostalgia profunda, que induzia à apatia, à inanição e, por vezes, à loucura e à morte. (p. 397)

Nesse curso marítimo, reivindicaremos nossas narrativas, apropriando-nos das trajetórias percorridas por nosso povo, que foi arrancado da África e transformado em mercadoria em terras brasileiras. Essa jornada abarca diversos processos de auto-organização e reinterpretação de nossa fé ancestral, mantendo nosso **axé**, termo que frequentemente empregaremos ao longo desses escritos. E assim Luiz Rufino (2019) o define:

O axé compreende-se como a energia viva, porém não estática. É, a rigor, a potência que fundamenta o acontecer, o devir. Assim, na lógica negro-africana, o axé é transmitido, potencializado, compartilhado e multiplicado. Essas dinâmicas de condução do axé se dão por meio de diferentes práticas rituais, e o axé é imantado tanto na materialidade, quanto no simbólico, expressando-se como um ato de encante (2019, p.66).

A auto-organização, que nos conferiu fortaleza em múltiplas batalhas e na formação de movimentos abolicionistas contrários ao sistema escravocrata estabelecido pelos colonizadores europeus, impulsionou o surgimento e a consolidação dos quilombos. Esses redutos se propagaram por todo o território brasileiro, representando espíritos resilientes em busca da liberdade usurpada, transmutada e (re)significada pelas **escravizadas** e **escravizados**. Ao navegar das escritas faremos o uso do termo:

**“escravizadas/escravizados”**, e não escrava/escravo, porque escravizada/o descreve um processo político ativo a desumanização, enquanto escrava/o descreve o estado de desumanização como a identidade natural das pessoas que foram escravizadas (KILOMBA, 2019, p.20).

Penetraremos nas senzalas, evidenciando nossos conhecimentos e instruções, que são transmitidos organicamente por meio de cânticos, danças e rituais que ressoam nos pontos/cânticos entoados e nos gestos expressos pelos corpos em estado de festividade determinada. Isso implicará na desconstrução das abordagens cartesianas, uma terminologia frequentemente empregada em nossa trajetória. Contudo, é importante ressaltar que essa referência não se relaciona diretamente com a perspectiva de Descartes, mas sim com as estruturas divisivas que historicamente nos segregaram e classificaram como objetos, perpetuando uma estrutura racional e racial que serviu aos interesses imperialistas dos colonizadores europeus.

Nas terras zebuínas e jurássicas em que nos encontramos, mantemo-nos resilientes na preservação de nossas práticas sagradas. Invadimos as ruas da cidade e adentramos nas igrejas que, em tempos passados, nos ignoravam. Entoamos nossos cânticos sagrados nas encruzilhadas e proclamamos que não regressaremos aos cárceres e senzalas que um dia nos acolheram.

As palavras zebuína e jurássica, mas sinônimo de indenitário e reconhecimento para cidade de Uberaba, terra dos coronéis, tem esse reconhecimento devido a cidade ter um dos maiores parques do gado zebu do mundo, e jurássica pelo parque de fósseis jurássicos reconhecidos no Brasil.

Ao longo deste texto, empregaremos o termo "ponto" para se referir às canções dos congadeiros, uma palavra que carrega o significado de entoar em momentos específicos, onde a força da expressão vocal se manifesta como uma forma encantadora de comunicação. Esses "pontos" são descritos tal como são cantados, valorizando a linguagem peculiar dos congadeiros.

Essas composições serão encontradas em diversas ocasiões, sendo narrativas cantadas que adquirem diferentes interpretações à medida que se entrelaçam com o tempo e o espírito de cada indivíduo. Isso contribui para conectar eventos, necessidades e oportunidades de efetivação da Lei 10.639/2003 por meio de uma pedagogia que auxilia na descolonização do pensamento eurocêntrico, que há muito tempo está enraizado nas estruturas

educacionais. Essa abordagem pedagógica oferece a possibilidade de desvendar novos mundos e saberes, bem como combater o racismo e a discriminação, além de valorizar a rica cultura africana. Neste contexto, denominamo-la de Pedagogia Congadeira.

Os escritos aqui presentes têm como objetivo fundamentar a importância da congada de Uberaba no âmbito educacional, fomentando diálogos e destacando possibilidades de vivenciar a educação em diversas dimensões, que se estendem desde o ambiente familiar até a universidade. Eles traçam o perfil de uma Pedagogia Congadeira como uma jornada em busca do autoconhecimento e de uma perspectiva coletiva e plural. Isso implica tornar-se sujeito de sua própria história e trajetória, reconhecendo e reafirmando a história ancestral do povo negro escravizado. Eles nos mostram como esses indivíduos, por meio de ressignificações de suas trajetórias, em busca da sobrevivência, conseguiram se auto-organizar e encontrar firmeza em terra firme, através do canto, da vibração e da prática do congo, resistindo e persistindo em meio a diferentes desafios e vitórias, que foram marcados por sangue e memórias, profundamente ancoradas na ancestralidade. Assim seguimos cantarolando nossas vivências, estirando as bandeiras e dando viva a essa gente brasileira

♪♪♪...Meu general, lhe peço licença,  
Joguei o barco na água para ver no que vai dar,  
Se o barco não tem remos,  
com as mãos vamos remar  
Chegando na outra margem estendemos a bandeira  
E vamos dar um viva a essa gente brasileira  
Ô viva, Ô viva, Ô viva a liberdade aruê...♪♪♪...

## SALVE MARIA! Ô ABRE ALAS DEIXA OS CONGADEIROS PASSAR

Salve Maria! Salve São Benedito! Salve Nossa Senhora do Rosário! E com o cumprimento de nossos ancestrais, os pretos congadeiros, iniciaremos nossa jornada em meio a um mar ancestral, com a intercessão dos cativos. Rogo os dizeres que por aqui deixaram, e como reais ascendentes cultuaremos...

♪♪♪... Ô nas horas de Deus amém,  
Ô nas horas de Deus amém,  
Eu quero ver benzer primeiro,  
Para se livrar dos maus que vêm...♪♪♪

Por meio de um cântico entoado com fervor, solicitaremos a bênção dos mais experientes e dos mais jovens, e, com a aquiescência dos antepassados, içaremos as velas de nossa embarcação. Nesse ato, despertaremos aqueles que estavam cativos, unindo nossos corpos em harmonia com o sagrado que nos permeia, empunhando com firmeza nossas espadas e bastões. Ergueremos nossas bandeiras, cujas cores serão o branco e o azul anil, enquanto ecoam os tambores meticulosamente esculpidos e afinados pelas instruções e pelos cantos de resistência e sabedoria dos Guardiões do Sagrado. Assim, preservaremos a narrativa do povo negro, mantendo-a viva e vibrante.

Figura 01: Terno de Congada do Penacho concentração Quartel General



Fonte: Acervo do autor (2021)

Com semblantes trajados à moda marinheira, seus corpos e espíritos resguardados e agraciados pelos veneráveis, adornados com penachos, rosários, contas e guiados por preces e reflexões, conforme eloquentemente ilustrado na imagem acima, alinhados sob uma ancestral ordem temporal, moldada pelos prazeres e amarguras coloniais, embarcaremos em nossa jornada a bordo do "Honorato". Este nome, batizado nas águas doces, é uma homenagem reverente àqueles que precederam, e nele os convido a navegar por águas revoltas. Seremos liderados e ancorados por autores e autoras que lançam luz sobre os movimentos e as marés que enfrentaremos, avistando o solo firme que nos permitirá germinar nossas sementes ancestrais.

São esses eruditos que nos facultarão a orientação nessa empreitada acadêmica que, até recentemente, relegava-nos à invisibilidade e ao silêncio em seus escritos, estudos e movimentos. Em conformidade com uma ótica eurocêntrica e colonizada, essas figuras obedecem às diretrizes dos senhores desta terra zebuína, que ecoa tempos remotos e ostenta seu domínio branco.

Nos campos de colheita delineados por Grada Kilomba (2019), percebe-se que as aragens de suas escritas materializam-se aqui. Continuamos silenciados, mantidos afastados da consciência coletiva, enquanto nossas dores e represálias permanecem ocultas no cerne de nossas almas. São movimentos involuntários de nosso espírito que pulsam diante da verdade, mantendo vivo o medo branco que se consolida e se manifesta em diversas camadas da sociedade.

O intelectual negro Dr. Abdias Nascimento (1914-2011) trilhou uma trajetória repleta de lutas e conquistas, agraciado com inúmeras honrarias e indicações ao Nobel da Paz, tanto em 1978 como em 2010, dentre outras distinções. Além disso, exerceu o cargo de deputado federal (1983-1987) e senador (1997-1999) pelo estado do Rio de Janeiro. Em meio a suas numerosas realizações e obras, destacou-se como o criador do Teatro Experimental do Negro (TEN). Desde sua vida e obras, ele já nos oferecia vislumbres das escritas vívidas, da luta e das organizações sociais voltadas ao povo negro. Em um contexto onde os colonizadores dominavam a escrita e a leitura, os escravizados permaneceriam perpetuamente invisíveis, manipulados por intrincadas narrativas que lançavam o véu do olvido (NASCIMENTO, 2016).

Ao longo da escrita desta dissertação, empregaremos o termo "escravizado", adotando a semântica tal como delineada por Elizabeth Harkot-de-La-Taille e Adriano Rodrigues dos Santos em seu artigo "Sobre Escravos e Escravizados: Percursos discursivos da conquista da Liberdade", publicado no III Simpósio Nacional de Discurso, Identidade e Sociedade: Dilemas e Desafios na Contemporaneidade, em 2012.

O termo escravo reduz o ser humano à mera condição de mercadoria, como um ser que não decide e não tem consciência sobre os rumos de sua própria vida, ou seja, age passivamente e em estado de submissão, o vocábulo escravizado modifica a carga semântica e denuncia o processo de violência subjacente à perda da identidade, trazendo à tona um conteúdo de caráter histórico e social atinente à luta pelo poder de pessoas sobre pessoas, além de marcar a arbitrariedade e o abuso da força dos opressores (TAILLE; SANTOS, 2012, p.8).

Empregando essas estratégias de dominação, os colonizadores assumem narrativas que deturpam os fatos, implantando uma inegável ideologia de aceitação de todos os abusos, mitificando e embranquecendo nossas vivências, promovendo uma subserviência às adversidades da vida cotidiana e estabelecendo complexos que, em doses homeopáticas, contribuem para a opressão do povo negro, justificando a avidez mercadológica e a desumanização em nome da divindade.

Uma pesquisa conduzida na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), compreendendo 130 (cento e trinta) instituições, com um acervo de 774.909 (setecentos e setenta e quatro mil, novecentos e nove) dissertações e teses nas áreas de Antropologia, Ciências Sociais, História, Artes e Educação, ao explorar os descritores "congo" e "congada", depara-se com pesquisas conduzidas em várias regiões do país e por diferentes programas de pesquisa, todas voltadas à documentação e compreensão dos movimentos da congada em território nacional. No entanto, é pertinente destacar que a Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) não possui nenhuma referência à temática registrada na plataforma da BDTD (BDTD, 2022).

Há 133 (cento e trinta e três) anos, a Congada demonstra sua resiliência nas terras zebuínas, que há 202 (duzentos e dois) anos deixaram de ser conhecidas como "Arraia da Farinha Podre" e passaram a ser denominadas como Uberaba, a "Princesinha do Sertão" e polo estudantil de Minas Gerais.

Desde 1953, a cidade acolhe os embriões do que hoje conhecemos como Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM, uma instituição reconhecida internacionalmente por suas contribuições à sociedade brasileira em termos de trabalhos e avanços científicos (IBGE, 2022).

O primeiro registro da congada nas terras zebuínas se materializa por meio do registro fotográfico de José Severino Soares, datado de 1889, conforme documentos do arquivo público da cidade de Uberaba (MOÇAMBIQUE E CONGOS, 1993).

Figura 02: Terno de Congada do Penacho - ano 1889



Fonte: Arquivo público de Uberaba, 1889

Refletindo sobre as palavras anteriormente expostas e analisando os números e as declarações apresentadas, chego a ponderações acerca da notável ausência de registro da principal forma de resistência negra em Uberaba, a congada, nas universidades de destaque deste país.

É crucial indagar: qual é a missão das instituições universitárias? O que justifica essa aparente invisibilidade? Será que nossos saberes carecem de validação? Em uma alusão à obra de Gayatri Spivak, intitulada "Podem os Subalternos Falar?", questiono a capacidade de expressão e representação que me é conferida como um indivíduo inacabado, negro, praticante da congada e

descendente de Antônio Honorato (in memoriam) e Maria Honorato (in memoriam), neto de Manoelina, Selma e Wilson (in memoriam), filho de Rosa (in memoriam) e Reginaldo, sobrinho de Admilson, Anilson, Rosemar e Itamar, esposo de Jesiane, pai de Maria Flor, cujos pais eram uma habilidosa bordadeira e um habilidoso metalúrgico, adepto da umbanda, criado sob as influências de Oxum e Oxóssi. Adicionalmente, sou licenciado em Educação Física e Pedagogia, com especialização em Educação Social, Educação Física Escolar e Gestão Escolar, atuando como gestor escolar e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFTM, com foco em Fundamentos Educacionais e Formação de Professores.

Tais questionamentos não buscam abalar uma instituição sólida, perspicaz e repleta de potencialidades como a universidade, mas sim instigar uma reflexão. Esta reflexão é necessária, não apenas por minha própria motivação, mas em respeito aos meus antecessores e àqueles que, muito antes de minha presença nestas estranhas terras zebuínas, resistiram e continuam resistindo, mesmo quando desconhecemos as origens dessas adversidades.

As estruturas atuais não permitem que nossas vozes sejam plasmadas, lidas, entoadas e escutadas. Se não nos permitem sequer pensar e expressar, quem dirá oferecer um espaço para que possamos nos articular.

O colonizador teceu uma narrativa dominadora que deturpa diálogos e escutas, relegando o outro à invisibilidade em relação à sua própria história. Eles fomentam uma dicotomia neurótica que resguarda seu ego, engendrando ilusões ideológicas, deturpando verdades e momentos que massageiam seu egoísmo, manifestado na perversidade interna. Esta perversidade se disfarça e se incorpora aos corpos e almas da comunidade negra (KILOMBA, 2019).

Abdias Nascimento (2016) endossa essa perspectiva em sua obra, citando as ideias de Paulo Prado e Oliveira Viana, ressaltando que, em meio a uma constante miscigenação promovida pelos colonizadores europeus, o negro gradualmente desaparece, não apenas em termos morfológicos, mas também socialmente, psicologicamente e intelectualmente. Este processo foi intencional, visando extinguir quaisquer resquícios da herança africana dessa terra colonizada e puritana.

De repente, fomos silenciados, mantidos à margem do conhecimento consciente, com as dores e represálias ocultas em nossas almas. Nossos

espíritos reagem involuntariamente à verdade, mantendo vivo o temor instilado pelos brancos, que se enraíza e se materializa em várias camadas da população negra (KILOMBA, 2019).

Eles meticulosamente delinearão e estruturaram uma classificação semântica que perpetua hierarquias, relegando histórias e movimentos como a congada à obscuridade, desmerecendo um legado e uma história de resistência popular e ancestral. Estimularam uma narrativa soberana que controla e manipula diálogos e percepções, subjugando o outro à condição de invisibilidade perante sua própria narrativa histórica (KILOMBA, 2019).

Para essa cultura de identificação branca o homem folclórico reproduz o homem natural, aquele que não tem história, nem projetos, nem problemas: ele possui de seu apenas sua alienação como identidade. Sua identidade é, pois, sua mesma alienação. Desde que a matéria-prima é o não ser que aguarda a forma, podemos concluir, a respeito do folclore negro, ser ele uma espécie de matéria-prima que os brancos manipulam e manufaturam para obter lucro (2016, p. 147).

Nossas produções literárias e empreendimentos intelectuais, até recentemente, permaneciam latentes, alimentadas pelo melancólico sentimento de banzo que inexoravelmente nos conduziria ao abismo do esquecimento coletivo. Isso ocorria devido ao romantismo folclórico que menosprezava o movimento de resistência, relegando-o a uma commodity de ocasiões partidárias, episódicas e triviais.

Quando menciono o centro, não faço menção ao centro hegemônico e eurocêntrico ensinado nas escolas colonizadas. Para eles, o local onde me encontro é considerado periférico, remoto e desprovido de calor humano, representando o epitáfio do medo. O centro ao qual me refiro é aquele do qual emanei minha essência, permeado por um aprendizado circular e cadenciado, abençoado pelas gerações mais antigas, enraizado em riquezas e raízes orgânicas, fluídicas e naturais, conforme delineado no preâmbulo desta narrativa.

Submerso em um estado de melancolia profunda, cortejando o desespero, a súbita partida de Rosa abalou as terras sob meus pés. Eu era já um homem, mas ainda carregava a inocência da infância, e tive que encarar a dor da despedida daquela que me agraciara com o dom da vida. Rosa se transformou na ancestral mais próxima de mim. Com o passar do tempo, percebi

que sua partida fora necessária e temporária. Gradualmente, seus gestos e sua essência se encarnaram em outros elementos ao meu redor, com a congada e a saudade se entrelaçando e se tornando uma parte inseparável da minha alma.

Em um momento de quase renúncia à jornada de me tornar um mestre acadêmico, uma decisão justificada pelos desencontros e pelo distanciamento de minha própria essência, causado pelo encantamento de Rosa e pelas dificuldades de adaptação e compreensão do processo de ensino-aprendizagem em meio a uma pandemia, foi então que um oásis de esperança surgiu. Sem dar atenção aos mares tumultuados pelos quais eu navegava, Danilo Seithi Kato, professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFTM, penetrou em minhas profundezas, reconheceu minha jornada, estendeu a mão e me ofereceu a continuidade.

Foi na disciplina de "Interculturalidade e Educação Popular: Saberes Afroameríndios Decoloniais" que encontrei o caminho de volta para minha essência. Esta disciplina, ministrada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFTM, teve como base os saberes provenientes das tradições culturais afro-brasileiras e indígenas, abordando estudos e debates sobre os processos educacionais emergentes dos territórios e identidades culturais.

A Interculturalidade crítica como perspectiva para pesquisas que envolvam o conhecimento científico em contexto educativo pluriétnico e multicultural. Aportes teóricos dos estudos pós-coloniais, decoloniais e da educação intercultural. Parte de aspectos teóricos e práticos da educação popular para discutir a educação das relações étnico-raciais, abordando metodologias de pesquisa com enfoque colaborativo, tais como a investigação-ação. Objetivos: 1. Promover a extensão universitária popular e a formação de um coletivo educador envolvendo lideranças de matrizes culturais afro-brasileiras e indígenas, professores universitários em uma proposta de formação intercultural na pós-graduação; 2 -Apresentar o campo da pesquisa em Educação Intercultural, em especial a Educação em Ciências, e suas implicações para pensar a diversidade cultural e as desigualdades; 3 - Valorizar e conhecer manifestações culturais afro-brasileiras e indígenas e produzir materiais e propostas curriculares em atendimento à lei 11.645/08. (2022, p.05)

No inaugural ato organizacional entre os estudantes, a congada foi apresentada como uma das fontes de estudos referentes a desconstruções e construções socioculturais. Em consonância com um ímpeto pessoal, pleiteei a

palavra e formulei a requisição para integrar aquele grupo de estudos. No desdobramento subsequente dos encontros e interlocuções, percebi que era uma das raras ocasiões em que me sentia legitimamente integrado àquele contexto acadêmico, que até então havia negligenciado o escopo que abrigava minha cultura.

No âmago das percepções e dimensões de meu eu, empreendi um estudo intrínseco, navegando pelas profundezas do "auto-mar" de minha existência. As linhas, imagens, tambores, cores e cânticos desvelaram facetas íntimas, raciocínios e comportamentos que, até então, eram considerados estranhos e impraticáveis à luz do ambiente acadêmico circundante.

Assim, as feridas têm sido expostas, e nosso luto se converte em verbo, à medida que, a cada encontro, as desconstruções e construções ressignificam os caminhos e trilhas a serem navegados e percorridos, mantendo viva a memória de Rosa entre nós e engendrando possibilidades de diálogo com nossos semelhantes. Resistimos, celebramos a cultura congo e nos reconhecemos como congadeiros em variados espaços e circunstâncias.

Um semestre de imersão nos domínios da congada, explorando e desbravando terreiros e locais que se dispuseram a compartilhar suas vivências e resistências. Fomos envolvidos pela musicalidade, pelo respeito, pelo comprometimento, pela ancestralidade, pelo som de seus tambores, apitos e pela narrativa de sua história, pela espiritualidade e pelas complexas dinâmicas de poder, que incluem a ocupação territorial e a dicotomia das experiências nos espaços que a congada ocupa. Assim, germinamos, nascemos e conferimos vida às Bionarrativas Sociais - BIONAS: "Sou congadeiro, com sua licença!? Minha vida é resistência."

O termo BIONAS surge da percepção de que as produções escritas (narrativas) revelavam, além do intuito de oferecer abordagens alternativas para o ensino de Biologia a partir da perspectiva da diversidade cultural, também uma dimensão subjetiva das produções que mostrava aspectos relativos aos silenciamentos sociais e a oportunidade de se posicionarem frente a alteridade (KATO, 2020).

Expresso sob a forma de um E-book, inspirado pelas vozes e instituições dos Guardiões do Sagrado, a BIONAS emerge como uma ferramenta de combate e perseverança dos adeptos da congada, almejando uma abrangência em termos de territórios e narrativas. Ela busca afirmar e estabelecer: nossa

identidade; nossa localização; e nossos objetivos; visando ocupar papéis ativos em nossos respectivos períodos e espaços. Esta existência é sustentada pelo ritual de fé e resistência, cada vez mais vigoroso, seguindo estritamente os preceitos transmitidos pelas gerações mais antigas.

Figura 03: BIONA: Sou Congadeiro dá licença!? Minha vida é resistência



Fonte: Acervo do autor, 2021

A BIONAS, intitulada "Sou congadeiro, dá licença!? Minha vida é resistência", representa um recurso didático-pedagógico produzido pelos mestrandos do PPGE-UFTM, em colaboração com mestres dos saberes populares. O material se estende por 54 páginas, repletas de cores e cânticos, oferecendo uma explanação detalhada sobre a dinâmica de resistência da congada. Ele está enriquecido com QR Codes e links que proporcionam uma imersão na cultura congadeira por todo o Brasil.

A trajetória da congada, que se desenvolve de forma circular e ancestral, tem sido impulsionada por diversas esferas, desde o ambiente acadêmico até a sala de aula, da capacitação de professores à formação de alunos. Ela se configura como uma poderosa pedagogia, estabelecendo diálogos e abrindo novos caminhos para uma Educação para Relações Étnico-Raciais. Essa abordagem desconstrói paradigmas e amplifica a sabedoria de um povo que enfrenta desafios constantes e se adapta, encontrando maneiras inovadoras de persistir.

É necessário sublinhar que tais políticas têm, também, como meta o direito dos negros, assim como de todos cidadãos brasileiros, cursarem cada um dos níveis de ensino, em escolas devidamente instaladas e equipadas, orientados por professores qualificados para o ensino das diferentes áreas de conhecimentos; com formação para lidar com as tensas relações produzidas pelo racismo e discriminações, sensíveis e capazes de conduzir a reeducação das relações entre diferentes grupos étnico-raciais. Estas condições materiais das escolas e de formação de professores são indispensáveis para uma educação de qualidade, para todos, assim como o é o reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos descendentes de africanos (BRASIL, 2004, p. 11).

Com o intuito de efetivar as diretrizes estabelecidas na lei 10.639/2003, que demanda diálogos pertinentes em diversas áreas, visando a desarticulação de paradigmas coloniais e a desconstrução das narrativas que sustentaram o processo de escravização vivenciado pelo povo negro, bem como a revisão do mito da democracia racial, que subalterniza os negros e ignora as desigualdades históricas criadas para atender aos interesses da burguesia colonialista, causando prejuízos significativos para a comunidade negra (BRASIL, 2004).

Nesse contexto, realizamos uma série de movimentos formativos junto a educadores e alunos da rede pública de ensino de Uberaba, participando de congressos e seminários. Em uma dessas oportunidades, transcendemos as fronteiras virtuais e retornamos à terra-mãe, a África.

Sob a luz incandescente de uma lamparina, que projetava a minha sombra e clareava o "auto-mar" do conhecimento, conduzido pelo professor Danilo Seithi Kato, descobri o propósito interno de tornar meu processo de mestrado um instrumento revitalizador de nossa história, minha e do meu povo, estabelecendo firmes passos dentro e fora do ambiente acadêmico. Essa empreitada resultou na concepção da Pedagogia Congadeira, tendo a congada como objeto de pesquisa e os congadeiros como protagonistas do processo.

Movidos por questionamentos que fortaleceriam a conexão entre minhas experiências pessoais e profissionais e a congada, surgiram indagações fundamentais: Quais processos educativos podem ser identificados nas manifestações das congadas em Uberaba-MG? Esses processos educativos indicam o potencial de uma Pedagogia Congadeira? E como essa pedagogia pode contribuir para uma perspectiva de Educação para Relações Étnico-Raciais (ERER)?

Essas questões destacam a necessidade de traçar rotas para a análise e compreensão dos processos de ensino-aprendizagem presentes na congada de Uberaba. Portanto, navegaremos em águas profundas, não mais confinados nos navios negreiros, mas sim na busca pela identificação e análise dos elementos educativos presentes na congada e como podem ser aplicados no contexto escolar.

Em outubro de 2004, durante o governo do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), o Ministério da Educação elaborou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Essas diretrizes visaram atender às demandas das comunidades afrodescendentes, propondo políticas afirmativas de reparação e valorização da história, cultura e identidade negra. Além disso, promoveram a produção e divulgação de conteúdos que formam atitudes, valores e posturas em conformidade com os princípios da democracia, garantindo o reconhecimento nacional dos negros e sua capacidade de expressar autonomamente suas ideias e organizações (BRASIL, 2004).

A discussão dessas temáticas transcende o movimento negro e alcança também a escola, uma instituição social que deve garantir o direito à educação a todos os cidadãos, posicionando-se de maneira democrática contra qualquer forma de discriminação. Conforme o Artigo 5º da Constituição Brasileira, o racismo é considerado crime inafiançável e deve ser repudiado por todos os cidadãos e instituições, incluindo a escola (BRASIL, 2004). Portanto, o Ministério da Educação propôs o estudo dessas questões, promovendo a reflexão sobre a educação para as relações étnico-raciais e a importância de uma abordagem inclusiva em todos os níveis de ensino.

Pedagogias de combate ao racismo e a discriminações elaboradas com o objetivo de educação das relações étnico/raciais positivas têm como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra. Entre os negros, poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identifiquem as influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com as outras pessoas, notadamente as negras (BRASIL, 2004, p.16).

Um vasto espectro de pedagogias tem se incorporado aos âmbitos educacionais, ampliando, assim, nosso campo de estudo e fortalecimento. Dentre estas, destaca-se a Pedagogia da Encruzilhada, concebida e vivenciada por Luiz Rufino (2019), que nos brinda com uma perspectiva subversiva, sob o prisma de Exú, que desafia as estruturas estabelecidas pelas artimanhas coloniais. A Pedagogia de Terreiros, como elaborada por Macedo, Maia e Santos (2019), nos conduz por trilhas na construção de saberes afro-referenciados, promovendo a desconstrução das cargas coloniais e fortalecendo a identidade ancestral, reconhecendo e celebrando as diferenças. Por fim, a Pedagogia da Tradição, como habilmente dissertada por nossa baluarte Rosa Margarida (2011), aborda o processo de ensino-aprendizagem sob a perspectiva da tradição oral, com base em referências presentes nas comunidades afro-brasileiras.

A Pedagogia Congadeira compartilha dessas influências e raízes, ancorando-se nas belezas e nas lutas da rica interseção histórica entre África e Brasil. Ela presta homenagem aos ancestrais, valorizando a musicalidade e a corporeidade, proporcionando um espaço para o diálogo e a construção/desconstrução de caminhos para a Educação para as Relações Étnico-Raciais. Esta pedagogia visa descolonizar saberes sedimentados, com o propósito de valorizar a sabedoria pertencente a um povo que persiste em sua luta e reinvenção, apropriando-se de sua própria identidade e encontrando novas formas de (re)existir. Ela é fluida, orgânica e compartilhada, desafiando paradigmas, caracterizando-se como um processo contínuo de intercâmbio (BRASIL, 2004).

A Pedagogia Congadeira encontra sustentação na lei 10.639/2003, que estipula a inclusão obrigatória da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" nos currículos escolares. Desta forma, ela se insurge como uma necessidade premente de ampliar e consolidar o campo de estudo e resistência da congada na cidade de Uberaba, tendo em consideração seus inúmeros e ricos elementos educacionais, ancorados na ancestralidade, musicalidade e corporeidade.

O ensino de Cultura Afro-Brasileira destacará o jeito próprio de ser, viver e pensar manifestado tanto no dia-a-dia, quanto em celebrações como congadas, moçambiques, ensaios, maracatus, rodas de samba, entre outras (BRASIL, 2004,0 p.17)

A presente pedagogia, até então não teorizada nos âmbitos científicos educacionais, assume uma relevância inquestionável, à medida que nos permite experimentar, refletir e teorizar uma autêntica arte de resistência, forjada por nossos antepassados. Esta abordagem visa proporcionar os meios e as vias para a desconstrução dos "muros" educacionais meticulosamente erigidos pelos colonizadores.

A Congada se revela como um espaço de produção cultural, resistência e educação. Atravessa uma miríade de percepções, decodificando os costumes e saberes da comunidade negra para além do contexto da escravidão e do sofrimento que a permeia. Ela transcende as diretrizes mercadológicas, desafiando as estruturas colonizadoras e resistindo ao longo de séculos, mantendo o respeito àqueles que a precederam.

Refletindo sobre as lições e as oportunidades que a Congada nos proporciona, encontramos a riqueza da ancestralidade que nos ampara, a musicalidade que transcende a alma, tomando forma, cor e vida nos corpos e vozes. É um molde operante de organização política comunitária e autônoma.

Nossos griôs, Mestra Rosa Margarida e Dr. Jeremias Brasileiro, trilham os caminhos da resistência através da Congada, propagando o som dos tambores em diversos contextos, preservando e transmitindo conhecimento, contribuindo para a consolidação da lei 10.639/2003. Em nossa jornada de educação com fé, junto com caixas, apitos, bastões, canetas e lápis, codificamos e decodificamos saberes ancestrais. Essa produção manifesta-se em livros, artigos, produções culturais, eventos científicos (como cursos, palestras, seminários, congressos e rodas de conversa), representando os caminhos trilhados e fundamentados não apenas por Rosa Margarida e Jeremias Brasileiro, mas também por toda a comunidade Congadeira e o povo negro, que existe e resiste desde as travessias do Atlântico, tornando-se sujeitos de seus próprios destinos.

Essas pedagogias ensinam e permitem que seus praticantes experimentem a continuidade ancestral, manifestada na musicalidade e na sensação. A metodologia autobiográfica, utilizada como ferramenta dialógica na construção desta dissertação, nos oferece suporte e base para conectar vivências individuais às dimensões coletivas. Ela desconstrói paradigmas rigidamente estruturados em métodos tradicionais de pesquisa, permitindo que

o pesquisador se aprofunde nas sensações, limitações e potencialidades de sua pesquisa, tornando-se um sujeito autobiográfico.

As narrativas autobiográficas se entrelaçam em cenas, em uma dinâmica atemporal, em um movimento espiral de encontro com o tempo. Essa abordagem nos permite explorar as percepções e dimensões de nossa formação integral, fundamentada na ancestralidade, musicalidade e corporeidade.

Na primeira cena, "Do Tumbeiro às Ruas de Uberaba: Os Caminhos das Congadas", exploramos recortes da história da população negra, que foi escravizada por uma ordem mercadológica colonial. Eles foram forçados a atravessar o Atlântico e se reinventar em terras brasileiras, apesar das adversidades que enfrentaram. Esses movimentos resultaram em mudanças geográficas e culminaram na formação das Minas Gerais. A Congada nasceu desse contexto, carregando em suas músicas as tristezas e alegrias, celebrando a liberdade conquistada ao longo do tempo.

Na segunda cena, "O Tempo Espírito: a Gênese da Narrativa de Si", aprofundamos nossas experiências e ensinamentos no seio da comunidade, ancorados na fé ancestral e transmitidos pelas gerações mais antigas. Isso culminou na formação da Congada e seus princípios educativos.

Na terceira cena, "Nasce a Pedagogia Congadeira! Narrar ou ser Narrado?!", desenvolvemos uma pedagogia sustentada pela Lei 10.639/2003, que busca promover o diálogo com os saberes interculturais e processos formativos baseados na ancestralidade, corporeidade e musicalidade. Essa abordagem desafia os métodos tradicionais de pesquisa, permitindo que os sujeitos se conectem com suas próprias experiências e sensações de forma profunda.

Figura 04: Rota De Navegação - Pedagogia Congadeira



Fonte: Acervo do autor, 2022

Por meio das trajetórias delineadas na ilustração anterior, empreenderemos a nossa jornada a bordo da embarcação denominada "Honorato", capitaneada pelos zeladores do sagrado, incumbidos da tarefa de preservar-nos e orientar nossos rumos. Firmaremos nossas velas, entrelaçando os cordames, mantendo a fé e a alegria inerentes à nossa condição de congadeiro.

♪♪♪...Pois esse barco não é meu e nem seu,  
 Pois ele foi de papai e vovô,  
 Nesse barco eu nasci,  
 nesse barco eu me criei,  
 Nesse barco eu aprendi a remar...♪♪♪

As águas ancestrais refrescam e evocam os processos hierárquicos que fundamentam minhas vivências e aprendizados, transmitidos de avós para netos, dentro da dimensão espiritual de cada indivíduo, sustentando e moldando nossa continuidade.

A bordo da embarcação denominada "Honorato", desmistificaremos o Oceano Atlântico sob a lente de nossa contemporaneidade, imersos em nossas divindades, rituais e narrativas profundamente enraizados em nossa essência. Assim, torna-se possível abordar a matéria da minha própria experiência étnico-cultural, interagindo com o contexto global que me cerca, a fim de compreender a realidade que influencia minha existência e minha identidade. Este exercício envolve uma análise crítica do cinturão histórico no qual estou inextricavelmente enredado, sem a capacidade consciente de escapar, sem antes refletir sobre as falsidades, condicionamentos e distorções na construção e enquadramento da minha personalidade (NASCIMENTO, 2016).

Explorando as notas persuasivas e musicais da congada, em harmonia com os desafios dos tempos atuais, nas próximas seções deste trabalho, aprofundaremos nossas investigações nas águas enriquecidas de depoimentos entrelaçados com reflexões, comentários, críticas e considerações pertinentes a cada fase desta pesquisa. Estas experiências abrangem desde as esferas individuais até as coletivas, e além de se perpetuarem nestas páginas, almejam inspirar e fornecer modelos pedagógicos apropriados para a promoção e expansão do conhecimento relacionado à congada. Dessa forma, desvelaremos os mecanismos obscuros do barco naufragado das ilusões colonialistas.

### **“MARCHA DOBRADA DÁ O RITMO: OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA”**

♪♪♪...Dobrada a marcha, marcha dobrada,  
 eu e meus companheiros, e meus companheiros,  
 Vamos todos navegar,  
 Ô rema piloto, ô rema piloto,  
 A praia meu general...♪♪♪

Ao soar o toque e cântico das marchas, os ancestrais clamam por uma atenção redobrada, reconhecendo a necessidade de uma introspecção coletiva. Ainda a bordo do barco "Honorato", empreenderemos uma incursão nos escritos que se fundamentam e orientam por meio de uma pesquisa narrativa, inserida

no âmbito de uma abordagem qualitativa de investigação no campo da Educação, que nos conduzirá à elaboração e exposição das histórias vivenciadas.

Seguiremos os princípios orientadores delineados por estudiosas renomadas, tais como Maria Helena Abrahão, Ana Margarida da Veiga Simão, Lourdes Maria Bragagnolo Frison, Julia Guimarães Neves e Grada Kilomba, todas profícuas conhecedoras das águas e rotas dessas explorações. Elas nos incitam a alcançar uma apreciação pessoal mais profunda, fomentando reflexões escritas que permitam o reconhecimento de nossas capacidades cognitivas e emocionais, a construção de significados e a (re)interpretação de nossas escolhas, contribuindo para a formação de um indivíduo e coletivo mais consciente.

As narrativas autobiográficas revelam uma “busca ativa de desejos e realizações humanas, despertando potencialidades. A arte de narrar a própria história atrela-se à busca interior e imbrica-se com as dimensões espaço/tempo em que os sujeitos se encontram ao narrarem suas experiências” (ABRAHÃO, 2013, p. 9). A escrita de si apresenta-se, pois, como uma ferramenta por meio da qual as pessoas refletem sobre suas trajetórias e suas vivências construídas em contextos múltiplos: pessoal, familiar, escolar, profissional (FRISON; ABRAHÃO, 2019, p.3)

Ao redigir, o indivíduo incita a capacidade de refletir sobre sua trajetória, oriunda de um período distinto, de uma esfera diversa, permitindo assim a evocação, a recriação e a (re)interpretação das possibilidades estabelecidas em conjunto com outros, conectando eventos e ocorrências. Este empreendimento literário se traduz em um compartilhamento de experiências, mapeando épocas e locais que permanecem vívidos e ativos em suas memórias. Estabelece, portanto, um processo reflexivo fundamentado nas vivências que abrangem diversos cenários, desde o âmbito pessoal até o profissional, combinando teoria e prática nas reflexões escritas, em que as referências encontram eco nos eventos ocorridos, inspirando e enriquecendo os princípios de continuidade e disponibilidade educacional (SIMÃO; FRISON, 2019).

Adotamos a narrativa (auto)biográfica como meio de situar o pesquisador, promovendo a posição enunciativa que propicia reflexões e a produção de conhecimento decorrente do próprio ato de narrar a história pessoal. Tal

abordagem tem como ponto de partida e de chegada a experiência existencial do sujeito que a relata. Simeão e Frison, afirmam que

História de vida são um potente recurso metodológico em pesquisa qualitativa, em especial quando o pesquisador se preocupa em compreender o narrador como arquiteto da própria vida. Entendemos que a teoria formulada por esses pesquisadores funciona na acepção de instrumento metodológico, com o qual é possível operar compreensivamente processos que marcam fatos de uma existência e, na interlocução com o sujeito da narrativa, imprimir-lhes sentido. Na construção de histórias de vida, investigamos a própria história marcada pela reflexão dos percursos pessoais, profissionais vividos e das práticas de (auto) formação e de autorregulação da aprendizagem (SIMÃO; FRISON, 2019, p.74).

Aquele que narra sua história traz à tona momentos em que se confronta consigo mesmo, constituindo um modo intrínseco de investigação por meio de escritas reflexivas e relatos que abarcam dimensões variáveis de distintos nichos e vivências. Dessa forma, vincula a produção de sentido e conhecimento emergente das experiências vivenciadas pelo sujeito, despertando oportunidades para construir e desconstruir o âmbito que o circunda (SIMÃO; FRISON, 2019).

É desse contexto que nutrimos nossas escritas e conferimos novos significados às nossas andanças, singularizando percepções e pluralizando dimensões. Este é um processo atemporal, simultaneamente individual e coletivo, no qual os significados são múltiplos e ganham sentido na fluidez das vivências, rompendo com uma rigidez semântica, denominado organicamente como "tempo espírito", uma abordagem que será mais bem explorada à medida que o desenvolvimento das cenas se desenrola.

Esses escritos entoam cantigas e saberes, decodificados na ordem natural dos elementos que os cercam, integrados de maneira orgânica à natureza e à sagacidade semiótica dos anciãos. São narrados da mesma forma que se canta, com o propósito de compreender as origens, convidando-nos a experimentar seus reinados, ternos, esquadrões e batalhões, bem como a conhecer seus métodos de auto-organização, compartilhando a fé viva incorporada e abençoada pelos guardiões do sagrado.

Essa narrativa é cultivada em um horizonte impregnado de sensibilidade, encontros, desencontros, encantos e descobertas, desafiando os esquemas de uma lógica objetiva e seletiva que aprisiona o pensamento, transformando a

racionalidade em racionalização, tornando-se uma máquina de reprodução colonial e modernista. A objetividade modernista não pode subverter um sujeito sensível; ao fazê-lo, anula a dimensão do sensível (NEVES, 2022).

Engajado na tarefa de aprofundar observações e análises, imergi em busca de teorias que nos auxiliem a compreender e enriquecer nossa sensibilidade, assimilando nossa historicidade e transitando entre os fatos empiricamente observados. A partir disso, aprofundamos nossa compreensão histórica, partindo da maneira pela qual essa singularidade é produzida dentro da totalidade (SOUZA; VASCONCELOS, 2019).

Dessa forma, ampliamos nossa compreensão do que é a racionalidade, concebendo-a como "o incessante jogo entre nossa mente, que se organiza e dialoga com as aplicações do mundo 'real', conduzido por um sujeito que não é apenas a referência da natureza estruturante, mas é a representação de tudo aquilo que vivenciamos enquanto sujeitos sociais" (NEVES, 2022).

Em um gesto coletivo e cíclico de ensinar e aprender, fixamos nossas âncoras, tornando-nos sujeitos de nosso tempo e tomando posse de nossos caminhos. Estes caminhos são permeados por armadilhas coloniais e pelos espectros cartesianos que corroem nossos dias e nossas almas, minando os saberes e nos conduzindo ao esquecimento.

Néstor García Canclini, em seu livro "Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade" (1998), já abordou as artimanhas coloniais presentes nas políticas culturais e mercadológicas, que estimulam a perda de identidade de um povo que vive dentro dos arranjos de continuidades ancestrais. Os colonizadores apropriam-se dos contextos, promovendo uma confusão histórica que coloca o povo negro em uma condição de objeto, ocultando e minimizando os conhecimentos produzidos por eles. Isso exige que continuemos a lutar em diferentes espaços e possibilidades, apropriando-nos de nossa identidade e traçando nossos próprios caminhos.

As artimanhas coloniais instam-nos a materializar nosso axé de diversas formas, utilizando-o em variados meios. Isso implica em assumir um compromisso coletivo de não apenas sobreviver, mas também perpetuar nossas raízes, despojando-nos da influência da magia branca colonizadora. Tais esforços se utilizam de cantos, encantos, poemas e escritas como instrumentos.

Nesse contexto, nossa materialização não se restringe à produção escrita sobre uma determinada pedagogia, tampouco se limita exclusivamente à congada. Antes de tudo, trata-se de um chamado à responsabilidade intrínseca ao meu ser, uma apropriação do eu, um desprendimento dos locais remotos que outrora nos serviram de refúgio. Agora, é hora de ecoar e elevar nossos tambores, cânticos e corpos em espaços e contextos aos quais antes não tínhamos acesso.

É importante ressaltar que, por mais enérgico que seja o processo de libertação, ele se desenrola em um cenário marcado pela ternura, amor e responsabilidade (RUFINO, 2019). Nesse sentido, nosso empenho se manifesta como um artefato em um estado transcrito, líquido e solúvel, direcionado à descolonização desses caminhos. Isso implica em abrir e consolidar novas perspectivas, que transcendam as limitações impostas pela escassez e pelas artimanhas coloniais, bem como romper as barreiras invisíveis erguidas pelo cartesianismo que aprisiona mentes e corpos, resultando em desilusões que flertam com um sentimento de melancolia cotidiana, a chamada "magia branca".

É oportuno mencionar Júlia Guimarães (2022), cujos escritos reconhecem não apenas a capacidade de um indivíduo ser um pensador, mas também a habilidade de compreender-se como um agente de escolhas, decisões e ações que moldam a história. À medida que nossa ancestralidade permanecer viva em nossa cultura, continuando a incorporar os modos de pensamento e tradições de nosso povo, permaneceremos receptivos ao autoconhecimento, tanto em termos retrospectivos quanto prospectivos, como aqueles que buscam compreender a formação de nossas identidades.

É através dessas linhas que expresso meu ato político de escrever, assumindo a propriedade e a autoridade sobre meus próprios caminhos, tornando-me o autor e a autoridade de minha própria narrativa. Isso implica em resistir às pretensões coloniais e validar uma realidade que muitas vezes nem mesmo foi nomeada. Essa dissertação se baseia em minhas subjetividades, percepções e narrativas, que interagem e dialogam com meu povo, bem como com autores que fundamentam e validam nossos mares, encruzilhadas e jornadas em prol de uma educação significativa e enriquecedora para a comunidade negra.

♪♪♪♪... “Vou peneirando o mar,  
 Vou peneirando o mar,  
 Não sei o que vou achar,  
 Não sei o que vou achar” ...♪♪♪♪

Em um ato de escrutínio minucioso, refinaremos nossas descobertas e investigações, promovendo a (re) conexão de nossos saberes, conferindo-lhes significado por meio da pesquisa em uma ampla gama de fontes, como artigos, monografias, teses, dissertações e obras literárias, bem como cantos, análises e reflexões produzidas por autores que perseveraram na busca pela concretização e perpetuação de uma Educação para as Relações Étnico-Raciais, estabelecendo um diálogo com a perspectiva decolonial e com os saberes populares.

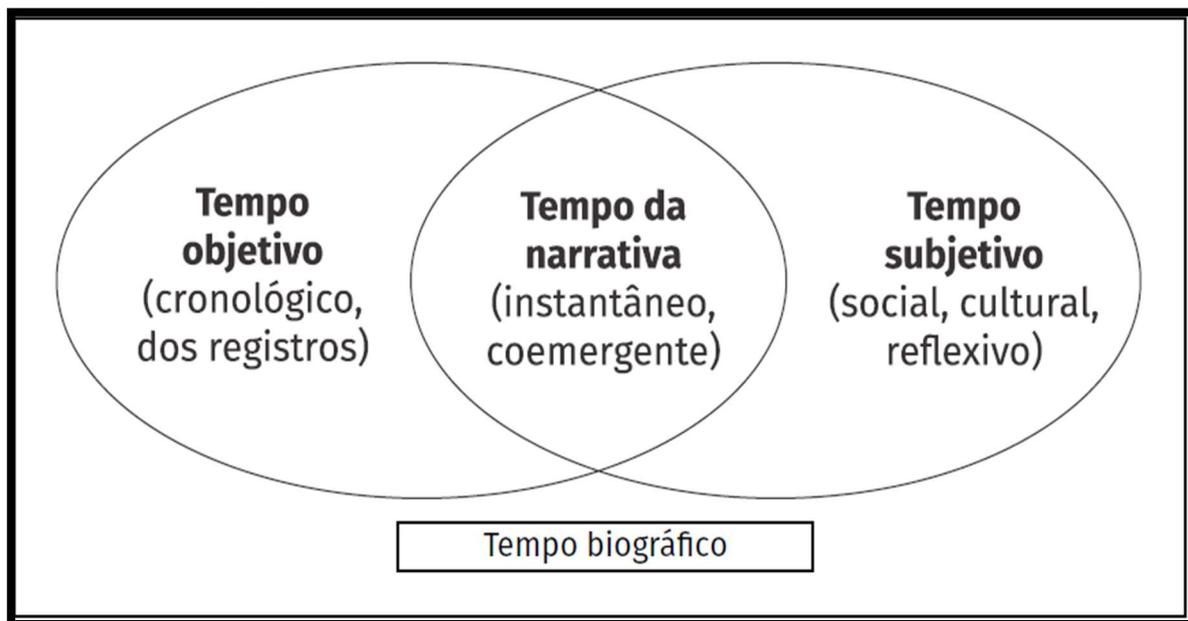
A abordagem metodológica (auto)biográfica, empregada como instrumento dialógico na construção desta dissertação, proporciona-nos um suporte e uma base sólida para conectar experiências individuais, ampliando-as em direção a dimensões mais abrangentes. Essa abordagem desmantela paradigmas estritamente arraigados nos métodos tradicionais de pesquisa, os quais frequentemente distanciam o sujeito pesquisador de seus próprios sentimentos e do aprofundamento nas sensações, limitações e potencialidades de sua investigação. Como descreve Neves (2022, p. 19):

O movimento que me leva da denúncia de um sujeito moderno ao anúncio de um sujeito (auto) biográfico acontece na passagem da ideia de um sujeito abstrato e ideal – um sujeito de destino inexorável – a um sujeito que cria a si mesmo na medida em que atribui sentidos à sua existência, e reconhece que sua história é arcada por experiências **com** o outro e com o mundo. A narrativa é, deste modo, o lugar de enunciação da vida e de anunciação do sujeito, “sua história de vida não é uma *déjàlà* a que a narrativa feita daria acesso, ela aparece em contrapartida como um dos espaços privilegiados de instituição do sujeito”. Enquanto lugar de construção da história e do próprio sujeito da história, a narrativa é o lugar de expressão da singularidade existencial que constitui, cada um de nós, o sujeito que é, o sujeito que está sendo, e o sujeito em seu devir: o sujeito (auto)biográfico tem a sua biografia constituída no e com o tempo.

Com respaldo em estudiosos como Deleroy-Momberger, Ricoeur e Honório Filho, Simão e Frison (2020) dissertam sobre a interconexão das

vivências com as memórias de eventos ocorridos em um local específico e dentro de um determinado período temporal. Nesse contexto, delineamos o conceito de "lugar" como o encontro com a experiência, caracterizado por representações significativas, sendo fortemente influenciado por um tempo singular vivenciado. Quando buscamos compreender a temporalidade, torna-se evidente a existência de diferentes estratos temporais: o tempo objetivo (de natureza cronológica e vinculado aos registros); o tempo subjetivo (influenciado por fatores sociais, culturais e reflexivos); e, resultante da intersecção dessas duas dimensões temporais, o tempo da narrativa (instantâneo, coemergente, interativo, singular e irreplicável). A fusão desses tempos é referida como "tempo biográfico" (SIMÃO; FRISON, 2019).

Figura 05: Tempo Biográfico



Fonte: (SIMÃO; FRISON, 2019, p.75).

Sob essa perspectiva, compreendemos que as memórias, despojadas de limitações temporais, desvelam os locais vivenciados em duas distintas dimensões - tempo e espaço - que ressoam momentos e no qual se projetam temporalmente, revisitando os eventos e lugares em que foram experimentadas. Nesse contexto, a compreensão da temporalidade se evidencia, sublinhando que o tempo objetivo é meticulosamente construído de forma cronológica e mediante registros (FRISON; ABRAHÃO, 2019).

No que tange ao tempo de registro, ressaltamos que ele emerge por meio do diálogo, no ato da narrativa, na expressão do sujeito que se manifesta ou

daquele que o descreve, bem como por meio de narrativas de natureza diversa (SIMÃO; FRISON, 2019, p. 77).

O tempo subjetivo permeia a existência, o cotidiano que se desenrola nas interações familiares, sociais e culturais. O tempo da narrativa representa a interseção dessas duas esferas temporais, a objetiva e a subjetiva, configurando assim a história de vida de uma existência (SIMÃO; FRISON, 2019).

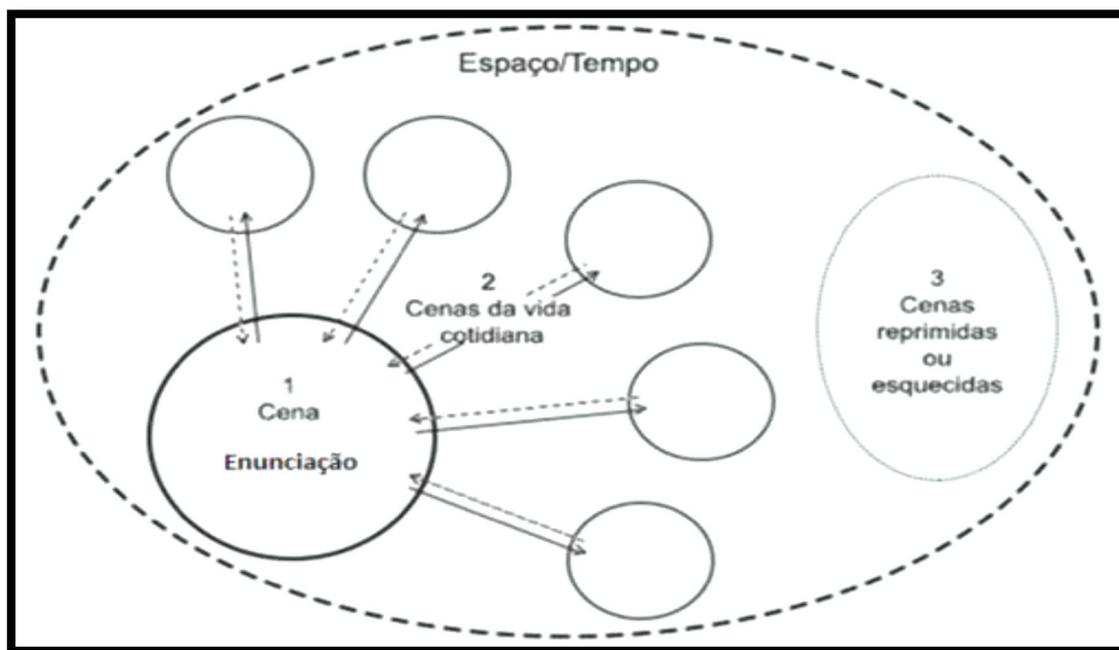
É um tempo que abrange a formação, o social, o cultural, marcados pelos eixos, pessoal e profissional. O tempo subjetivo pessoal de Maria Helena é demarcado por características que agregam delicadeza, amorosidade, generosidade, calma, sabedoria e gratidão (SIMÃO; FRISON, 2019, p.77).

No exercício de compreender a estruturação do tempo, mergulharemos na vivência do "tempo espírito", que emerge do âmago maturacional do ser (auto) biográfico, valorizando as experiências e a perspectiva na qual ele se insere, como abordado ao longo dos acontecimentos.

Maria Helena Abrahão e Lourdes Maria Frison (2019), em seus diálogos teóricos com José Miguel Marinas, entrelaçam seus modos e abordagens de organização, enriquecendo as narrativas de vida com cenas, proporcionando movimentos e continuidades que se estendem das microestruturas às macroestruturas do sistema social. Isso demarca as expressões de um sujeito que pensa, reflete, escreve e compartilha seus sentimentos e vivências, contribuindo para a construção de uma história de vida.

Essas histórias, organizadas em cenas, permitem aprimorar um esquema interpretativo que favorece uma leitura interconectada das cenas vivenciadas no momento da enunciação com as cenas narradas do cotidiano, sem negligenciar aquelas que possam ter sido esquecidas ou reprimidas pelo narrador. Abrahão e Frison (2019), reinterpretando Marinas, descrevem essa metodologia como a compreensão cênica, a partir de três categorias de cenas:

Figura 06: Compreensão Cênica



Fonte: (SIMÃO; FRISON, 2019, p.81).

Essas cenas configuram tempos e espaços biográfico-narrativos e se interconectam para uma compreensão sistêmica mais orgânica e fluída. Dessa forma, as três cenas contribuem para a estruturação de um conjunto sistêmico, no qual o significado do vivido/narrado nos espaços/tempos pertinentes, juntamente com as representações, compõem os planos da compreensão cênica, conforme argumentado por Abrahão e Frison (2019, p. 9)

o contexto vivido no passado, que inclui as lembranças resgatadas do que foi vivido, isto é, o contexto em que os fatos aconteceram; o contexto do presente, que se refere a como as pessoas compreendem e ressignificam o que viveram no momento em que ocorre a narrativa; e o contexto da narrativa, emergindo a possibilidade de afinar suas percepções em um diálogo em que a reciprocidade e a abertura se destacam como condição para a reflexão. Esses momentos revelam-se como processos intrínsecos à compreensão cênica, mediante os quais os sujeitos, refletem e reelaboram os processos plurais do qual é despertado.

Nossa embarcação seguirá os percursos e recursos naturais dessa narrativa (auto) biográfica em uma viagem atemporal, que nos conduziu até este ponto. Esta jornada desvela um sujeito em constante evolução, uma entidade composta tanto por ele mesmo quanto por outros indivíduos. Nessa exploração, o sujeito analisa e redesenha rotas, buscando sua regeneração e a ampliação de sua historicidade. Reconhece sua capacidade reflexiva sobre sua própria

trajetória, revelando o sujeito do presente e divisando outras possibilidades de compreensão. Essa jornada aquece os pensamentos e reacende a esperança em novos horizontes pessoais, coletivos e globais.

♪♪♪...Lá em vem, rompendo aurora é dia...

Lá em vem, eu vejo o dia ô Maria...

Chegou o vencedor da guerra...

E o Sol brilhou atrás da serra...♪♪♪

No desenvolvimento deste discurso, a Pedagogia Congadeira se manifesta como um movimento de resistência e uma ferramenta para a comunicação e a construção/desconstrução de trajetórias no âmbito de uma Educação para as Relações Étnico-Raciais. De maneira didática, descoloniza os conhecimentos de origem colonial com o objetivo de valorizar a sabedoria inerente a um grupo que luta e se adapta continuamente, encontrando novas formas de (re)existência. Este processo é caracterizado por sua fluidez, organicidade e compartilhamento, com referências nos anciãos, que penetram nas instituições de ensino e acadêmicas. Ao fazê-lo, desmantela paradigmas estabelecidos, estabelecendo uma constante troca de ideias. Nessa jornada, navegaremos pelo alto-mar ao som das caixas, gungas, apitos e patagomas, imbuídos de cores, fé e louvores, guiados tanto pela musicalidade quanto pela ancestralidade, seguindo o fluxo do mar.

♪♪♪ ...Meu general jogo barco na água,

Suspendo a bandeiro e deixo a navegar,

Se o senhor não tem remos, com as mãos vamos remar,

Lutar contra a maré nós havemos de atravessar...♪♪♪

## **CENA 1 - DO TUMBEIRO ÀS RUAS DE UBERABA: OS CAMINHOS DAS CONGADAS”**

A primeira cena oferecerá um contexto que delineará os percursos e trajetos que nos conduziram até Uberaba, fornecendo insights sobre as abordagens que deram início aos processos de escravização que deixaram sequelas nesses tempos de dominação colonial. Até os dias atuais, utilizamos estratégias de resistência que são celebradas através de cantos e danças, reafirmando nossa liberdade. Para libertá-la, convocamos os espíritos corajosos que transformaram o banzo em uma voz ativa, transgredindo as correntes e os açoites que afligiam nossos corpos e mentes, diminuindo nossos espíritos. Os ensinamentos ancestrais também atravessaram a kalunga e permanecem nos ares, incorporados à pele dos afrodescendentes, que se auto-organizaram e continuam a minar o sistema colonial mercadológico. Nessa nova era, frequentamos as salas de aula, mas não esquecemos as lições aprendidas nas senzalas, nos guetos, nos rincões e nos terreiros, nem as atrocidades dos tumbeiros.

...Ele/Ela veio num tumbeiro,  
 Trouxeram ele/ela num tumbeiro,  
 Oceano em alto-mar, oceano em alto-mar,  
 Veio pisar na terra seca, veio pisar na terra seca,  
 Até chegar nesse lugar, até chegar nesse lugar...

Entoando sua "liberdade", o mestre Moisés Misael (in memoriam), com sua essência ancestral, em um dos seus últimos registros em vida, lança essa encantaria ao vento, nos fazendo retornar à terra-mãe, lembrando organicamente a saudade daqueles que não viveram conosco, mas resistiram para que chegássemos a esta nova era.

Na proa de nossa embarcação, avistamos os horizontes atemporais. No topo do mastro que ostenta nossa bandeira, contemplamos os vestígios, as marcas e as cicatrizes deixadas pelos tumbeiros, uma estrutura não visível, mas poderosa, que desencadeia dificuldades para o progresso e a transcendência do indivíduo negro nesta sociedade. Ela estimula sentimentos de desânimo e necessidades intrínsecas de autoafirmação, complicando os processos de

autodeterminação. As conjunturas racistas, coloniais e cartesianas são sólidas, e elas nos fragmentam em categorias desumanas, perpetuando práticas que reforçam suas amarras.

No entanto, a cada encantamento proferido pelos guardiões do sagrado, essas correntes são desfeitas, adquirindo novos significados nas rodas de congada, que nos guiam pelos caminhos que nossos ancestrais trilharam.

Nossa diáspora forçada nos levou a reconstruir África, utilizando a natureza que nos envolvia como matéria-prima para dar vida aos tambores, ecoando sons que nos proporcionavam cura e louvor, dança e métodos de auto-organização para cultivar nossa fé. Por meio da ginga, codificamos nossa fé, mantendo nosso axé, compreendendo nossos corpos para além da servidão escravocrata.

A capoeira, a umbanda, o candomblé, o Moçambique, a congada, entre outros, emergem na intenção de nos reconectar com uma África que vai além da travessia forçada, uma África que dialogou com um sistema mercadológico que gerou rupturas, exclusões e desumanização. Até os dias de hoje, esse sistema mantém uma ordem eurocêntrica colonialista e racista.

Nos próximos parágrafos, abordaremos memórias que contextualizam os meios de organização e construção do sistema mercadológico e escravista dos colonizadores. Não se trata de uma historiografia que glorifica a escravidão, mas sim de recortes que rememoram uma cadeia contínua que ainda permeia nossos tempos, aprisionando mentes e corpos, e impondo uma ordem mercadológica à vida.

Entre os séculos XVI e XIX, a tríade continental composta pela Europa, África e América desenrolava seus trâmites econômicos baseados em uma política expansionista europeia, com produtos de destaque, como especiarias asiáticas, terras americanas, ouro e seres humanos africanos.

O tráfico transatlântico de escravizados mobilizava um grande número de pessoas e de capital. Para se ter uma ideia aproximada, calcula-se que cerca de 11 milhões de africanos foram trazidos à força para as Américas na condição de escravizados entre os séculos XVI e XIX. Este número não inclui aqueles que morreram durante os violentos processos de apresamento e de embarque na África, nem aqueles que não sobreviveriam à travessia do Atlântico (AMARAL, 2011, p. 11)

Os números apresentados, segundo Abdias Nascimento (2016), suscitam dúvidas quanto à sua credibilidade. Nascimento argumenta que tais dados são questionáveis, não devido à falta de confiabilidade das estatísticas em si, mas sim devido às políticas opressivas que prevaleciam naqueles tempos. Estas políticas estavam orientadas para a eliminação deliberada das evidências de nossa história, por meio da destruição de dados e informações que documentassem nossa presença em terras colonizadas. Nascimento expõe essa perspectiva em seu livro "O Genocídio do Negro Brasileiro", onde faz referência a um acontecimento de 1899:

Rui Barbosa, ordenando a incineração de todos os documentos – inclusive registros estatísticos, demográficos, financeiros, e assim por diante – pertinentes à escravização, ao tráfico negreiro e aos africanos escravizados. Assim, supunha-se apagar a “mancha negra” da história do Brasil. Como consequência lógica desse fato, não possuímos hoje os elementos indispensáveis à compreensão e análise da experiência africana e de seus descendentes no país. Similarmente negativa se revela a recente decisão de eliminar dos censos toda informação referente à origem racial e à cor epidérmica dos recenseados, dando margem às manipulações e interpretações das estatísticas segundo os interesses das classes dirigentes (NASCIMENTO, 2016, p. 93).

A historiadora e socióloga Maria Jorge dos Santos Leite, por meio de suas obras, oferece contribuições significativas ao identificar e denunciar as astutas estratégias empresariais empregadas pelos colonizadores europeus, as quais culminaram em um período de escravidão de mulheres e homens africanos. Esses colonizadores se apropriaram dos métodos de guerrilha e da organização de numerosas comunidades locais que habitavam aquelas terras (2017). Ainda com base em seus escritos, Abdias Nascimento relata que

O papel do negro escravo foi decisivo para o começo da história econômica de um país fundado, como era o caso do Brasil, sob o signo do parasitismo imperialista. Sem o escravo, a estrutura econômica do país jamais teria existido. O africano escravizado construiu as fundações da nova sociedade com a flexão e a quebra da sua espinha dorsal, quando ao mesmo tempo seu trabalho significava a própria espinha dorsal daquela colônia (p.59, 2016).

Os europeus, em especial os portugueses, movidos por uma ambição que transcende as barreiras humanas, exploraram exaustivamente o continente

africano, incluindo os nativos daquela região, conforme retratado na figura acima. Eles se apossaram da força de trabalho africana, submetendo-os a condições de escravidão em colônias portuguesas, estabelecendo assim um sistema de exploração que se revelou uma das atividades mais rentáveis da época, com o Brasil como destino primordial para o tráfico de africanos (LEITE, 2017).

Em terras brasis o negro africano plantou, alimentou e colheu a riqueza material do país para o desfrute exclusivo da aristocracia branca. Tanto nas plantações de cana-de-açúcar e café e na mineração, quanto nas cidades, o africano incorporava as mãos e os pés das classes dirigentes que não se auto degradavam em ocupações vis como aquelas do trabalho braçal. A nobilitante ocupação das classes dirigentes – os latifundiários, os comerciantes, os sacerdotes católicos – consistia no exercício da indolência, no cultivo da ignorância, do preconceito, e na prática da mais licenciosa luxúria (NASCIMENTO, 2016)

Abdias Nascimento (2016) discorre em seus escritos sobre a imperiosa necessidade de analisarmos e evidenciarmos o mais profundo dos males: o processo de escravização do povo negro nas terras brasileiras. Este processo, que perdura até os dias atuais, constitui um dos episódios mais nefastos da história do Brasil, superando todas as demais desventuras vivenciadas pelo país.

Sob a égide de uma maligna engrenagem branca e europeia, engendrada e financiada por mentes astutas e avassaladoramente ávidas, essa empreitada se materializou no vácuo deixado pela separação dos continentes na formação da Pangeia, resultando na delimitação de territórios e na emergência do vasto Oceano Atlântico. Este oceano, além de sua mera dimensão aquática, abriga em suas profundezas narrativas de ruptura que ainda reverberam nos dias atuais, sendo intensamente sentidas e vivenciadas pelos descendentes de um povo que, mesmo em meio a agonias, continuou a exalar vida. Essa experiência se desenrolou até o ponto em que seus corpos deixaram de existir, mas sua memória persistiu como testemunha das lágrimas e suor que fecundaram o solo brasileiro, testemunhando um martírio de escravidão que resistiu até que a presença física de seus protagonistas se esvaísse. Leite afirma que

O processo de escravização dos africanos, uma nefasta prática de desumanização, coisificação e comercialização de pessoas, fora uma atividade bastante lucrativa, porém difícil de administrar. Os entraves a esta, eram impostos pelas próprias vítimas da escravização, os negros

africanos, que responderam desde sempre ao processo de coisificação, com as mais variadas formas de resistência (2017, p. 67)

Nos escritos de Carvalho (2010), salienta-se a notória concepção de coisificação dos escravizados. Estes eram capturados, submetidos a amarras, marcados na pele e confinados em armazéns, relegados à condição de objetos à espera de potenciais compradores. Eram compelidos a empreender migrações forçadas, vendo suas funções sociais transformadas e sua humanidade subtraída, reduzidos à condição de escravos e tornados mercadorias e propriedades de seus senhores. Forçados a atravessar o oceano Atlântico, tiveram suas existências dramaticamente alteradas.

A insurgência dos africanos escravizados em solo brasileiro abraça processos de resistência que resgatam e perpetuam tradições dançantes, cantadas e gesticuladas, conferindo uma nova interpretação às dores, aos lamentos e à brutal separação de seus parentes consanguíneos. Eles o fazem com um entusiasmo cativante, revelando um profundo senso de propósito e estabelecendo comunicação e identidade através dessas tradições. Empregando integralmente suas corporeidades, recorrem à música, aos cantos, às preces e aos ritos incorporados, reinterpretando e revitalizando essas expressões nas tradições do candomblé, da umbanda, do moçambique e da congada. Cada uma dessas manifestações culturais se entrelaça e se fortalece mutuamente.

Assim, continuam a resgatar sua identidade ancestral, despertando o ser ancestral que habita em si, rejeitando, nos tempos atuais, qualquer estagnação comparável ao marasmo que outrora lhes foi imposto.

Os corpos dos escravizados, desgastados e destroçados, tanto pelo tempo de vida que lhes era tirado quanto pelo tormento que lhes aguardava, eram submetidos a um rastro de morte na travessia da kalunga, o vasto mar que servia também como fronteira entre a vida e a morte. Este sofrimento era compartilhado por homens, mulheres, adultos e crianças que enfrentavam as adversidades a bordo dos navios negreiros (LEITE, 2017).

Esses indivíduos eram amontoados como volumes em uma estante, submetidos a superlotação e a um calor insuportável, recebendo uma alimentação insuficiente e desnutritiva. As condições de higiene eram precárias,

as necessidades fisiológicas eram feitas no mesmo espaço onde dormiam e passavam a maior parte do tempo da viagem, e a falta de ventilação tornava o ambiente ainda mais asfixiante. Essas embarcações não foram projetadas para esse propósito, e a logística da morte era efetivada pelos europeus visando o lucro máximo, transportando o maior número possível de escravizados. A violência se manifestava de diversas maneiras, e, paradoxalmente, à medida que leis eram estabelecidas, estas eram corrompidas. Os registros da importação e as taxas de pagamento eram frequentemente objeto de fraude (CARVALHO, 2010).

Bandeira (2019) relata que as condições precárias frequentemente levavam à morte dos escravizados, seja por doenças como disenteria, febre amarela, varíola e deficiências nutricionais, seja devido aos maus-tratos, à fome, às humilhações e ao suicídio, uma escolha desesperada diante da perspectiva de se submeter às vontades dos algozes.

A colonização não apenas instituiu estruturas que sustentaram o sistema de escravidão, mas também concebeu mecanismos de exploração e lucro no âmbito mercadológico. Isso culminou em uma violação de princípios fundamentais, como o direito à vida, à dignidade, à liberdade e à igualdade.

Durante séculos, por mais incrível que pareça, esse duro e ignóbil sistema escravocrata desfrutou a fama, sobretudo no estrangeiro, de ser uma instituição benigna, de caráter humano. Isto graças ao colonialismo português que permanentemente adotou formas de comportamento muito específicas para disfarçar sua fundamental violência e crueldade. Um dos recursos utilizados nesse sentido foram a mentira e a dissimulação (NASCIMENTO, 2016).

A citada passagem expõe características intrínsecas aos colonizadores, que persistem até os dias atuais. Estes construtores de narrativas foram os arquitetos do mundo escarnecedor que eles mesmos conceberam e nutriram. Foram os artífices de princípios distorcidos e das artimanhas que mascaram a morte, tudo em prol de um sistema cartesianista mercadológico colonial, cujo propósito é a subjugação sistemática de indivíduos de ascendência africana em diversas configurações e eras. Ao fazê-lo, eles nos dissociam, classificam-nos e inserem-nos em suas fantasias e temores, que, por sua vez, geram lucro e dominação sobre corpos e terras.

Essas distorções da realidade perduram até os dias de hoje, adotando agora uma roupagem mais moderna e eficiente, valendo-se das tecnologias dessa nova era e explorando a vulnerabilidade humana. Assim, perpetuam ilusões colonialistas na tentativa de mitigar a culpa, camuflando a ideologia imperialista. Estas deturpações temporais persistem, perpetuando heranças mentirosas e escravagistas, alimentando uma mentalidade e ancestralidade carregadas de amargura. Praticam, impunemente, a falsificação de eventos históricos, como a lendária narrativa sobre o "descobrimento" do Brasil, amplamente disseminada nos livros didáticos, a respeito da introdução dos africanos neste país e a caracterização do sistema de escravidão como uma ordem política que os próprios africanos trouxeram consigo para a América (NASCIMENTO, 2016).

A consciência da realidade brasileira ainda guarda acentuadamente a marca do colonialismo português, que tenta ocultar sua natureza racista e exploradora por meio de estratégias que infligem indignidades e conduzem à aculturação das populações africanas à identidade portuguesa. Esta narrativa, folclorizada e romantizada, tem profundos impactos em todas as esferas da sociedade. Abdias do Nascimento, continua a discorrer que

A verdade histórica, porém, é bem oposta. Não é exagero afirmar-se que desde o início da colonização, as culturas africanas, chegadas nos navios negreiros, foram mantidas num verdadeiro estado de sítio. Há um indiscutível caráter mais ou menos violento nas formas, às vezes sutis, da agressão espiritual a que era submetida a população africana, a começar pelo batismo ao qual o escravo estava sujeito nos portos africanos de embarque ou nos portos brasileiros de desembarque. As pressões culturais da sociedade dominante, a despeito de seus propósitos e esforços, não conseguiram, entretanto, suprimir a expressa herança espiritual do escravo, onde apenas sobreviveram alguns elementos culturais. Mas essa incapacidade de aniquilar definitivamente a vitalidade cultural africana, que se expandiu por vários setores da vida nacional, não pode ser interpretada como concessões, respeito ou reconhecimento por parte da sociedade dominante (2016, p.123).

Desprovidos de suas raízes essenciais e distantes da pátria-mãe África, o que lhes restava eram as numerosas aflições e sofrimentos infligidos durante a prolongada travessia. Tais aflições, compartilhadas e personificadas em laços profundos, adquiriam um novo significado, gerando uma forma de sobrevivência marcada pela unidade e solidariedade. Nesse processo, ocorria uma

ressignificação da própria existência, uma espécie de renascimento através da coesão e da valorização das tradições africanas, que se manifestavam na ginga, uma prática que disfarçava saberes e habilidades, ao mesmo tempo em que reverenciava os antepassados (BANDEIRA, 2019).

Momentos como a captação, a prisão nos barracões e a viagem oceânica representaram para os africanos espaços alternativos para a reconstrução de suas identidades. Através do contato com diferentes etnias, e em função da busca por alternativas para a vida no cativeiro americano, a população escravizada preservou elementos culturais autênticos e reinventou outros, marcando de forma singular a heterogeneidade cultural da América Portuguesa (CARVALHO, 2010, p. 21).

Eles tramaram nossa erradicação, entretanto, nossa resolução foi a de não sucumbir, imergindo nas nuances poéticas de Conceição de Evaristo (2016). Nós consolidamos nossos laços com a pátria-mãe, a África, que transcende a geografia para se tornar um estado de espírito intrépido, eloquente, comunicativo e restaurador.

Os africanos não contribuíram apenas no âmbito do trabalho, mas marcaram a sociedade brasileira em outros aspectos: na forma como se organizavam em “nações”, na constituição de famílias (muitas vezes simbólicas), nas manifestações de religiosidade (catolicismo, islamismo e candomblé e da cultura (língua, lundu, batuque e capoeira) (MATTOS, 2007, p.13).

Felipe Bandeira, no seu ensaio intitulado "Relembrando a Travessia" (2019), analisa de forma perspicaz a ruptura causada pela travessia do imenso Oceano Atlântico por nossos irmãos e irmãs escravizados. Estes indivíduos ansiavam por serem reconhecidos como filhos e filhas da África, e a cada imposição e opressão a que eram submetidos, buscavam reconectar-se com suas raízes, reinterpretando e revivendo suas africanidades. Desenvolviam formas de interação social, acolhimento, cura, percussão musical, canto e faziam uso de seus conhecimentos e habilidades ancestrais para sobreviver às condições caóticas rigidamente impostas pelos colonizadores.

No contexto brasileiro, esses padrões de mercantilização e escravização dos africanos foram perpetuados, coexistindo com a presença dos indígenas nativos dessas terras, que também foram subjugados, escravizados e gradualmente dizimados, como argumenta Amaral (2011).

De acordo com as pesquisas de Amaral (2011, p. 11), estima-se que aproximadamente 4 milhões de africanos tenham sido trazidos para o Brasil. Essa cifra ressalta o alto grau de comprometimento e lucratividade que o sistema escravocrata mantido por comerciantes europeus mantinha sob seu domínio, posteriormente cedendo espaço a comerciantes brasileiros. Souza discorre em seus escritos (2019, p.40)

que pessoas escravizadas que foram trazidas da África para as terras brasileiras, eram oriundas dos seguintes portos africanos: Luanda, Benguela e Cabinda, na Costa da Angola, Ajuda e Lagos na Costa da Mina, a maioria veio da região de Angola, e grupos bantos estiveram presentes de norte a sul, de leste a oeste.

Após desembarcarem no Brasil, nos portos de Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Vicente, os africanos escravizados eram dispersos em diferentes localidades para explorarem e manipularem os recursos naturais de cada região. Na faixa litorânea, eram envolvidos no corte do pau-brasil e nos engenhos de cana-de-açúcar, proporcionando assim a Portugal uma solução para o povoamento e colonização do Brasil (AMARAL, 2011).

Amaral também observa que os escravizados, destinados ao interior do território e a regiões distantes dos centros comerciais, eram empregados em várias atividades, como mineração, pecuária, cultivo de cacau, produção de carne-seca, exploração de diversos outros recursos naturais presentes nessas terras, além de desempenharem funções no serviço doméstico, na construção de edificações públicas de todas as naturezas e no comércio de produtos alimentícios (AMARAL, 2011).

O relato de Amaral converge com as análises de Abdias Nascimento (2016), que salienta que, por quase dois séculos, a cultura da cana-de-açúcar e seu cultivo mantiveram os escravizados predominantemente concentrados na região nordestina do Brasil, apesar de a colonização se estender por todo o território nacional, gerando riqueza e sustentando a cruel instituição da escravidão. Contudo, as descobertas de ouro e diamantes no século XVIII, em Minas Gerais, deslocaram o epicentro da exploração dos escravos africanos para o sul do país. Essa dinâmica de apropriação e exploração da terra repetiu-se no século XIX, quando a produtividade das minas declinou e teve início o ciclo do café. As plantações de café se concentraram, sobretudo, nos estados do Rio

de Janeiro e São Paulo, redirecionando mais uma vez o fluxo de migração para o sul.

### **DE ÁFRICA ÀS MINAS GERAIS – PISANDO EM TERRA SECA**

As narrativas presentes nos livros didáticos, frequentemente idealizadas e romanticizadas, afastam-nos da realidade vivida e ainda experimentada em diversas facetas. Os navios negreiros, ou tumbeiros, transportavam muito mais do que indivíduos subjugados em seus porões; levavam consigo nobrezas imbuidas de melanina, arrancadas de suas raízes e enraizadas na mais profunda fé que permeava suas almas.

Essas embarcações, para além do carregamento de mão de obra escravizada, encerravam as histórias de um povo ancestralmente rico, detentor de conhecimentos em artes e ciências milenares, os quais reverenciavam nas cerimônias de suas existências, celebrando a riqueza interior. Sob os convés desses navios, ecoavam clamores ensurdecedores e súplicas pela liberdade, lançados à sorte no infinito Atlântico, conhecido como kalunga. Tais histórias, embora distantes no tempo, permanecem intensamente presentes, enraizando-se nas terras adversas e difundindo-se em prol da sobrevivência e da servidão perante o opressor colonizador, que nos trouxe em um tumbeiro, navegando em mares revoltos...

♪♪♪...Ele/Ela veio num tumbeiro,  
 Trouxeram ele/ela num tumbeiro,  
 Oceano em alto-mar, oceano em alto-mar,  
 Veio pisar na terra seca, veio pisar na terra seca,  
 Até chegar nesse lugar, até chegar nesse lugar...♪♪♪

A historiadora Carolina Perpétuo Correa (2006) nos recorda das terras áridas e inférteis, onde germinavam nossos infortúnios e diluíam nossas narrativas. Em seus estudos e escritos, ela descreve que, mesmo distante do litoral, Minas Gerais transformou-se, de certo modo, em uma extensão do "Oceano Atlântico" devido à chegada dos "tumbeiros," considerando tanto os comboios de escravizados que antes chegavam pelo mar quanto aqueles que,

agora, trilhavam os árduos caminhos mineiros, executando os planos de expansão dos colonos europeus.

A pesquisadora baseou-se em registros de batismo nas igrejas como indicadores de pesquisa, observando um aumento gradual no número de pessoas escravizadas registradas nas pequenas igrejas locais. Isso nos remete às estratégias de dominação empregadas pelos colonizadores, que as incorporavam ao rebanho e à fé católica por meio de sacramentos.

Esse aumento do sistema escravagista pode ser justificado pelas ricas minas de ouro e pedras preciosas presentes em Minas Gerais, o que impulsionou a célebre corrida do ouro no século XVIII.

A grande quantidade de pessoas escravizadas, transferida do Nordeste para Minas Gerais veio acompanhada de traficantes que fizeram suas propriedades humanas marcharem, por terra, distancia de cerca de mil quilômetros. O tráfico interprovincial de escravos vindo do Nordeste foi uma das alternativas para o abastecimento de mão de obra para várias regiões do Brasil, principalmente o Sudeste (SOUZA; VASCONCELOS, 2019, p.44).

Com base nas pesquisas de Roberto Martins, Corrêa (2006), relata-se que, mesmo com o declínio na produção aurífera, Minas Gerais, caracterizada pela diversidade de atividades produtivas, diversificou suas formas de exploração. A agricultura e a pecuária emergiram como setores de destaque, gerando riqueza e perpetuando o plano mercantilista europeu de escravização do povo negro. Isso levou Minas Gerais a se tornar um dos maiores importadores de escravos na América até 1850.

A pesquisadora Fabíola Silva (2006), em sua dissertação intitulada "O cativeiro rural na colônia: Reconstrução arquitetônica da senzala," pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, descreve a casa grande como o verdadeiro símbolo de poder, uma fortaleza que emanava ordens e controlava todos e tudo que ali habitavam. Essa instituição dominava desde as atividades agrícolas e fabris até o comportamento dos escravizados.

Os cativos permaneciam confinados em cativeiros organizados sob uma lógica social imposta pelos senhores, com uma distância calculada entre a senzala, a capela, a casa grande e as áreas de cultivo e trabalho. As relações

sociais eram marcadas por distância, frieza e agressividade, como retratado nas músicas de congada, entoadas pelos guardiões do sagrado, que recordam a vida nas senzalas por meio de cantos, batuques e expressões, registrando suas histórias e vivências.

♪♪♪...Estória de preto velho, que nasceu no cativoiro,  
 Apanhava no tronco,  
 Trabalhava o dia inteiro...  
 Muitos nasceram e morrem no plantio do café,  
 Quem nasceu na senzala sabe bem como é que é...♪♪♪

O surgimento em um ambiente desprovido de perspectivas, destituído de suas heranças culturais, caracterizava-se pela presença constante do temor que assombrava aqueles que, ora eram sustentados pelo cultivo, ora eram afligidos por ele. As experiências vividas, as habilidades desenvolvidas e suas memórias, transformavam os árduos trabalhos no campo em incessantes quimeras, transportando-os mentalmente de volta para suas terras natais. Nesse estado de letargia melancólica e saudosa, imersos na tristeza profunda e nas recordações dos tempos que viviam. Abdias Nascimento discorre o banzo como

Foi o mais triste e trágico tipo de rejeição – o *banzo*. O africano era afetado por uma patética paralisação da vontade de viver, uma perda definitiva de toda e qualquer esperança. Faltavam-lhe as energias, e assim ele, silencioso no seu desespero crescente, ia morrendo aos poucos, se acabando lentamente (2016, p. 71)

Analisando as obras de Silva (2006), é possível observar que as senzalas, destinadas ao alojamento dos escravizados, personificavam as manifestações de sombras e temores trazidos pelos navios negreiros. Sua configuração frequentemente se assemelhava àquele ambiente gélido, sombrio, doloroso e cruel, composto em grande parte por materiais rudimentares, como folhas secas, tábuas, barro, pregos e cordas, utilizados para delimitar e organizar o espaço. Agora, em terra firme, substituindo as águas salinas e ameaçadoras de tubarões, essas senzalas se tornavam campos de exploração agrícola e servidão, comandados pelos capatazes e malfeitores, que agiam sob a autoridade dos senhores locais. Aos escravizados restavam a súplica e a fé

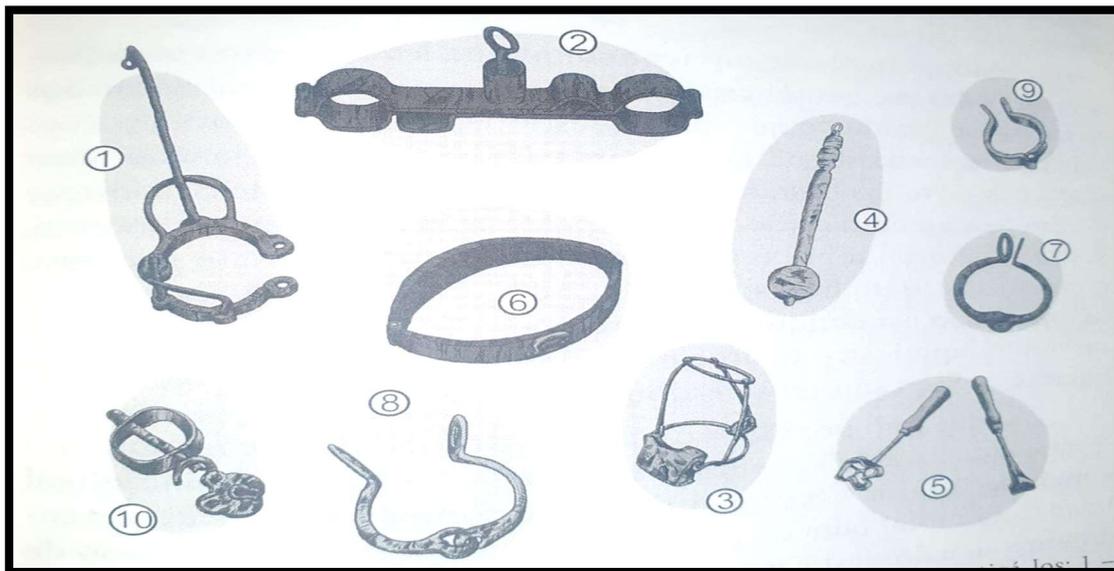
♪♪♪...Nos tempos do cativeiro, quando o senhor me batia,  
Eu rezava por nossa senhora ai meu Deus,  
como a chibata doía...♪♪♪

A súplica dirigida aos céus, impulsionada pelas agonias e cicatrizes infligidas pelas chibatas, resultado da perversidade colonial, emergia das almas dos escravizados, a quem fora negada a liberdade de praticar sua fé. Foram assim estigmatizados pelas concepções coloniais como seres desprovidos de divindade e alma, destinados à servidão, com seus costumes e rituais gradativamente suprimidos, romantizados e, até os dias atuais, submetidos a uma visão folclórica e demoníaca.

Silva (2006) igualmente nos recorda, com base em outros estudiosos, a relevância e as funções das capelas dentro desse sistema de habitação imposto. Estrategicamente erguidas próximas à casa grande, essas edificações exerciam um papel de culto e controle social em nome de Deus. Reforçavam as artimanhas mentais europeias, cada vez mais insidiosas e doutrinadoras, que incluíam punições severas, açoites e instrumentos escravagistas como chicotes, correntes, máscaras de ferro, grilhões, gargantilhas e o temido "pau de arara", entre outros.

Os instrumentos de castigo dos escravos podem ser classificados com base na divisão em instrumento de captura e contenção, instrumentos de suplício e instrumentos de aviltamento para prender o escravo. Várias foram as formas e os instrumentos utilizados para castigar as pessoas escravizadas faltosas e mantê-las obedientes e temerosas. Como instrumentos destinados à captura e a contenção de cativos, avia as correntes, e dentre as correntes estão a gonilha, oí golilha, a garganteira, o tronco, e o vira-mundo, as algemas, machos, cepo e a peia (SOUZA; VASCONCELOS, 2019, p. 68).

Figura 07: Artefatos De Castigo Escravocrata



Fonte: (SOUZA; VASCONCELOS, 2019, p.68).

Por volta de 1850, indivíduos subjugados pela escravidão chegaram a Uberaba. Tal descrição é apresentada pelos autores Tiago Zanquêta de Souza e Valéria Oliveira de Vasconcelos no livro intitulado "Negando a Negação: Arquivos e Memórias sobre a Presença Negra em Uberaba", resultante de uma dissertação que deu origem a esta obra. Orientados pelos documentos do arquivo público municipal e pelas narrativas de Dona Maria Luzia, uma senhora octogenária detentora de uma rica memória familiar, revelam a presença afrodescendente e os horrores do processo escravocrata que se estabeleceram e prosperaram na comunidade uberabense. A escravidão negra desempenhou um papel de grande relevância em sua formação, permeando os aspectos econômicos, culturais, sociais e políticos (SOUZA; VASCONCELOS, 2019).

Uberaba, estrategicamente situada no Triângulo Mineiro, desempenhou um papel fundamental na expansão e nas parcerias comerciais da época. Esta localidade, sendo uma rota de ligação com o estado de São Paulo, experimentou um aumento significativo nas plantações de café. Simultaneamente, a escassez de mão de obra no Norte do país incentivou o aumento da migração de escravizados para as terras de Uberaba. Esse movimento facilitou o crescimento das atividades agrícolas e da exploração de mão de obra nessas regiões, resultando na criação de novos núcleos populacionais (SOUZA; VASCONCELOS, 2019).

Figura 08: Uberaba em 1885



Fonte: Arquivo publico

Através desses meios, os colonizadores alcançaram o Sertão da Farinha Podre, que, anos mais tarde, se consolidaria como Uberaba, uma localidade erigida pelo labor das mãos de indivíduos de ascendência africana e subjugados pela escravidão. Estes produtos da história deixaram suas marcas ali, mas também sofreram as agruras do tratamento desumano a que foram submetidos. Tratados como bestas, entregues à sorte e à crueldade dos opressores, foram vítimas de métodos que objetivavam a coisificação e a desumanização, afastando o sujeito negro do âmago da sociedade. Esses seres humanos eram marcados na pele, controlados e tratados como animais no cativeiro. A não aceitação desse *modus vivendi* incitava o espírito combativo do povo africano, que não limitava sua resistência às regiões mineiras, mas a manifestava em diversas localidades do Brasil.

Leite (2017) relata que os escravizados/escravizadas não permaneciam inertes diante das inúmeras ameaças e atrocidades perpetradas pelos senhores/senhoras. O verbo resistir sempre estava presente na essência corporal e ancestral dos africanos, na leitura e releitura dos ambientes que os cercavam. Estratégias de guerrilha, fundamentadas no ódio e na sabedoria, eram empregadas. Eles constantemente sentiam a presença da morte a pairar

sobre as senzalas, desvendavam as brechas deixadas pelos opressores. O conhecimento de suas habilidades era uma fonte de desafio à ordem colonial, boicotando trabalhos, incendiando plantações e desafiando as autoridades, mantendo suas relações sempre latentes ao conflito.

Durante nossas pesquisas, não tivemos acesso a nenhum documento que nos informasse sobre o surgimento de quilombos na região de Uberaba. A região é pouco estudada nesse aspecto. No entanto, acredita-se na existência de uma auto-organização que se estendeu por todo o Brasil, como atestam os pontos de resistência ainda presentes nas histórias recentes de lutas e ocupações registradas nos jornais e nas conversas informais que ecoam pelas ruas.

Os movimentos de rebelião partiam das percepções individuais em direção às dimensões coletivas, do micro para o macro, resultando em intensas crises no mercado de escravos, negociações, punições e fugas. Durante esses processos, eles compreenderam que, ao se auto-organizarem, poderiam desorganizar a estrutura vigente. As informações fluíam de quilombo em quilombo, de cidade em cidade, influenciando inúmeras instâncias em todo o território brasileiro.

Era crucial compreender quem eram, onde estavam e como lidar com as circunstâncias e oportunidades apresentadas naquele momento histórico. Os africanos escravizados compreendiam que aquelas terras não eram nativas deles, e os costumes e as organizações exigiam arquétipos e mentalidades de guerreiros, forjados em fundamentos ancestrais e alimentados pelas lembranças enraizadas em suas mentes. Os batuques, as danças e a política de organização eram elementos que demarcavam o lado em que estavam, dando vida e voz aos quilombos.

♪♪♪...Eu tava do lado de lá,  
 Eu passei para o lado de cá,  
 Eu tava do lado de lá,  
 Eu passei para o lado de cá...♪♪♪

Um cântico que evoca uma ruptura necessária, fortalecendo-nos como comunidade e despertando em nós a esperança associada à rebeldia. É imperativo que compreendamos claramente o lado em que nos encontramos,

enxergando o sol, as florestas, os rios e os animais sob uma perspectiva distinta da opressão vivenciada nos cativeiros, nas senzalas e na ilusória narrativa da liberdade.

Pouco a pouco, a utopia de tempos passados foi concebida, discutida, codificada/decodificada, planejada e efetivada, intensificando as revoltas e visando a fuga e a construção de redutos ou quilombos como meios de minar o sistema colonial de escravidão.

A expansão do movimento abolicionista alcançou proporções consideráveis e se disseminou por todo o Brasil. Isso se traduziu em conferências, festas beneficentes, apresentações teatrais, concertos, entre outras manifestações. As atividades que anteriormente eram realizadas clandestinamente nos cativeiros gradualmente ganharam forma nos manifestos abolicionistas. Esses ativistas não se contentaram apenas em auxiliar nas fugas e no acolhimento dos fugitivos, mas também se uniram ao movimento negro na tentativa de dismantelar o sistema existente, exigindo a abolição. Essas ações estimularam a aproximação dos quilombos em relação às cidades.

Durante nossa pesquisa, não tivemos acesso a nenhum documento que relatasse o surgimento de quilombos na região de Uberaba. Esta área é pouco estudada nesse contexto. No entanto, acredita-se na existência de uma auto-organização que se disseminou por todo o Brasil, como atestam os pontos de resistência que permanecem vivos até os dias atuais. Esses eventos são registrados em histórias recentes de lutas e ocupações documentadas em jornais e discutidas informalmente nas conversas que ecoam pelas ruas da região.

Esse movimento de grande magnitude levou os colonos, representados pela Princesa Isabel, a assinar a Lei Áurea em 13 de maio de 1888.

### **TREZE DE MAIO DE 1888**

♪♪♪...13 de maio de 88, agora chegou o dia,  
A congada se reuni pra saudar sua alegria...♪♪♪

Ao se apropriarem da notícia auspiciosa, exteriorizaram suas manifestações de júbilo e a tão aguardada emancipação. As ruas foram

inundadas por indivíduos outrora subjugados e agora libertos, os açoites cederam lugar aos ritmos dos tambores, os lamentos e tormentos não mais sufocavam as vozes com o rubro do sangue, cedendo espaço às canções que evocavam a pátria-mãe e que os sustentaram até o auspicioso dia. Com fervor, as vozes e sorrisos impregnaram os céus, fundindo-se com a natureza que em eras passadas não brindava o sabor da liberdade.

♪♪♪...Eu quero fazer festejo, sem dó,  
Na pena de um papagaio, sem dó,  
Que é dar te presente, sem dó,  
No dia treze de maio sem dó. ...♪♪♪

Festejavam, entoavam cânticos, deleitavam-se com bebidas e celebravam com seus próprios rituais, aparentemente brindando a sofrida existência, assinalando a aguardada data de 13 de maio de 1888, o dia em que uma senhora branca, intitulada e nomeada Princesa Isabel, promulgou a Lei Áurea.

A Lei Áurea portava indícios de tempos novos, inaugurando diálogos rumo a uma identidade nacional. Para muitos, representava o ápice da história da pátria, rompendo grilhões e triunfando sobre a nacionalidade, pavimentando o caminho para o desenvolvimento e crescimento. Ela constituía a continuidade do projeto nacional iniciado por D. Pedro I e conduzido pela Princesa Isabel, que se tornara uma figura venerada e tida como a "senhora e protetora dos escravos" (DOMINGUES, 2011).

As ruas, praças, cantos, becos, senzalas e quilombos reverberavam a Lei Áurea com júbilo, energia e fervor. Por meio de batuques, sambas, jogos e, sobretudo, congadas, celebravam-na em um espírito de fraternidade e união, permitindo a reconstrução de aspectos da identidade, do sentir, do pensar, do comportar-se e do agir a partir de suas próprias perspectivas (DOMINGUES, 2011).

Os festejos perduram até os dias de hoje em várias regiões deste país, representando um momento singular na construção da memória coletiva. Revigoram as imagens e representações da escravidão na sociedade brasileira,

suscitando demandas por direitos e oposição às práticas discriminatórias e preconceituosas ainda presentes nesta nova era.

O treze de maio transformou-se em uma tradição do povo negro, atribuindo múltiplos significados e reinterpretando as narrativas de "raça" e "nação". É a marcha dos invisíveis, que reverenciam seus antepassados e despertam a consciência pública, impulsionando discursos de igualdade e incorporando-se ao projeto nacional, mantendo viva a memória dos quilombos e dos cativos (DOMINGUES, 2011).

Daqui, onde estamos, podemos perceber que a estratégia de folclorização e aculturação colonial ainda impera nas estruturas culturais e sociais, categorizando o povo negro como "dançarino", "aquele que se fantasia e sai às ruas em 13 de maio", "o dia dos negros", entre outros estereótipos prejudiciais. Muitos entre os nossos também não se apropriaram desse simbolismo e participam das celebrações por devoção aos santos padroeiros. No entanto, o desfile de 13 de maio é um lembrete de que não retornaremos às senzalas coloniais e que nenhum direito conquistado será abdicado. Assim como ocupamos as ruas, estamos nos apropriando de outros espaços, fortalecendo nossas lutas e conquistas.

Inúmeras atividades artísticas, culturais e sociais fazem parte dessa data aguardada, organizada e celebrada pelo povo negro. Essas atividades incluem missas, desfiles, bailes, palestras, coroações, batuques, sambas e congadas.

A metáfora militar acompanha os ternos de forma marcada, sobretudo no que tange ao vestuário e à dominação dos que ocupam posições de chefia no interior do grupo (como o capitão). O uso da metáfora pode ser decorrente dos militares serem emblemáticos da ordem e da hierarquia que se quer destacar no interior dos congados, fornecendo a todos e de forma amplamente compartilhada os símbolos reconhecíveis de posições e de poder (dominação e subordinação) (COSTA, 2006, p. 78).

Embora permeado por elementos característicos da cultura europeia, essa assimilação não ocorria passivamente. Pelo contrário, os cativos questionavam os valores europeus a partir de suas próprias perspectivas culturais, fundindo-os com suas essências ancestrais. Esse processo resultou

em um choque cultural marcante no encontro entre os continentes Europeu, Americano e Africano (FERREIRA, 2005).

As danças e representações rituais passaram a ser denominadas como congadas. Com o tempo, as características distintivas que conferiam identidade a cada nação foram gradativamente perdendo sua intensidade original, e todos os líderes das festividades desse tipo passaram a ser genericamente referidos como rei Congo.

Os rituais da congada remontam a um passado africano em que exaltavam a glória de seus monarcas, ecoando os cânticos africanos, traduzidos para a língua materna (brasileira). Os tambores evocam os espíritos combativos que silenciaram durante a travessia da kalunga, e que agora percorrem as cidades com suas companhias alinhadas e prontas para desafiar a ordem colonial.

♪♪♪...Ô tudo, ô tudo, nesse mundo é nada,  
 Ô tudo, ô tudo passa,  
 Eu só não quero que acabe esse dia,  
 13 de maio é a nossa alegria.... ♪♪♪

Uma atmosfera festiva envolveu os ares e os céus, criando uma densa nuvem de fumaça que obscureceu a compreensão clara do que estava por vir. Agora, libertos e lançados às ruas, entregues à própria sorte e à mercê da morte, encontravam-se desprovidos de moradia, educação, saúde, ou mesmo de um sistema humanitário básico que os integrasse a uma sociedade regida predominantemente por indivíduos de origem branca. Nesse cenário de completa ausência de estrutura para a continuidade de suas vidas, Abdias Nascimento descreve a abolição como um ato de genocídio em massa, eximindo os senhores, o estado e a igreja de qualquer responsabilidade e despojando-o de todo seu caráter humanista, solidário e de justiça social (NASCIMENTO, 2016). O mesmo segue afirmando que

Autoridades governamentais e sociedade dominante se mostraram perfeitamente satisfeitas com o ato de condenar os africanos “livres”, e seus descendentes, a um novo estado econômico, político, social e cultural de escravidão em liberdade. Nutrido no ventre do racismo, o “problema” só podia ser, como de fato era, cruamente

racial: como salvar a raça branca da ameaça do sangue negro, considerado de forma explícita ou implícita como “inferior” (NASCIMENTO, 2016, p.81)

E quanto ao dia 14 de maio? Um dia que persiste sem fim.

Olhando da perspectiva atual, neste século XXI, no ano de 2022, em plena era da informação, onde as tecnologias dominam e os algoritmos influenciam mentes e corpos, reconhecemos que a tão chamada liberdade era, na realidade, apenas um estratagema manipulador da burguesia perante o povo negro (NUNES, 2018).

Após 134 anos da assinatura da Lei Áurea, ainda não conseguimos desmistificar os verdadeiros motivos por trás dessa suposta abolição. Permanecemos imersos em um profundo sentimento de desalento que transcende as eras, enquanto a máquina opressora continua sob o controle das mãos da burguesia, que mantém viva a herança dos coronéis e dos senhores colonizadores. Lazzo Matumbi (2019) canta:

♪♪♪♪... “No dia 14 de maio, eu saí por aí,  
 Não tinha trabalho, nem casa,  
 nem pra onde ir  
 Levando a senzala na alma,  
 eu subi a favela Pensando em um dia descer,  
 mas eu nunca desci  
 Zanzei zonzinho em todas as zonas da grande agonia  
 Um dia com fome, no outro sem o que comer  
 Sem nome, sem identidade, sem fotografia  
 O mundo me olhava, mas ninguém queria me ver”... ♪♪♪♪

A ausência de progresso na condição do negro, que já se encontrava à margem da sociedade, resultou em parte da falta de acesso a direitos que o integrassem plenamente. Além disso, essa situação está intrinsecamente relacionada com a política de segurança pública higienista, que encara a população negra das periferias como uma ameaça e promove a eliminação sem remorsos, como ocorre nas favelas. Tais circunstâncias são reminiscências do sistema colonizador.

Fomos deixados à própria sorte, à mercê do tempo, continuando a ser explorados. A abolição não se traduziu no reconhecimento da liberdade e da igualdade. A elite colonizadora jamais consideraria a nossa integração em seu mundo confortável e seguro. Em vez disso, optaram por nos transformar em mão de obra barata e assalariada. A liberdade foi percebida como uma estratégia para desestabilizar os quilombos e desvalorizar o povo outrora escravizado. Fomos relegados à miséria, sem acesso a direitos básicos e estruturas de sobrevivência, à margem da sociedade, sem qualquer reparação ou diálogo, enquanto continuavam a nos oprimir, adaptando suas estratégias mercadológicas, dos tumbeiros às senzalas, dos camburões às milícias (NUNES, 2018).

O genocídio da população negra e o racismo arraigado na estrutura cotidiana são sequelas deixadas pelo sistema colonizador. Nossas tradições culturais continuaram a ser marginalizadas, proibidas e restringidas por leis discriminatórias. A Lei Áurea, ao ser promulgada, desencadeou uma série de desdobramentos. A Lei dos Vadios e Capoeiragem, de 1890, estipulava que pessoas maiores de 14 anos que não trabalhassem e fossem consideradas ofensoras "da moral e dos bons costumes" poderiam ser detidas. Além disso, a mesma lei criminalizava a prática da capoeira e das rodas de samba em espaços públicos, classificando essas manifestações artísticas como "perturbação social" (14 de maio, 2021).

Antes do dia 13 de maio, diversos protagonistas negros lideraram a luta abolicionista e contribuíram para o fim do regime escravocrata, como Luís José do Patrocínio, André Rebouças, Joaquim Nabuco, entre outros. No entanto, a agenda dominante e branca deste país, insatisfeita com os homicídios, também promoveu epistemicídios, apagando esses nomes da história nacional e eliminando qualquer reconhecimento do protagonismo negro na conquista da abolição da escravatura (14 de maio, 2021). Nosso baluarte Abdias Nascimento descreve que

Que esta ideia da eliminação da raça negra não constituía apenas uma teoria abstrata, mas, calculada estratégia de destruição, está claro nos argumentos do mesmo teórico, na explícita sugestão de se deixar os afro-brasileiros propositalmente indefesos (2016, p.88)

O movimento negro ainda se encontra engajado nas trincheiras, buscando alcançar a equidade e melhores condições de sobrevivência para a população afrodescendente. Este movimento está em constante diálogo com agendas e temáticas que permeiam nosso cotidiano, almejando transcender as margens sociais e reivindicar o que lhe é devido por direito.

Leis e decretos foram promulgados, porém a suposta benevolência com que foram implementados acabou por prejudicar o desenvolvimento da população negra nas esferas social e econômica, restringindo seu acesso e apropriação, e perpetuando sua submissão à elite branca.

Dias e Cunha, em seu artigo "Dívida Histórica da Escravidão," argumenta que, desde os processos de resistência individuais e coletivos na África até a difícil adaptação às áridas terras coloniais das Américas, os afrodescendentes desenvolveram a habilidade intrínseca de se reinventar. No entanto, a população negra ainda carrega o peso do racismo estrutural e cotidiano, que requer a implementação de políticas públicas de ação afirmativa para possibilitar a inclusão social, promover condições mais justas de competição e oferecer melhores oportunidades.

Mesmo diante dos obstáculos que dificultam o acesso, hoje podemos fazer uso do Estatuto da Igualdade Racial e de leis como a Lei de Cotas e a Lei 10.639/2003. Que completou 20 anos em 2022

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências

Apesar do derramamento de sangue afrodescendente nas plantações coloniais, a comunidade negra conseguiu ressurgir, lembrando e aplicando os conhecimentos ancestrais como meio de resistência aos desgostos originados desde a travessia da Kalunga, ao longo do período de escravidão e suas ramificações, que ainda ecoam na experiência daqueles com pele negra nos tempos atuais.

O propósito subjacente é a mitigação das disparidades sociais entre brancos e negros, as quais surgiram como resultado do prolongado processo de escravização e colonização que perdurou por mais de trezentos e cinquenta

anos, submetendo a população negra a condições degradantes e privando-a de perspectivas dignas de futuro, impactando profundamente a realidade presente.

O solo brasileiro se constitui como fruto de diversas matrizes multiculturais, forjadas a partir de práticas desumanas perpetradas pelos colonizadores, baseadas na exploração econômica e na violência da escravidão. Tais circunstâncias exacerbaram disparidades socioeconômicas e evidenciaram a urgência de políticas de ação afirmativa, com o intuito de retificar e compensar historicamente, visando à inclusão e equalização social da comunidade negra (DIAS; CUNHA, 2012).

A demanda por reparações visa a que o Estado e a sociedade tomem medidas para ressarcir os descendentes de africanos negros, dos danos psicológicos, materiais, sociais, políticos e educacionais sofridos sob o regime escravista, bem como em virtude das políticas explícitas ou tácitas de branqueamento da população, de manutenção de privilégios exclusivos para grupos com poder de governar e de influir na formulação de políticas, no pós-abolição. Visa também a que tais medidas se concretizem em iniciativas de combate ao racismo e a toda sorte de discriminações. Cabe ao Estado promover e incentivar políticas de reparações, no que cumpre ao disposto na Constituição Federal, Art. 205, que assinala o dever do Estado de garantir indistintamente, por meio da educação, iguais direitos para o pleno desenvolvimento de todos e de cada um, enquanto pessoa, cidadão ou profissional (BRASIL, 2004, p.11)

As empreitadas demandam continuidade e progressão, estratégias bem delineadas e execuções voltadas para a desarticulação do sistema meritocrático, que intensifica as disparidades, fundamentado na inércia não contestada e na preservação dos privilégios da elite colonizadora (BRASIL, 2004).

Nesse contexto, surge a necessidade de ampliar e efetivar a esfera de estudo e resistência da congada na cidade de Uberaba, considerando a riqueza de seus elementos educativos, fundamentados na herança cultural, na expressão musical e na corporalidade.

### **AS CONTAS DO MEU ROSÁRIO – A FÉ CONGADEIRA**

Entre guias e patuás, o rosário sagrado envolve os devotos da fé, protegendo-os de toda perversidade humana que possa tocar seus corpos e almas. Como costumava dizer minha avó: cada integrante da congada é como

um elo no rosário de Maria, que com devoção entoam suas preces em meio à alegria, nutrindo esperanças para os dias vindouros.

♪♪♪♪...Se você brinca na linha de congo,  
 É congo, é congo, é congo aruê...  
 Se você brinca na linha de congo,  
 É agora que eu quero ver,  
 Ô salve o Congo, salve o rei do Congo...  
 Salve a Nossa Geração,  
 Salve São Jorge guerreiro, Salve Consme e Damião... ♪♪♪♪

Com uma disposição sorridente, avançamos rumo à vitória, mantendo este compromisso inquebrantável de sobreviver e desafiando nossa herança ancestral. Brincando nos campos do congo, uma herança espiritual viva e pulsante, os escravizados desembarcaram em solo brasileiro trazendo consigo bagagens corpóreas, sonoras e vibrantes, incluindo seus costumes, manifestações culturais, crenças e idiomas. Esses elementos, entretanto, passaram por transformações significativas nestas terras devido à forte influência dos colonizadores católicos e imperialistas.

O filósofo, mestre e doutor em Antropologia, Osvaldo Martins de Oliveira, em seu artigo "Congo: Demarcador de Identidade em uma comunidade quilombola" (2018), aborda a diversa origem histórica da congada, que provém de várias regiões do país. Ele se apoia em autores como Mário de Andrade, Carlos Rodrigues Brandão, Florestan Fernandes, entre outros, que, em contraposição ao nosso desejo de buscar definições, permitem que o povo congadeiro se autodefine em toda a sua plenitude.

Por outro lado, os folcloristas, na qualidade de ideólogos envolvidos na criação de mitos históricos sobre a continuidade e homogeneidade das diversas culturas étnicas, procuram standardizar e disseminar as origens dos rituais congo, sugerindo uma influência dos povos indígenas. Algumas narrativas literárias descrevem a transplantação da África para o solo brasileiro, enquanto outras enfatizam o fenômeno mestiço das culturas, atribuindo a propriedade do movimento congadeiro aos indígenas, que supostamente teriam influenciado os

africanos, incluindo a incorporação de instrumentos e a essência do tambor (OLIVEIRA, 2018).

A história transmitida oralmente pelos mais idosos relata que a Virgem do Rosário apareceu em uma gruta, enquanto outras versões afirmam que ela emergiu do mar. Os habitantes locais e o padre tentaram, repetidas vezes, levar a imagem para a igreja, mas ela misteriosamente retornava ao seu local original. Foi somente quando homens vestidos como congadeiros e moçambiqueiros realizaram uma procissão, cantando e dançando até a igreja, que conseguiram finalmente colocar a imagem no altar, onde permaneceu desde então, sem voltar para a gruta ou o mar (VASCONCELOS, 2007).

Para alguns, a Congada pode representar a maior manifestação popular da religiosidade católica, mas também não deixa de representar um momento de fantasia, lazer e alegria. Os corpos que cantam são os mesmos que dançam, que rezam, adoram sua fé (CARMO; MENDONÇA, 2008, p.190).

Nessas complexidades históricas que aguçam nosso desejo de pesquisa, exploraremos a perspectiva ancestral, venerando nossas raízes africanas sob o fulgor da nossa herança luminosa.

Essas informações confirmam que a população de ascendência africana no Brasil tem suas formas de organização cultural pautadas nas tradições oriundas da própria África e perpetuadas pelos africanos escravizados desde os primeiros tempos do sistema colonial. E, essas formas de organização cultural no Brasil foram mantidas através de forte ligação com as raízes ancestrais vindas da África, manifestando-se por meio de traços da civilização africana aqui dinamicamente reelaborados, de uma cultura recriada a partir dessas bases da civilização originária e expressões de mitologia, simbologia e ritualidades expressos nas práticas religiosas (OLIVEIRA, 2011, p. 49)

Oswaldo Martins de Oliveira (2018) argumenta que na interação entre diferentes grupos culturais e seus conhecimentos, o congo emerge como um rito distintivo, cujo simbolismo e estruturas organizacionais estão intrinsecamente entrelaçados. Ele pode ser considerado um ritual, uma celebração ou uma estratégia de resistência, desempenhando um papel como instrumento de transformação social e política.

As expressões verbais e corporais do ritual significam uma forma de demarcar posição política e um ato de rebelião contra os tipos de exploração, violência e racismo praticados contra os negros na África e na diáspora desde

o tempo da escravização. Por outro lado, o congo significa uma forma de demarcar politicamente, por meio de uma postura corporal, uma atitude em favor da autonomia para a produção e a organização das diferenças culturais (OLIVEIRA, 2018, p.103).

Os símbolos apresentados representam códigos reconhecidos coletivamente, constituindo uma forma de organização simbólica que é empregada para expressar posicionamentos sociais e políticos, como as posições de liderança e chefia.

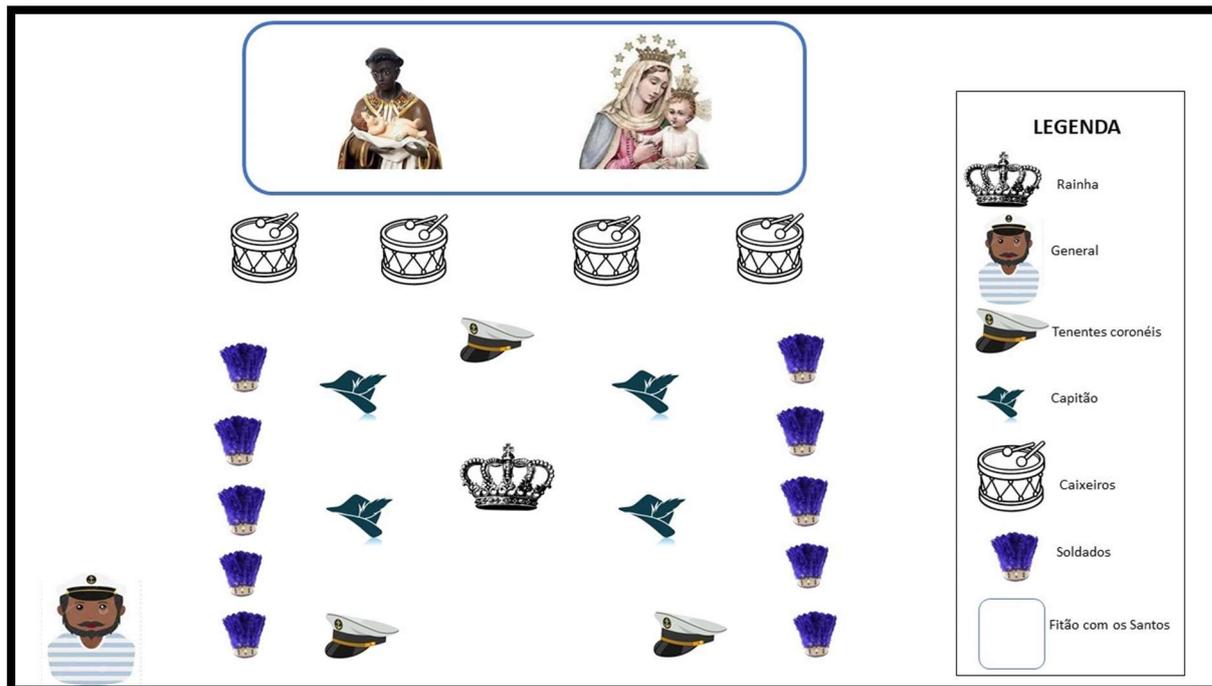
A conquista de um cargo de liderança demanda anos de dedicação, um percurso lento sob a orientação do saber ancestral transmitido pelos mais velhos. Muitos interrompem sua jornada devido às limitações encontradas ao longo do caminho. Alcançar um cargo de chefia representa o reconhecimento e a responsabilidade conferidos pelos ancestrais, uma trajetória constante entre o conhecimento e o poder, entre o ascendente e o ancestral.

Jeremias Brasileiro (2012) descreve um sistema hierárquico herdado das guerras em que os negros participavam, muitas vezes sendo condecorados, exaltados e libertos. Eles exerciam cargos figurativos perante seu povo e detinham instrumentos de guerra, como espadas, bastões, apitos, dragonas, entre outros.

Os generais e capitães comandam seus ternos, dançando e cantando nos rituais, portando vestimentas e apetrechos próprios de seus cargos, como bastões ou espadas nas mãos e apitos para marcar o ritmo e as danças. Os soldados permanecem perfilados, oferecendo proteção e respondendo aos comandos das lideranças.

A formação de um batalhão ou terno envolve numerosos componentes que seguem uma ordem hierárquica, com as ações sendo dirigidas pelo general, tenentes-coronéis, capitães e soldados. Todos são imbuidos de sabedoria e portam instrumentos de fé, além da bandeira carregada pela rainha, que ostenta a imagem dos santos.

Figura 09: Estrutura Terno De Congada Do Penacho



Fonte: Arquivo do auto (2023)

Descreveremos a figura (9) acima sob a ótica do renomado pesquisador Carlos Rodrigues Brandão. Em sua obra "A Festa do Santo Preto" (1985), o autor não se limita a relatar mais um evento folclórico, mas, essencialmente, busca a compreensão do processo ritual e da ordem de relações que compõem um sistema simbólico. Ele lança luz sobre o que pode parecer uma alegre desordem aos olhos de quem não se dispõe a compreender a organização dos congadeiros. Como pesquisador, revelou-se sensível e meticuloso na investigação das articulações simbólicas e sociais geradas pelas diversas categorias de sujeitos envolvidos.

Em um de seus capítulos, dedicou-se a explorar a hierarquia presente nos ternos de congadas, o que nos levará a incorporar suas análises às reinterpretções sobre as dinâmicas e a estrutura do Terno e Congada do Penacho.

As funções exercidas permitem que as pessoas de classe menos favorecidas representem determinadas figuras como general, capitão, soldado, rei, rainha, entre outros, permitindo a representação de papéis considerados nobres para a sociedade e oculta o pertencimento a determinada classe que detém o poder político e econômico (CARMO; MENDONÇA, 2008, p.182).

O fitão assume a liderança à frente dos soldados, anunciando a chegada dos santos. Ele está cercado por crianças que estão sob a tutela da matriarca, um local que também serve de tributo aos congadeiros que já não estão mais presentes fisicamente.

O capitão detém pleno domínio sobre seus subordinados (soldados, caixeiros, auxiliares). É ele quem organiza e desempenha um papel crucial como agente de controle na consolidação e desenvolvimento do terno de congada. Demonstrando sempre uma postura adequada às necessidades apresentadas, o capitão responde apenas aos tenentes-coronéis e ao general do batalhão. Sua responsabilidade envolve a coordenação dos soldados, a iniciação dos rituais, a harmonização das danças e instrumentos, bem como a transmissão de segurança a todos os envolvidos no desfile (BRANDÃO, 1985). Luiz Carlos do Carmo e Marcelo Rodrigues Mendonça discorre no livro “As Congadas e Catalão” (2008).

A capacidade de improvisações dos Capitães de terno é interpretada como transfiguração, pois organizam as palavras numa lógica que possui um significado para o momento em que estão dançando e fazendo a homenagem à alguém ou aos próprios santos (CARMO; MENDONÇA, 2008, p.182).

Os Soldados, por sua vez, obedecem aos comandos de resposta e às danças delineados por seus superiores, seguindo as marchas e os rojões entoados pelas caixas.

Os Caixeiros reagem aos sinais e investidas dos capitães. Diferentemente de outras formações no Perno de congada do Penacho, eles compõem as fileiras da frente, promovendo uma rítmica envolvente e distinta dos demais ternos da cidade. Suas batidas são contínuas e alegres, respondidas com cantos e pulos dançantes.

Os Tenentes Coronéis ocupam a posição de suplentes dos generais e estabelecem comunicação direta com os capitães. Assumem o comando apenas quando necessário, a fim de se comunicar com o general.

O General desempenha diversas funções. No caso do Terno de Congada do Penacho, mantém uma postura silenciosa e distante, observando atentamente tudo e todos ao seu redor. À distância de seu batalhão, exerce uma função mediadora em casos de conflitos. Ele deve orientar e incentivar seu

batalhão em direção a uma fé viva e pulsante, acompanhando pessoalmente os ensaios e articulando as necessidades em relação aos objetivos e distribuição de funções (BRANDÃO, 1985).

O General somente assume a palavra e a vez em momentos específicos durante o cortejo: ao sair do batalhão para buscar a bênção, ao homenagear o rei e a rainha congo e ao encerrar as atividades. Qualquer situação fora desse contexto indica que algo requer maior atenção e exige o acesso à sabedoria e estratégias de condução. É o General que determina os caminhos a serem seguidos pelas patentes inferiores.

Nesse contexto, os ternos se organizam e, após as rezas e rituais, desfilam pelas principais ruas e avenidas da cidade em forma de cortejos, liderados pela rainha e pelo rei congo. Mantêm olhos, ouvidos e poros atentos aos comandos dos líderes, que, ao interpretarem os ambientes sob uma ótica espiritual, realizam os movimentos ritualísticos e evoluções coletivas, incluindo gestos corporais como ajoelhar, bater continência, executar movimentos em meia lua, andar em direção oposta, entre outros. São entoados cantos específicos para esses momentos, enquanto o cortejo saúda e reverencia os mais velhos, que abrem caminhos sagrados para que a resistência e a prática do congo continuassem.

As vestimentas e adereços de fé, como guias, chapéus e penachos, ostentam as cores da bandeira carregada pela rainha, simbolizando a identidade do batalhão/terno. As funções e ações são distribuídas de acordo com as patentes e o grau de conhecimento, baseados na fé e no compromisso ancestral.

A formação das lideranças não é uma casualidade nem resultado da vontade individual. É o fruto de um longo ciclo de aprendizado que se manifesta na necessidade e na sensibilidade em relação ao conhecimento, valorizando a bagagem de experiências vividas ao longo dos anos sob a orientação dos mais velhos. São esses líderes que observam, ensinam, testam, cobram e orientam, sem restrições de tempo ou lugar.

As lideranças desempenham papéis cruciais dentro dos ternos, fornecendo orientações e direcionando os irmãos de fé por meio de cantos e diálogos codificados no tempo e na sensibilidade congadeira, que se manifestam por meio de olhares, gestos e contextos vivenciados.

Figura 10: Guardiões Do Sagrado (General e Tenentes Coronéis)



Fonte: Acervo do autor, 2022

Nessa embarcação, serão designados como os guardiões do sagrado, incumbidos da missão de resguardar, transmitir e zelar tanto por seu povo quanto pela sabedoria ancestral confiada ao seu batalhão. A imagem acima ilustra um diálogo cantado entre dois coronéis e um general, que são admirados por seu povo, o qual aguarda os comandos dos caminhos a serem percorridos.

O ritual, em um contexto social específico, constitui um modelo de símbolos que evidencia e expressa a forma de organização de uma comunidade negra.

Assim, o congo é uma linguagem por meio do qual o grupo transmite mensagens coletivas ao conjunto dos moradores, para afirmar sua identidade étnica enquanto negros herdeiros de um patrimônio material e imaterial deixado por seus ancestrais que, segundo dizem, teriam inventado o congo na região e lhes deixado um território como herança. É uma linguagem que expressa, também, as pretensões do grupo aos direitos constitucionais de reconhecimento étnico e cultural e de titulação de sua terra-território (OLIVEIRA, 2018, p.102).

Um coletivo entoando louvores que celebram a liberdade de um povo que outrora foi subjugado, redimensionando assim sua existência diante das muitas

forças contrárias à sua presença neste mundo. Mantendo-se alinhados, com sentidos aguçados e poros atentos, marcham, pulam, entoam cânticos, dançam e ecoam os ritmos dos tambores, experimentando uma gama de emoções que inclui sorrisos e lágrimas, ao mesmo tempo em que reverenciam aqueles que partiram, apropriando-se do passado e reconhecendo as raízes que os conduziram até o presente momento.

Figura 11: Ternos de Congada do Penacho em cortejo pela cidade de Uberaba



Fonte: Arquivo do autor, 2022

Figura 12: Ternos de Congada do Penacho em cortejo pela cidade de Uberaba



Fonte: Arquivo do autor, 2016

Os ternos de congada, ao desfilarem pelas ruas de Uberaba, captam a atenção e suscitam preconceitos, que, ao não compreenderem o movimento, resultam em críticas que fortalecem um sistema opressor, indiferente às diversidades raciais. Mesmo diante desse cenário, os ternos de congadas e moçambiques persistem há mais de 133 anos, entoando cânticos de liberdade nas terras antigas e pecuárias da região. Oliveira afirma em seus escritos que

As narrativas míticas são formas de falar da realidade social do presente e do passado, sendo as narrativas reativadas na memória do grupo através dos rituais. Assim, celebrar e contar são formas de o grupo não esquecer quem é e quem foram seus antepassados, pois narrativas míticas e ritos estão imbricados. As narrativas míticas são formas de falar da realidade social do presente e do passado, sendo as narrativas reativadas na memória do grupo através dos rituais. Assim, celebrar e contar são formas de o grupo não esquecer quem é e quem foram seus antepassados, pois narrativas míticas e ritos estão imbricados de tal forma, que um depende do outro, e as formas organizativas reabastecem a consciência e o sentimento de pertencimento de seus integrantes por meio deles (OLIVEIRA, 2018, p.102).

Os primeiros Ternos de Congada desencadearam os ritmos de seus tambores nas terras zebuginas entre os anos de 1888 e 1889. Não obstante às adversidades sociais, os Ternos de Congadas e Moçambiques permanecem resilientes às mutações da sociedade. Eles celebram e entoam as tradições do seu povo, revivem memórias e práticas significativas, incorporando um simbolismo robusto e a fé que aguça a sua percepção das contribuições na moldagem da estrutura social, cultural, da resistência e do senso de pertencimento do povo preto de Uberaba.

A Congada, presente ao longo de mais de 130 anos de celebração em homenagem a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário na cidade de Uberaba, configura-se como um elemento fortalecedor e representativo da cultura local. Nessa tradição, identificamos elementos como a dança, a religiosidade, a economia, a história e a resistência de um povo, que entrelaçam conceitos formando uma vasta rede de relações sociais. Isso ocorre considerando os seus movimentos coletivos, as suas influências sociais e os territórios envolvidos.

Figura 13: Terno de Congada do Penacho - ano 1889



Fonte: Arquivo público de Uberaba, 1889

Na urbe de Uberaba, dois dias sobressaem na milenar trama organizacional dos Ternos de Congadas, Moçambiques e Afoxés pelas artérias urbanas. Estes dias, a saber, o 13 de maio e a Celebração de Nossa Senhora do Rosário, se delineiam como marcos singulares.

Os Ternos de Congadas e Moçambiques de Uberaba, em sua maioria, resultam da mobilização de cidadãos ubérrimos, predominantemente de ascendência africana, apresentando uma heterogeneidade etária. Este coletivo, frequentemente proveniente de camadas socioeconômicas desfavorecidas, se estrutura primordialmente com base em laços familiares diversos e membros da comunidade.

É um amplo campo de observações, intervenções e indagações à procura da massa “aberta”, onde o número de pessoas é bastante variável, que possibilita uma certa transgressão da ordem cotidiana, as pessoas não necessariamente se conhecem, identificamos a grande presença de crianças participando e se integrando as festas, se divertindo, tocando caixas, dançando ao ritmo de congos, expondo suas cores e louvores. Isso também nos significa a continuidade dos valores tradicionais e dos ensinamentos transmitidos em corrente contínua entre o ancestral e o ascendente (CARMO; MENDONÇA, 2008, p.160).

As mulheres representam a força matriarcal dos ternos e batalhões, encarregando-se da organização do café da manhã, vestimentas e almoço. Elas são as manipuladoras da energia alimentar que nutre e fortalece os batalhões. Sem a sua contribuição, as caixas e vozes não ressoam como deveriam. As crianças, por sua vez, simbolizam a continuidade dos processos de resistência e a alegria do saltitar e cantar dos congadeiros.

De acordo com os depoimentos dos mais experientes congadeiros, a presença de mulheres entre os soldados não era aceita. Percebo, em seus gestos e palavras, a visão patriarcal dos generais que consideravam o papel da mulher como submisso. Eles reproduziam discursos conservadores e machistas de décadas passadas, como "mulher não veste calça" e "o lugar da mulher é na cozinha". Caixas, pandeiros e bastões eram considerados artefatos masculinos. No entanto, ao longo do tempo, essas convenções foram desafiadas e a presença feminina na congada adquiriu novos significados. As mulheres passaram a integrar as fileiras, entoar cantos, assumir posições de liderança e se apropriar das patentes e títulos perante sua comunidade, incluindo cargos de generais, coronéis e capitães.

Alguns ternos permanecem fiéis à tradição ancestral e resistem a influências do mundo contemporâneo que os rodeia. Eles seguem rigidamente os padrões conservadores em seus cânticos, arranjos musicais e organização dos batalhões.

As responsabilidades específicas são atribuídas às matriarcas/patriarcas ou generais, abrangendo diversas tarefas relacionadas à preparação e decoração da bandeira, confecção de uniformes e adereços, assim como o preparo de alimentos e cuidado com o espaço físico. A congada, portanto, abraça a diversidade e a pluralidade de percepções, valorizando os tempos, espíritos e fortalecendo as comunidades.

As cores, músicas e danças desempenham um papel fundamental na expressão dos valores culturais e na atribuição de significado às manifestações afro-culturais em Uberaba. Os cânticos e danças dos Congados refletem a importância da ancestralidade e da voz dos mais velhos nesse contexto.

Embora muitas vezes romanticizadas, as experiências também estão permeadas por conflitos e desavenças. As divergências de opinião e interesses estimulam disputas que vão além das aparências. Em busca de cargos de

liderança, frequentemente ocorrem confrontos dentro dos próprios batalhões. As discordâncias, por diversos motivos, podem provocar desuniões que afetam não apenas o ambiente das manifestações, mas também as relações familiares e comunitárias.

As histórias narradas e os métodos para resolver diferenças envolvem um processo peculiar, onde capitães e generais travam disputas vocais com outros ternos, fazendo uso do poder da oratória e obtendo respostas de seus soldados. Esses embates são compostos por cânticos que podem ser interpretados como alertas, ataques, defesas, difamações e injúrias, todos eles ritmados pelo som das caixas. Os soldados, por sua vez, respondem às orientações do capitão ou general como se estivessem seguindo comandos militares, restringindo, assim, as opções, o raciocínio e as estratégias do batalhão adversário. Esse intrincado processo visa, em última análise, obter respeito e honra.

No entanto, as maiores ameaças à cultura congadeira não são esses conflitos internos, mas sim as armadilhas que buscam fortalecer a permanência da cultura negra na cidade de Uberaba. Os poderes legislativo e executivo, em vez de discutirem a memória e a preservação do povo negro, muitas vezes se apropriam e confundem, assumindo uma narrativa de controle e domínio justificada por considerações políticas, o que limita o acesso às estruturas e organizações e desarticula as comunidades, como previsto por Nestor Canclini (1998).

Observando sob essa perspectiva, torna-se evidente que a falta de articulação política enfraquece a continuidade e a vitalidade da cultura congadeira. Em Uberaba, essa cultura é frequentemente marginalizada, e suas celebrações são cada vez mais prejudicadas. As autoridades negam cestas básicas para a alimentação após os cortejos, transporte adequado e estruturas mínimas para realização dos eventos.

Apesar das influências políticas, econômicas, tecnológicas, culturais e sociais que moldaram o desenvolvimento da cidade, os eventos congadeiros têm sobrevivido devido à autodeterminação de alguns grupos que buscam incentivos para suas celebrações e datas. No entanto, mesmo dentro desses grupos, existem distorções de objetivos, com representantes que sucumbiram às influências colonizadoras e mercadológicas, afastando-se da fé e resistência que

são características essenciais dos coletivos congadeiros de Uberaba. Isso reforça a narrativa de desorganização do povo negro.

Em Uberaba, existem cerca de 15 organizações, incluindo Congada, Moçambique e Afoxé. Destaco o terno de Congada do Penacho, registrado pela primeira vez em 1889, o que totaliza 133 anos de luta e resistência nas colinas de Uberaba. É nesse contexto que figuras notáveis como Rosa (in memoriam) e o General Admilson, juntamente com outros capitães, rainhas e soldados, foram nutridos e santificados pela fé de Manoelina, nossa Matriarca. É também nesse contexto que buscaremos respostas para as questões de pesquisa e desenvolveremos nossos objetivos em busca da Pedagogia Congadeira.

Celebramos nossos ancestrais, mantendo suas memórias vivas, que foram gradualmente apagadas pela colonização que se apropriou dos livros e dos destinos transmitidos por nossos pais e avós, que praticavam essas celebrações no passado e nos transmitiram esse conhecimento. Nesse sentido, o congo é um evento e um acontecimento de memória ancestral contínua.

As caixas ainda ecoam, adornadas com simbolismo, entoando melodias alegres e, por vezes, melancólicas, que expressam as dores e ressignificam a saudade daquilo que não vivemos. Os passos ritmados seguem o compasso das marchas e dos rojões.

As influências do tempo não conseguiram enfraquecer a vitalidade das tradições musicais presentes na corporeidade africana, suas danças, instrumentos, ritmos e músicas gradualmente se incorporaram ao cenário musical brasileiro. Essas tradições encontraram espaço nas praças, vielas, reuniões e escolas, deixando marcas indelévels. As feridas de outrora podem ter se transformado, mas os tambores continuam a ressoar.

## CENA 2: “O TEMPO ESPIRITO: GÊNESIS DA NARRATIVA DE SI”

As escrituras aqui deixadas têm como objetivo perpetuar a congada de Uberaba, promovendo diálogos com diversos meios e processos de ensino e aprendizado. Esses diálogos abrangem desde as experiências no quintal de minha avó até o ambiente acadêmico, abordando uma Pedagogia Congadeira que se baseia na busca pelo autoconhecimento e em uma perspectiva coletiva e plural. Isso permite que cada indivíduo se torne sujeito de sua própria trajetória, reconhecendo e reafirmando a história ancestral do povo negro escravizado.

Esse povo reinterpreta suas jornadas em busca de sobrevivência, se auto-organizando e marcando seus passos em terras áridas. Eles cantam, celebram e perpetuam a tradição do congo, resistindo a diferentes desafios e conquistando vitórias que estão enraizadas em seu sangue e memória, ancoradas na ancestralidade.

Desde as raízes familiares até os ternos e batalhões de congadeiros, essa tradição se espalha pelas cidades e sobe os morros mais remotos, expressando a busca pela liberdade, a saudade e as experiências moldadas pelas águas que banham essa terra.

♪♪♪... Eu vim lá do mar ô gente...

Eu vim lá do mar contente...

Ô viagem boa, ô gente...ô viagem boa...

Mas é do meu querer, contente, é do meu querer ô gente

Ô viagem boa, ô gente...

Ô viagem boa...♪♪♪

E assim, ela partiu, acolhida pela ancestralidade, deixando-me um último cântico que ressoou em meu âmago, evocando sentidos e emoções adormecidos, conduzindo-nos de volta ao lar. Como uma centelha viva, abençoou-me e à "mim" (aqui, a palavra "mim" não se refere diretamente ao eu individual, mas sim a uma maturidade ancestral), atribuindo-me a missão (os caminhos) de continuar a cumprir o que era necessário, independentemente das consequências.

Muitos daqueles que compartilham a minha experiência podem não conseguir contextualizar-se neste relato. Este texto tem suas raízes em uma tríade nascida do mesmo ventre, criada com esmero aos pés e sob as saias de uma avó rezadeira e uma mãe zelosa, com o propósito de serem rigorosamente moldados e orientados pelas mãos de uma senhora que possuía a habilidade de embelezar tudo o que tocava, em todas as suas dimensões e interpretações, seja nas intrincadas tramas de linhas ou nas profundezas das almas.

Ao expor a narrativa acima, recordo-me e encontro respaldo nas palavras de Conceição Evaristo em seu trabalho "Agente combinamos de não morrer", que descreve um ambiente muito semelhante ao que vivenciamos na vulnerável comunidade conhecida pelos mais velhos como Koreinha. Essa comunidade estava situada nas terras baixas do bairro Nossa Senhora da Abadia, em Uberaba, Minas Gerais. Embora distante da santidade no sentido literal, estava repleta de santidades no sentido mais amplo. Lá, experimentávamos o caos periférico, permeado por necessidades prementes e inseguranças diárias de sobrevivência, em meio a inúmeras lacunas e anomalias sociais, no contexto de subdesenvolvimento humano em que estávamos imersos. Como descreve Evaristo, "Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro" (2016).

Rozilda Maria Honorato, conhecida como Dida ou carinhosamente como Rosa (apelido dado por meu avô Wilson, in memoriam), mas grandiosamente minha mãe, sobreviveu entre linhas, miçangas e agulhas. Essas ferramentas concediam forma e significado às necessidades que se apresentavam diariamente, costurando a própria vida. Como mãe solteira de três filhos, enfrentou inúmeras adversidades, buscando orientar-nos mesmo em meio a caminhos incertos e estruturas frágeis. Dedicou-se com amor e empenho a nos educar como bons filhos e congadeiros, mostrando coragem e determinação em sua jornada.

Figura 14: As continuidades congadeiras, família Honorato



Fonte: Acervo do autor, 2022

Eu represento a vanguarda deste tridente, o primogênito que desbravou os intricados e significativos percursos desta existência terrena, com Rosa como mãe aos seus tenros 16 anos de idade. Esses percursos se assemelhavam mais a estreitas ruelas, inundadas de lições, experimentos e noites insones frequentando as instituições hospitalares e locais de prece, zelando pela minha permanência e estabilidade neste mundo.

A partir de uma semente frágil que germinou com todo o esmero, transformei-me em um tronco robusto, capaz de acolher e ser acolhido por meus irmãos Roberto Carlos "Eré" e Robert Guilherme, que brotaram e floresceram do mesmo solo fértil, guiados e aprimorados pela benevolente influência de Rosa, nossa progenitora.

O tempo nos brindou com estímulos e instruções, conduzindo-me por caminhos distintos e obrigando-me a decifrar outras nuances, outros universos, outras energias. Hoje reconheço que essa jornada foi imperativa, necessária para desbravar novos trajetos e descobrir facetas do meu Eu.

Produto do sistema educacional público e residente na comunidade conhecida como Koreinha, senti na carne as fraturas e distorções sociais, biológicas e psicológicas causadas pelo abandono endêmico fomentado pela estrutura colonial. As questões legais relacionadas às drogas permeavam

constantemente nosso cotidiano, nos lançando em um abismo estrutural e organizacional que suprimia perspectivas e fragmentava famílias.

As figuras masculinas que permeavam meu ambiente familiar eram dominadas por impotência, raiva, abuso de álcool, crack, cocaína e comportamentos contrários à ordem estabelecida. Esse ciclo se repetiu com meus avós, tios, vizinhos, amigos e meu próprio pai, perpetuando um sistema de reprodução que atravessa gerações e persiste até os dias atuais.

Os mais idosos afirmam que as orações e bênçãos da minha avó rezadeira, conhecida popularmente como Manuelina ou "Tiné", têm atenuado, conscientizado e reacendido as esperanças em um futuro melhor. Foi com o auxílio de um tratamento e as preces de minha avó que meus avós, tios e pai conseguiram abandonar o submundo das drogas e, até hoje, sobrevivem com as sequelas.

Minha avó, a mais anciã na esfera terrena, é a matriarca da nossa família, construindo o mundo em suas contas de rosário, representando uma fortaleza de fé e a manifestação da natureza em seu estado mais puro, a experiência mais próxima que tive de uma divindade. Ela carrega em seu peito e em seu "Ori" uma herança ancestral, fundamentada nos ensinamentos de meus bisavós Honorato e Maria, sendo ela a responsável por semear, regar e acompanhar de perto o desenvolvimento e o enraizamento das sementes (conhecimentos) que foram legadas a ela, mantendo nossa ancestralidade vibrante e pulsante no âmago familiar, transformando-nos em seus discípulos e continuadores.

É através do fio da fé que somos conduzidos, alimentados e abençoados, nutrindo não apenas nossos corpos, mas também nossas almas. A Koreinha desmistifica suas divindades nas bênçãos dos mais velhos e dos mais jovens, fortalecendo nossa pangeia, um "encontro de vários mundos", nas canções e encantos das celebrações religiosas, terços, procissões, romarias, terreiros, fogueiras e congadas, que ecoam a tradição ancestral e, com a bênção dos anciãos (tanto matriarcas quanto patriarcas), superam as adversidades e heranças sociais de uma forma holística, resistindo ao curso do tempo imposto pelo homem colonizador.

Nas solenes procissões da congada, nos incorporamos e fomos assimilados pelas antigas conexões ancestrais, exaltando Rosa como a Rainha Conga, conferindo a Admilson Honorato (seu irmão mais velho) o posto de

General, e consagrando minha avó Manuelina como Matriarca. Os demais membros da família assumiram as funções de capitães e soldados no séquito do Terno de Congada do Penacho.

As indumentárias azuis, brancas e os penachos adornando nossas cabeças passaram a ser como uma segunda pele, incorporando e apropriando-se dos conhecimentos rituais, musicais e ancestrais. Cantamos e "dançamos" através de gestos nossas dores, alegrias, saudades e amores, entoando versos que remontam às origens de meus bisavós, perseverando apesar das adversidades do período colonial.

Neste eterno girar da herança ancestral, tias, tios, primos, irmãos, filhas e filhos foram e continuam chegando a bordo deste legado, reconhecendo sua identidade, resgatando o conhecimento daqueles que vieram antes, cuidando dos que estão transmitindo sabedoria às futuras gerações. Assim, alinhamos o tempo e o espírito com os comandos e diretrizes dos Guardiões do Sagrado, incluindo matriarcas, generais, tenentes, capitães, soldados, entre outros, ao som dos cânticos, hinos e pontos rituais, traçados e gestualizados, todos unidos pelos fios da fé que estruturam e sustentam esta secular e ancestral entidade, o Terno de Congada do Penacho.

Naveguei por diversos oceanos e marés, afastado de minha comunidade, enfrentando o inescrutável sentimento de banzo, uma profunda desarmonia interior, um descompassado ritmo vital, consequências de uma estrutura que suga nossa energia ancestral, alimentada pelas heranças e cicatrizes do período colonial. Uma inquietação da alma que se sufoca e não flui em um ambiente opressor.

Os ares que adentravam minhas narinas eram densos e venenosos, intoxicando minha mente e meu coração com pensamentos e emoções que me levaram a questionar o tempo e as experiências dolorosas que corroíam minha essência. Uma saudade de algo que nunca vivi, mas que sentia profundamente, buscando caminhos que pudessem aliviar minha essência, eu precisava compreender minha própria identidade, minha localização no mundo e como lidar com o peso que distorcia minha essência, afastando-me de minha verdadeira natureza.

Davi Nunes, em seu artigo intitulado "Banzo: Um Estado de Espírito", publicado no Portal Geledés em 2018, efetua uma análise profunda da minha

condição emocional, elucidando o conceito do banzo e seus efeitos sobre a psique e a alma

O banzo é a antítese heroica da vitória, a pistola apontada na cabeça e o riso desesperador do suicida; o mergulho no mar, na Atlântida Negra, perdida no fundo do oceano, pois o navio negreiro é a morte do corpo negro sequenciada nos séculos futuros. É o sangue no olho do menino preto que vai morrer homem. Caralho. É a *cabeça de Eternit* e o tiro zumbido no ouvido tranquilamente. É o pessimismo de Machado de Assis, o desespero lírico de Cruz e Sousa, o expressionismo mentalista de Basquiat, o inebriar etílico de Lima Barreto. É o núcleo atômico de um sentimento que se desenvolveu no processo de escravização, e ainda hoje é um estado de espírito ao mesmo tempo aterrorizador e poderoso, uma transcendência diante dos traumas seculares. O banzo, assim, é fim para o começo, embate mentalista introspectivo que move o mutuê, a cabeça, para uma dignidade existencial que se estende além da vida – a ancestralidade. Por isso é força angustiante, uma instancia desesperadora, uma dor insubmissa às opressões.

"É a essência da mortalidade que prevalece sobre o ocaso do notório talento afrodescendente, compreende?". Um espírito perdido nas teias do tempo, busca sua própria essência na dualidade entre o sorriso e a lágrima, numa busca incessante por identidade neste mundo distante de tudo o que arrepiá os sentidos. A saudade do lar mantém a chama da esperança acesa, mesmo que isso resulte numa força antagônica que consome corpo, mente e alma, tornando a descrença em si mesmo um veneno que lentamente devora o resquício de sua essência.

A natureza que nos gerou, circundou e acolheu, suportou o peso da intervenção do colonizador, que com suas imposições moldou nossos corpos e mentes de acordo com as necessidades de produção e os lucrativos horizontes mercadológicos. Amparados por um sistema governamental que seda e naturaliza nosso sentimento de banzo ancestral, testemunhamos a desconexão de nossos corpos com o desmatamento das árvores e a conversão das capoeiras que outrora nos traziam alegria, passamos a fazer parte da natureza por imposição.

A insegurança sempre pairou sobre nós, e Rosa, como guardiã diligente de seus filhos, buscou alternativas e nos matriculou em instituições que nos acolhiam durante os três turnos do dia: o Centro de Assistência ao Trabalhador Rural (CATRU), a Escola Estadual e a Escola Mirim de Samba, todas frequentadas por crianças e adolescentes de uma comunidade profundamente vulnerável, conhecida como Koreinha. Nesse ambiente, enfrentamos os reflexos

das drogas, da desnutrição e de outras mazelas sociais que nos cercavam. As instituições educacionais tinham como base o esporte e a música, seguindo as diretrizes colonizadoras.

A musicalidade tornou-se uma fonte de inspiração e instrução para nós, muitas vezes usando objetos improvisados como instrumentos musicais, nossa alegria transbordava em garrafas vazias e baldes quebrados, manipulados pelos mais velhos, como Generais e Capitães do Congo. Nossas vozes roucas entoavam melodias que nos enchiam de alegria e consolo. Nestas circunstâncias, versos sobre amores e dores aliviavam nosso banzo diário, construindo e desconstruindo conhecimento, nutrindo nossa conexão espiritual.

Frequentemente, nos reuníamos ao redor de uma fogueira, compartilhando histórias, anedotas e juramentos informais, alimentando nossos laços que transcendiam as batidas de tambores e os diálogos. Estas rodas se auto-organizavam e deixavam um legado que se espalhava por nossas casas.

Essas memórias me conduzem a uma reflexão sobre as complexas transformações nos processos educacionais que moldaram minha formação. Lembro-me de um tamborete de couro, um presente de minha mãe, no qual eu passava horas melancolicamente tentando extrair sons, em sintonia com as batidas dos tambores da congada. Minha avó, às vezes, me convidava a dançar em seus passos ancestrais, ensinando-me os caminhos a seguir.

A falta de confiança que minha avó e minha mãe tinham no mundo me aproximou cada vez mais das instituições de ensino, que eram uma tênue esperança para uma família desestruturada. As velhas revistas descartadas por seus patrões se tornaram instrumentos de reforço e leitura para um jovem afrodescendente que se iniciava no mundo acadêmico.

Assim, trilhei um caminho distante dos jardins e territórios aos quais minha raiz pertencia. Vim em busca da apropriação do meu verdadeiro eu, explorando novos campos do conhecimento, me convertendo em docente com licenciatura em Educação Física em 2013, pela instituição de ensino superior denominada Centro de Ensino Superior de Uberaba - CESUBE. Esse foi um estágio inicial de autodescoberta durante minha jornada acadêmica, cujas reflexões e descobertas ainda ecoam em meu ser até os dias presentes.

Mesmo sem adotar uma abordagem estritamente autobiográfica, já ousava me aventurar na exploração de temas relacionados à minha comunidade

de origem, conectando-me à terra onde fui criado. Assim, dei origem à minha primeira monografia e ao artigo científico publicado na Revista Saberes Acadêmicos, no volume 9, em dezembro de 2014, com o título "A Atividade Física como Facilitadora no Tratamento da Dependência Química". Para embasar esses escritos, utilizei as experiências de meus familiares e as competências adquiridas durante minha formação acadêmica. O propósito era investigar como minha área de atuação poderia contribuir para o tratamento da dependência química.

Em 2013, obtive aprovação em concurso público realizado pela Prefeitura Municipal de Uberaba, ingressando como profissional na comunidade do Residencial 2000, na qual também resido. Assumi a posição de professor de Educação Física na Escola Municipal Professora Esther Limírio Brigagão, bem como no Centro de Artes e Esportes Unificados, ambos localizados no mesmo bairro e sob gestão do poder público municipal.

Minha atuação nesses espaços tem se revelado crucial para o meu desenvolvimento como indivíduo e como profissional. Lido diariamente com diversas complexidades sociais e educacionais, estando atento às peculiaridades dos alunos e ao contexto que nos envolve. Busco metodologias e abordagens pedagógicas que estimulem a autonomia e a emancipação dos estudantes, garantindo, assim, o pleno exercício de seus direitos. Mantenho um diálogo constante com eles, envolvendo-nos em discussões e na desconstrução da realidade da comunidade onde coexistimos, tendo como princípio orientador o respeito pelo pensamento crítico e a promoção do entendimento mútuo.

Eu me percebia, então, através dos olhares e lugares ocupados pelos meus alunos, figurando como o reflexo das mães que nutriam a crença em si mesmas e nas futuras gerações.

Nesse percurso, fui agraciado com honrarias que reconheceram meu compromisso com a educação. Entre elas, destaco o diploma de honra ao mérito conferido pelo SINDEMU - Sindicato dos Educadores do Município de Uberaba, e o Certificado de Mérito, em reconhecimento ao meu desempenho, participação, lutas e conquistas em prol da Comunidade Afro de Uberaba, concedido pela Prefeitura Municipal de Uberaba.

Consciente de minhas obrigações e responsabilidades para com minha comunidade, prossegui minha jornada acadêmica e social, obtendo a graduação

em Pedagogia em 2018, bem como a especialização em áreas correlatas: Educação Social (2019), Educação Física Escolar (2019) e, por último, Gestão Escolar (2019), todas alinhadas com minha atuação profissional, contextualizando e documentando as práticas exercidas no campo de atuação.

No ano de 2019, recebi o convite da Secretaria Municipal de Educação de Uberaba-MG para assumir a posição de vice-diretor na Escola Municipal Professora Esther Limírio Brigagão, situada no bairro Residencial 2000. Nossa meta consiste na organização de uma instituição escolar que possa ser acessada de múltiplas formas, propiciando processos de construção do conhecimento e autonomia dos estudantes.

Nesse mesmo ano, participei do processo seletivo para o Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE da UFTM, com o propósito de aprofundar meus estudos relacionados à Educação. Após seguir as etapas previstas no edital, iniciei as disciplinas e a elaboração do projeto de pesquisa.

Sentar-me nas fileiras de uma universidade, anos após minha primeira graduação, tem sido um desafio. O tempo, silenciosamente, me revela, nos detalhes mais ínfimos, sua natureza cirúrgica e poderosa. Com esperança, abri-me para a respiração desses novos ares e conhecimentos.

Contrariando minhas expectativas, o início do processo de mestrado me remeteu ao mesmo sentimento de banzo experimentado no passado. Encontrar pares semelhantes era uma tarefa árdua, pois éramos, e ainda somos, uma minoria entre os aspirantes a mestres. Os diálogos e ações não ressoavam com as vivências e perspectivas do mundo ao qual pertencemos. Nesse mesmo período, enfrentamos a eclosão de uma pandemia provocada pelo vírus Sars-cov 2/Coronavírus (COVID-2019).

Conduzir a Educação em meio a uma pandemia é desvelar uma multiplicidade de paradigmas, experimentados em meio a inúmeras metamorfoses que permeiam o campo educacional como um todo.

Diferentes abordagens, distintos modos operacionais, nuances e conexões foram estabelecidos, com bases tecnológicas, por vezes, distantes e mornas. Tenho experimentado a Educação nesses tempos pandêmicos como um desafio que exige o rápido desenvolvimento de novas habilidades que foram escassamente cultivadas: planejamentos flexíveis (dependendo das ferramentas de transmissão disponíveis), atenção meticulosa à harmonização do momento,

dicção assídua, administração do tempo de fala, entre inúmeros outros fatores que impactam no processo de ensino.

A mesma pandemia que me compeliu a reavaliar minha conduta e métodos no ensino também ceifou a vida terrena de Rosa, minha mãe.

Olhando ao meu redor, percebi que ela já não estava mais à frente, guiando-nos. Navegamos, remamos e nadamos em busca dela, mas não conseguimos encontrá-la. Sentimo-nos sem orientação, sem abrigo, sem força, à deriva no vasto oceano, de mãos dadas com meus irmãos, sem um farol para nos guiar. A sensação era de frieza, distância e desolação, e mais uma vez ela, então, se retirou, costurando os fios do destino.

A perene disposição de ouvir-te engendrou ressurgimentos de nostálgias, e tua voz ainda reverberava no íntimo, amortecendo meus sofrimentos, temores e súplicas, reconduzindo-me ao meu lar. Sob a claridade de um mensageiro, instigou-me a crer que somente com a exultação própria de um adepto do congado alcançaríamos o triunfo.

Exaurido de forças para continuar a jornada, enraizado na fé ancestral e nas emoções que embebiavam nossos espíritos, chegara o momento de retornar à pátria, vivenciar, ser vivenciado, acolher e ser acolhido, pela minha comunidade, por minha Matriarca, meu General, Tenentes Coronéis, Capitães e Soldados.

♪♪♪♪ Lá em vem, rompendo aurora é dia...

Lá em vem, eu vejo o dia ô Maria...

Chegou o vencedor da guerra...

E o Sol brilhou atrás da serra...♪♪♪♪

No regresso ao lar, tanto no contexto temporal quanto no espiritual, após navegar por distintos horizontes, a árdua tarefa de organizar e perpetuar a estrutura erguida por Rosa, entrelaçada e sustentada pelas tramas de ferro por ela urdidadas, nos confrontou com a dura realidade de enfrentar a vida sem sua presença neste plano terreno. Cada elemento evocava sua figura, seus pertences imutáveis, a moradia a ser ordenada, as plantas a serem nutridas, e um vazio que alimentava a persistente melancolia, nos recordando que Rosa jamais retornaria.

...O tronco da árvore morreu,  
 Os galhos murcharam e não morreram,  
 Olha o produto da semente que caiu,  
 E quantas mudinhas que nasceram...

A ausência de vosso ser, reconhecida pela própria natureza que vos envolvia, deixou uma lacuna que vossos hábitos tão habilmente orquestrados agora estão entregues ao domínio do tempo, ao sopro da fortuna e ao legado das gerações vindouras.

O banzo se faz presente, agora trajando um manto fúnebre, evocando gatilhos inadvertidos pelo curso do tempo, impondo uma desolação que distorce e entenebrece o ambiente, extraindo a vitalidade de nossos espíritos.

Vovó não quer casca de côco no terreiro,  
 Vovó não quer casca de côco no terreiro,  
 Pra não lembrar dos tempos do cativeiro...

Detentora de uma perspicácia notável, dotada da capacidade de desvendar e compreender nossa essência, minha avó, que é rezadeira, imergiu-se em seu ofício com a tarefa de acolher, nutrir, abençoar e sintonizar-nos com o fluir do tempo e do espírito. Ela nos conduziu a um reencontro com nossa identidade, nossa origem e nosso destino, narrando e entoando as vicissitudes e narrativas, restituindo-nos sorrisos, restabelecendo nossa conexão com nossa verdadeira natureza, e assegurando a perpetuação dos ciclos vitais. Implorando ao tempo que respeite suas demandas, minha avó não aceita superficialidades em nossa senda.

...O tempo falou pro tempo,  
 Que queria um novo tempo,  
 O tempo respondeu pro tempo,  
 Fica quieto tempo,  
 Que tudo para tempo tem tempo...

A introspecção sobre os momentos de serenidade e devoção de minha avó engendra repercussões corporais sutis em meu ser. Sua voz tranquila, modelada pelos ventos que nos envolviam, suas palavras carregadas de significado e silêncio, agem sobre minha espiritualidade tumultuada e avassaladora, transportando meus pensamentos a um estado de contemplação e serenidade, dilatando minha experiência temporal e espiritual, proporcionando a compreensão de outras dimensões de meu Eu.

Seus gestos, que fluem, retornam, circulam e ressoam, afagavam minha alma inquieta, aparentemente aliviando o banzo que me sufocava, conduzindo-me a um breve estado de sonolência, no qual, lá no fundo, ao mesmo tempo tão presente e distante, eu percebia seu diálogo que transcendia minha essência, evocando memórias e sentimentos positivos das batalhas travadas, reafirmando minha afinidade com São Sebastião, o santo ao qual fui consagrado ao nascer.

Ao recuperar a consciência de mim mesmo, ela me abençoa e reacende a memória dos caminhos que nos forjaram como seres, dos períodos que atravessamos e do significado espiritual que temos aprendido a (re)atribuir a nossas jornadas e ao nosso sagrado, intrinsecamente ligado ao nosso cotidiano. E, como no princípio, ela exerce seu mais valente ato de resistência, protegendo-nos de todas as adversidades.

O "tempo espírito" representa a personificação, a codificação e a compreensão das sensações e significados que emergem em consonância com a época vivenciada e o estado espiritual incorporado; esse tempo não se assemelha ao tempo cronometrado, sequenciado, mercadológico e cartesiano que nos é imposto. Ele é a acumulação de experiências enraizadas no tempo orgânico, maturacional e fluídico, respaldado pela essência de um espírito que carrega consigo memórias, conhecimentos, significados, heranças, subjetividades e continuidades.

Um movimento que transcende entre o ascendente e o ancestral, ultrapassando o corpo, reafirmando estratégias de preservação, táticas de sobrevivência ancoradas na fé, (re)interpretando processos e meios de perpetuação em resistência. Assim, por meio desses escritos, perpetuaremos o nosso grito de liberdade, eternizando saberes e tradições ancestrais cultivados na congada, enraizados na ancestralidade, musicalidade e corporeidade.

Os tambores ressoavam, levando-me às lágrimas e reconectando-me com meu eu interior, resgatando-me dos recônditos mais profundos dos pântanos. As bênçãos dos anciãos eram o bálsamo que me realinhava com a terra e a natureza que me envolviam, fortalecendo minha fé na continuidade dos caminhos traçados pelo orixá.

Nos intricados ciclos da ciranda ancestral, aquele ambiente acadêmico que outrora me parecia alheio assumiu novos matizes, cores e louvores quando me deparei com a congada na disciplina de "Interculturalidade e Educação Popular: Saberes Afroameríndios Decoloniais" do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), sob a orientação do Professor Danilo Kato e dos Mestres dos saberes populares.

Em tempos sombrios e desesperançosos, encontrei a congada num período delicado e regenerador, despertando o autoconhecimento e auxiliando-me nas jornadas que os tempos atuais propõem e impõem.

Minha origem e formação foram moldadas sob os auspícios de uma "Pedagogia Congadeira", permeada por Anciãos, Matriarcas, Gerais e Capitães, com suas artes secretas, habilidades intrincadas e conhecimentos profundos. Tive o privilégio de imergir no Congo em todas as suas dimensões (prática, teórica, analítica e reflexiva), assimilando os elementos que diariamente permeiam essas vivências.

Na observância rigorosa da hierarquia, que reverencia os anciões e anciãs como guardiões de uma ancestralidade repleta de sabedoria, rompemos com a ótica colonial e conferimos novos significados à natureza e ao entorno que nos circundam. Assimilamos não apenas as agruras do mundo moderno, mas também o conhecimento das ervas que as combatem, das rezas e invocações que acalmam o espírito, da conduta respeitosa e organizada que impera em um terreiro congadeiro.

Somos testemunhas da culminação coletiva, do viver em comunidade e do reconhecimento de nosso papel como agentes de nossos próprios destinos. Através dos ritmos das caixas e dos cantos, preservamos a história de um povo que persistiu em meio a inúmeros processos históricos de aniquilação e reconstrução. Por meio das danças e movimentos vigorosos, transformamos nossos corpos colonizados.

Esse encontro proporcionou-me profundas reflexões, orientadas e guiadas pela sabedoria dos antigos. Abriu-me portas para compartilhar e despertar internamente, revelando possibilidades de resistência e continuidade que irrigaram minhas raízes, harmonizando o meu tempo espiritual e colocando-me em sintonia com meu próprio ser. Abriu-me, ainda, oportunidades para disseminar nossos conhecimentos em espaços que, até então, pareciam inacessíveis.

Contudo, é importante mencionar que, ao lado dessas reflexões, também surgiram momentos de conflito e confronto em várias dimensões. Para alguns dos meus semelhantes, a congada representa um instrumento de poder cobiçado, capaz de incitar controvérsias e discórdias, plantando rumores gananciosos e estimulando brigas e rupturas entre familiares.

Recordo-me, por exemplo, de uma briga das espadas, narrada com clareza pelo General Admilson. Em determinado momento, quando ele estava em tratamento para superar a dependência química, originada pelo abuso de álcool, um sentimento de inquietação tomou conta de sua mente. Sem aviso prévio aos familiares, Admilson pegou a bandeira de Nossa Senhora do Rosário, que havia encomendado para um dos internos, e a levou de volta para casa. Ao chegar lá, um primo se apossou de sua espada e de suas vestimentas, assumindo o comando de seu terno sem a devida autorização da liderança regente. O que se seguiu foi uma briga entre os primos, uma disputa que deixou sequelas perceptíveis até os dias de hoje.

♪♪♪...Dois irmão do Rosário, quando topo guerreia,  
Doi irmãos do Rosário tira angome da areia...♪♪♪

O ponto cantado em questão se adapta a inúmeras contextuações e narrativas no seio de uma família congadeira, lamentavelmente, as rupturas se tornam frequentes nos ternos e núcleos familiares, fomentando uma miríade de desencontros, épocas e polêmicas.

Nessa odisseia marítima, sob o timão ancestral e subjetivo que orientou nossas trajetórias, apoiamo-nos nas tradições e na fé que, desde a travessia do Atlântico, sustentam a perseverança do povo negro contra as imposições coloniais. Nossas tradições escapam à perspectiva eurocêntrica de organização

e gestão; somos fluídicos, orgânicos e autênticos. Respondemos ao pulsar dos tambores, que movimentam nossos corpos e conferem novos significados às nossas narrativas, reverenciando os mais velhos como nossos elos ancestrais vivos e portadores de um vasto acervo de conhecimento. Mesmo à margem das estruturas acadêmicas convencionais, eles nos guiam com uma pedagogia leve e sequencial, estabelecendo conexões com as instituições formais que, por vezes, buscam nos alienar de nossa essência congadeira e afro-brasileira.

Gradualmente, iremos dismantelar a logística mercadológica colonial racializada, que tem persistido desde a travessia do Atlântico, sofrendo mutações que, historicamente, beneficiaram uma ordem colonizadora que, desde os tempos coloniais no Brasil, se apossou de uma poderosa estrutura de governança e capital financeiro.

A perspectiva de nossos tempos vislumbrará oportunidades educacionais capazes de demolir as barreiras coloniais, estabelecendo conexões, promovendo a música, a dança e o canto do congo por todos os cantos e mares desses tempos distantes e gélidos. Não devemos esquecer as senzalas, os quilombos, as ocupações nas ruas, as reivindicações e o movimento negro, que, incansavelmente, nos forneceu apoio por meio da Lei 10.639/2003, permitindo-nos prosseguir com nossos processos de (re)significação e (re)existência, compreendendo o nosso próprio tempo.

### **CENA 3 – NASCE A PEDAGOGIA CONGADEIRA! NARRAR OU SER NARRADO?!**

Na cena precedente, do alto do mastro de nossa embarcação, contemplamos os cantos, encantos e desencantos dos navios negreiros que cruzavam o oceano Kalunga. Imersos na dolorosa ruptura africana, essas embarcações desolavam e desorientavam povos subjugados às condições de escravidão, suscitando um lamento atemporal. Eles estavam acorrentados ao tempo, vinculados às correntes ancestrais que os conduziram à reconfiguração de sua identidade africana em terras brasileiras. Recorrendo à oração, ao canto, à dança e à sagacidade, esses indivíduos desencadearam processos de resistência, erigiram quilombos e estabeleceram irmandades e parcerias com abolicionistas. Estes ocuparam espaços e recursos que convergiam para um objetivo inequívoco: a emancipação do povo negro. O ápice desse movimento foi celebrado com festas, tambores ressoantes, cantos de congadas e gritos de liberdade ecoando pelos diversos cantos desta terra madrastra, que tanto lhes deve.

A persistência desse sistema mercadológico escravagista de natureza colonial nos conduziu até este espaço, que raramente dá voz a nós, possibilitando-nos estas palavras, que perduram, desfazendo nossas questões delineadas nestas páginas e enfatizando a urgência de desmitificar conhecimentos e habilidades que possam contribuir para o ambiente escolar.

Para reeducar as relações étnico-raciais, no Brasil, é necessário fazer emergir as dores e medos que têm sido gerados. É preciso entender que o sucesso de uns tem o preço da marginalização e da desigualdade impostas a outros. E então decidir que sociedade queremos construir daqui para frente (BRASIL, 2004, p.14)

Os escritos vindouros estabelecem um diálogo com as trilhas e itinerários percorridos pelo povo de ascendência africana até adentrar o recinto escolar. Nesse contexto, reconhecemos os contínuos atos de resistência, as conquistas e as realizações que se opuseram ao sistema colonial opressor. Em especial, conferimos vida e substância à Lei 10.639/2003, enquanto desvendamos a congada como um veículo eficaz para a disseminação do conhecimento, valendo-se de estratégias alicerçadas na herança cultural, na expressão musical

e na expressão corporal. O propósito é identificar os processos pedagógicos subjacentes e como estes podem contribuir significativamente para o âmbito da Educação voltada às Relações Étnico-Raciais.

Reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando seus traços físicos, a textura de seus cabelos, fazendo pouco das religiões de raiz africana. Implica criar condições para que os estudantes negros não sejam rejeitados em virtude da cor da sua pele, menosprezados em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, não sejam desencorajados de prosseguir estudos, de estudar questões que dizem respeito à comunidade negra (BRASIL, 2004, p.12)

A Pedagogia Congadeira incita a revisitação da jornada da comunidade afrodescendente, notoriamente resiliente, cuja vitalidade se irradia nos níveis mais profundos de sua essência. Esta manifestação cultural se expressa através da música, da dança, da pesquisa e da escrita, representando uma autêntica narrativa que transcende os paradigmas coloniais. Seu propósito essencial reside na busca incessante por equidade e na promoção da perpetuação de suas tradições.

Reconhecendo que valorização, também é divulgar e respeitar os processos históricos de resistência negra desencadeados pelos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes na contemporaneidade, desde as formas individuais até as coletivas (BRASIL, 2004, p.12)

Não se trata de substituir processos de origem europeia por abordagens africanas, mas sim de enriquecer os currículos educacionais de forma a abarcar diversas manifestações culturais, considerando as diversas facetas das diversidades étnica, racial, social e econômica. Isso nos impulsiona a reavaliar as dinâmicas que permeiam as relações étnico-raciais e sociais, bem como os métodos pedagógicos e as condições propiciadas para a consecução do processo de aprendizagem (BRASIL, 2004).

Requerendo adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, a fim de superar a desigualdade étnico racial presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis de ensino (BRASIL, 2004, p.12).

Atentos à problemática da desigualdade no sistema educacional, a Constituição brasileira passou a assegurar e implementar medidas com o objetivo de concretizar os princípios estabelecidos na Lei 10.639/2003. Esta última, por sua vez, configura-se como uma iniciativa de ação afirmativa, visando aprimorar processos de reparação moral, combater o racismo e suas manifestações de violência, além de reconhecer a relevância da cultura negra para a construção e formação da identidade nacional. Ela também enfatiza que a educação desempenha um papel fundamental como veículo propulsor da liberdade.

### **PEDAGOGIA CONGADEIRA**

À luz da Lei 10.639/2003, a Congada ingressa nos ambientes escolares, representando a cultura negra, preservando suas tradições e perpetuando conhecimentos, proporcionando uma perspectiva que transcende a travessia do Atlântico.

As correntes mercadológicas, cartesianas e estruturantes de um sistema desastroso que, até os dias atuais, nos divide e nos reduz a meros componentes mercadológicos, acarretando consequências que remontam à época da travessia do Atlântico. Neste solo, reinventamo-nos e superamos a crueldade da colonização branca.

Conforme Luiz Rufino (2019) ilustra em suas reflexões, diariamente revivemos nossas rupturas. Fomos sequestrados, açoitados e brutalmente mutilados, porém, resistimos, valendo-nos de artimanhas, danças e aproveitando as brechas. Organizamo-nos para desorganizar a opressão colonial, almejando a liberdade, ainda que tardia, e através do canto, atribuímos novos significados aos processos de sobrevivência.

Dessa maneira, gradualmente amenizamos a melancolia e desarticulamos as estruturas coloniais. São saberes transmitidos por brechas, conhecimentos enraizados, tecnologias ancestrais geneticamente ativadas, estímulos corporais despertados pelo ritmo dos tambores, pontos e louvores. Capoeiristas, moçambiqueiros, antigos mandigueiros e congadeiros, todos entram nas escolas e tornam-se tópicos de estudo nas faculdades, onde

anteriormente sequer ousavam adentrar. As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnicas Raciais nos descrevem

A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários. Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. Isto não pode ficar reduzido a palavras e a raciocínios desvinculados da experiência de ser inferiorizados vivida pelos negros, tampouco das baixas classificações que lhe são atribuídas nas escalas de desigualdades sociais, econômicas, educativas e políticas (BRASIL, 2004, p.15)

Iniciaremos com sua concretude prática, delineando as conexões e interações com o entorno, desvelando e sendo desvelada, sob uma perspectiva transdisciplinar que transcende e integra, rompendo com uma ordem eurocêntrica marcada pelo racismo, tendo como alicerces a ancestralidade, a musicalidade e a corporeidade.

Ao longo das cenas, experimentamos a congada em uma síntese de seus significados, estrutura e trajetória histórica, reconhecendo-a como uma das manifestações de resistência mais robustas e significativas do povo negro, não apenas no Brasil, mas sobretudo em Minas Gerais. Nessa manifestação, grupos saem às ruas para celebrar santos da igreja católica, incorporando mandingas e saberes ancestrais dos mais velhos e orixás, apropriando-se dos espaços públicos, reverenciando seus reis e rainhas congos. Cantam, dançam, fazem mandingas e celebram a liberdade, sob a liderança de generais e capitães, designados como os "guardiões do sagrado", acompanhados por seu contingente de soldados que herdaram dos conflitos simbolismos e os incorporaram em suas organizações e manifestações de fé.

A formação dos batalhões gira em torno da rainha conga e sua bandeira, vigiada por soldados, capitães, tenentes, coronéis e generais, os mencionados "guardiões do sagrado". Seu uniforme lembra os das formações militares, mantendo-se perfilados, em prontidão e atentos às instruções de seus líderes,

comunicando-se por meio dos ritmos dos tambores em marchas lentas ou batidas mais rápidas, bem como com apitos que emitem códigos sonoros.

Através de cânticos e batuques, ecoa a saudade de tempos que não viveram, em conformidade com uma tradição ancestral de cultivo e transmissão de sabedoria que emergiu nas adversidades dos cativeiros, onde suportavam longas jornadas de trabalho e maus-tratos, mas, ao final do dia, entoavam tambores e danças do congo, erguendo seus pensamentos em direção à África mãe.

Com a alegria dos congadeiros, (re) definiram-se e sobreviveram com base na fé imposta, nutrindo-se dos conhecimentos transmitidos por brechas, sincretizando os santos para homenagear seus orixás e entrelaçando guias e patuás aos terços e rosários. Isso demonstra que a miscigenação não se limitou apenas ao aspecto genético, mas abrangeu também a esfera cultural, resultando em um processo de embranquecimento violento e desnecessário, que promoveu um epistemicídio cultural.

As letras, sons e ritmos são códigos congadeiros cujo propósito é transmitir mensagens e significados, com interpretações que variam conforme o tempo espiritual de cada indivíduo, interligando processos que compõem o ritual congadeiro, sob diferentes perspectivas culturais, religiosas, de resistência e holísticas, em suma, constituindo um encontro de mundos.

Mantivemos nossa vitalidade, dirigindo-nos aos orixás, preservando a cosmogonia ancestral que nos sustentava, explorando diversas vias de sobrevivência e liberdade, questionando e vivenciando nossos costumes e conhecimentos.

Luiz Rufino (2019) acrescenta que nossa educação é moldada através da mobilização das energias vitais, o axé, que se manifesta nos seres humanos e em suas atividades cotidianas. Essa educação emerge das práticas afro-diáspóricas, fluindo e multiplicando-se sob a supervisão de Exu, o guardião do axé, que representa uma energia viva e dinâmica essencial para o progresso. Ele capacita a circulação, a curiosidade e a articulação das diferenças, oferecendo diversas maneiras de quebrar os grilhões da magia branca colonial, transcendendo o tempo e desafiando as estruturas coloniais.

O patrono da Educação brasileira, Paulo Freire (1996), autor de várias pedagogias que dialogam com o processo de aprender e viver, nos insta, em um

de seus escritos da "Pedagogia da Autonomia" (1996), a cultivar a inquietação e a curiosidade como elementos fundamentais dos fenômenos vitais. Essas qualidades impulsionam a busca por novos conhecimentos, promovendo a arte da ingenuidade que leva à criticidade crítica. Esse processo não ocorre automaticamente; é necessário refletir, questionar e desdobrar as racionalidades cartesianas, desafiando o sistema doutrinário e mercadológico colonial.

No desenrolar das cenas, compreendemos que o projeto de sociedade colonial estava intrinsecamente ligado à opressão do povo negro, com ações justificadas em nome de Deus, abençoadas e catequizadas pelos padres e impulsionadas pelo poder financeiro materialista. Essa história continua a nos afetar nos dias de hoje, resultando em um desvio existencial e na aniquilação de corpos e conhecimentos. Assim discorre Paulo Freire (1996)

Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente, negros não têm alma. Negros não rezam. Com sua negritude, os negros sujam a branquitude das orações... A mim me dá pena e não raiva, quando vejo a arrogância com que a branquitude de sociedades em que se faz isso, em que se queimam igrejas de negros, se apresenta ao mundo como pedagoga da democracia. Pensar e fazer errado, pelo visto, não têm mesmo nada que ver com a humildade que o pensar certo exige. Não têm nada que ver com o bom senso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo e a insensatez (p. 19)

Esse sistema de poder, de natureza lamentável, impõe a ausência e a descredibilidade ao povo negro, relegando-o a posições submissas. A desigualdade, o trauma, o banzo, a perturbação das memórias e a desordem cognitiva são efeitos que envolvem nossas faculdades mentais, resultando de uma influência colonial que pode ser comparada à magia branca, conforme analisado por Rufino (2019).

Instauraram um sistema político de dominação de mentalidades, nas pautas desse empreendimento, foram e ainda são praticados a negação, a perseguição e o extermínio de toda e qualquer possibilidade que saia do campo de visão colonialista, individualistas, separatistas, ignorantes estimuladores de injustiça (RUFINO, 2019, p. 82).

Exú, conforme descrito por Rufino (2019), representa a vida como uma possibilidade, uma manifestação de resiliência e transgressão, gerando saberes

e culturas produzidos pelo povo negro em contraposição à influência colonial, muitos desses saberes têm suas raízes no culto à ancestralidade, na metafísica e nas tecnologias afrodescendentes. Estes estímulos promovem dinâmicas orgânicas e fluídicas que nos oferecem recursos para descolonizar o pensamento, revitalizando formas de continuidade para além das limitações e conservadorismo colonialistas, constituindo uma resposta à colonialidade.

A congada cultiva variados elementos sagrados, abrangendo desde os santos católicos venerados no altar até os espíritos dos antepassados e Exú, reverenciados nas religiões de matriz africana. Não encontramos definições doutrinárias rígidas em nossas pesquisas, uma vez que a adoração ao sagrado assume diversas formas, variando de terno para terno e de cidade para cidade, oferecendo-nos múltiplas oportunidades de cultivar a ancestralidade e a fé.

Ampliando nosso campo de estudos e nos baseando em pedagogias que compartilham princípios semelhantes, tais como a Pedagogia da Encruzilhada, elaborada por Luiz Rufino (2019), que nos proporciona uma visão criativa sob a perspectiva de Exú, subvertendo as lógicas impostas pelas armadilhas coloniais; a Pedagogia de Terreiros, descrita por Macedo, Maia e Santos (2019), que trilha caminhos na construção de saberes referenciados na cultura afro-brasileira, desconstruindo as influências coloniais e fortalecendo a identidade ancestral enquanto abraça a diversidade; e a Pedagogia da Tradição, como minuciosamente discutida por nossa estimada Rosa Margarida (2011), que explora o processo de ensino-aprendizagem a partir da tradição oral presente nas comunidades afro-brasileiras.

Paulo Freire (1996) enfatiza a importância dessas pedagogias, reconhecendo o sujeito que se apropria de seu contexto histórico-social e vivencia essas pedagogias como ferramentas para a reflexão sobre injustiças, deslealdade, falta de amor, exploração e violência. Ele compreende a necessidade de direcionar sentidos e sentimentos para uma prática educativa crítica, proporcionando condições nas quais os envolvidos (educandos e educadores) possam ensaiar uma profunda experiência de se reconhecerem como sujeitos históricos:

pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva, porque é capaz de amar, assumir sujeito e se reconhecer como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros, assumindo sua identidade cultural, de que fazem parte de uma dimensão individual, diretamente relacionada a assunção de nós para nós mesmo, com práticas de real importância incompatível com os treinamentos elitistas que se jugam donos da verdade e do saber articulado (FREIRE, 1996, p.18).

Um repertório dialógico e coreográfico vigoroso, sensível às oportunidades e às brechas, que, mesmo quando apresentam perspectivas divergentes, estão intrinsecamente interligados. Dessa união surgem questões e discussões a partir das múltiplas fontes de sabedoria da diáspora africana, promovendo iniciativas educacionais voltadas para a emancipação. Luiz Rufino expressa que:

...os conhecimento presentes nas culturas da diáspora africana, tecem diálogos interculturais entre múltiplos saberes, as pedagogias citadas opera diretamente combatendo as engenharias do colonialismo e racismo epistemológico, e é nessa perspectiva que se assenta a dimensão educativa e pedagógica do projeto, partindo da consideração de que os efeitos do colonialismo afetam os modos de educação praticados na sociedade brasileira, uma educação que rejeita o saber do povo preto, é uma educação sem mobilidade, é uma educação que não produz mudança, ausente de efeitos criativos e tensionadores (2019, p.83).

A Pedagogia Congadeira alinha-se a essas correntes de pensamento e raízes, constituindo um movimento de descolonização dos processos educacionais eurocêntricos e cartesianos. Ela reverencia a ancestralidade, a musicalidade e a corporeidade, abrindo espaços para um diálogo construtivo e deconstrutivo no contexto da Educação para as Relações Étnico-Raciais. Seu objetivo primordial é valorizar o conhecimento enraizado na história de um povo que persevera e se adapta, buscando novas formas de existência, caracterizadas pela fluidez, organicidade e compartilhamento, com referências nos mais experientes, penetrando nas instituições de ensino e no meio universitário, desafiando paradigmas em um processo constante de intercâmbio.

Esta pedagogia empenha-se na luta contra o racismo e a discriminação, o que se mostra essencial para orientar de maneira mais eficaz as alunas e

alunos que enfrentam agressões, enquanto também desmistifica a desvalorização da cultura africana, contribuindo para o reconhecimento e a assimilação de suas africanidades (BRASIL, 2004).

Tais pedagogias precisam estar atentas para que todos, negros e não negros, além de ter acesso a conhecimentos básicos tidos como fundamentais para a vida integrada à sociedade, exercício profissional competente, recebam formação que os capacite para forjar novas relações étnico-raciais (BRASIL, 2004, p. 17).

Em Uberaba, a congada detém uma importância equiparável a qualquer outro tema vinculado à história da cidade, como previamente constatado nas cenas precedentes. No entanto, esta manifestação cultural é insuficientemente disseminada nos contextos educacionais. Examinar e incorporar momentos de formação acerca da congada revela-se tão precioso quanto o estudo de quaisquer outros tópicos que permeiam a realidade uberlandense. Não se restringe apenas ao âmbito da disciplina de história; a congada oferece um vasto arsenal de elementos que ostentam relevância em diversas outras matérias que compõem o currículo escolar, a exemplo de Língua Portuguesa, Artes, Literatura, Matemática, Educação Física, Geografia, Biologia, entre outras. Tal abordagem proporciona oportunidades para diálogos transdisciplinares, dado que a Congada se revela uma manifestação cultural viva e orgânica, caracterizada por sua pulsante e latente vitalidade.

Para tanto, há necessidade, como já vimos, de professores qualificados para o ensino das diferentes áreas de conhecimentos e, além disso, sensíveis e capazes de direcionar positivamente as relações entre pessoas de diferentes pertencimentos étnico-racial, no sentido do respeito e da correção de posturas, atitudes, palavras preconceituosas. Daí a necessidade de se insistir e investir para que os professores, além de sólida formação na área específica de atuação, recebam formação que os capacite não só a compreender a importância das questões relacionadas à diversidade étnico-raciais, mas a lidar positivamente com elas e, sobretudo criar estratégias pedagógicas que possam auxiliar a reeducá-las (BRASIL, 2004, p.17)

Abordar a congada nas etapas de ensino oferece diversas possibilidades, as quais podem ser adaptadas às exigências curriculares vigentes. Essa abordagem possibilita a abertura de diálogos e debates, instigando a compreensão de conceitos relacionados ao patrimônio, à preservação, ao

tombamento, às políticas e aos programas de salvaguarda cultural. Além disso, ela visa a destacar a relevância de a sociedade adquirir conhecimento, conservar e proteger seu legado cultural. Nesse contexto, ocorre a desmistificação dos pontos culturais da cidade, a compreensão das organizações e dos movimentos sociais, bem como a apreciação da implementação de leis e da histórica funcionalidade da cidade, de seus bairros, praças, ruas e terreiros. Paulo Freire (1996, p.16) nos complementa falando

das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã\*. Daí que seja tão fundamental conhecer o conhecimento existente quanto saber que estamos abertos e aptos à produção do conhecimento ainda não existente. Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente.

Luiz Rufino, em sua obra "Pedagogia da Encruzilhada" (2019), proporciona uma compreensão da Pedagogia Congadeira como um processo intrinsecamente ligado às experiências cotidianas, caracterizado pela ausência de fórmulas de ensino predefinidas e rígidas. Esta abordagem pedagógica é implementada por meio de diálogos e experiências, identificando-se como uma forma de educação intercultural, enraizada nas tradições, com o propósito de decodificar o mundo que nos foi imposto. Ela oferece perspectivas e reflexões que emanam das energias vitais, circulando e se multiplicando de maneira diversificada e contínua, gerando um encantamento que amplia a vida em toda a sua pluralidade.

Paulo Freire (1996) complementa que, nesse contexto, a orientação epistemológica se torna um ato político, assim como as práticas educativas são concebidas de forma ampla, rompendo com a rigidez do conteúdo disciplinar e buscando uma abordagem transdisciplinar. Isso implica discutir a realidade concreta, relacionando-a aos aprendizados aplicados, estabelecendo uma conexão necessária entre os conhecimentos curriculares essenciais para os alunos e a experiência social que eles vivenciam. Essa abordagem permite explorar as implicações políticas e ideológicas que permeiam diversas questões.

O patrono da educação brasileira ressalta que, onde há vida, existe um estado de inacabamento, e essa incompletude é uma experiência vital que desempenha um papel fundamental no desenvolvimento integral. Isso vai além do mero treinamento, permitindo que o corpo se torne consciente, receptivo, aprendiz, transformador e criador de beleza (FREIRE, 1996).

O mesmo corpo que participou da construção de edifícios, trabalhou na agricultura, sofreu com a escravidão e resistiu, também se organizou para fundar Palmares e muitos outros quilombos pelo Brasil afora. Esse corpo fez uso dos conhecimentos ancestrais transmitidos pela terra mãe para desafiar as estruturas coloniais, criando novas possibilidades e desafiando aqueles que insistem em enxergar o mundo por uma única perspectiva. Luiz Rufino (2019) descreve

A educação é um fenômeno que além de tão diversos quanto às formas de ser e praticar no mundo, por ser demasiadamente humano, está implicado a uma dimensão ética de responsabilidade com o outro. Ao longo da expansão do colonialismo, formas de gerenciamento da vida foram codificadas, perpetradas e propagadas por aqui. Um modus que vitaliza um aspecto que opera na codificação de uma agenda política/educativa composta por repertórios de práticas e disseminadas pelos colonizadores. Esse modus forjou mentalidades, linguagens, regulações, traumas, dispositivos de interação social e trocas simbólicas. Assim podemos dizer que, ao longo de cinco séculos, se molda nas forjas das empresas coloniais uma educação que atende as demandas desse regime de ser/saber/poder (2019, p.75).

A Pedagogia Congadeira almeja subverter as recorrentes manifestações de violência impulsionadas pelo colonialismo, posicionando-se contrariamente às múltiplas formas de supressão que debilitam as potencialidades humanas, fomentando desalentos, anseios desencantados e angústias de natureza espiritual. Os dispositivos de reparação devem permanecer constantemente ativos e intransigíveis.

Políticas de reparações voltadas para a educação dos negros devem oferecer garantias a essa população de ingresso, permanência e sucesso na educação escolar, de valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro, de aquisição das competências e dos conhecimentos tidos como indispensáveis para continuidade nos estudos, de condições para alcançar todos os requisitos tendo em vista a conclusão de cada

um dos níveis de ensino, bem como para atuar como cidadãos responsáveis e participantes, além de desempenharem com qualificação uma profissão (BRASIL, 2004, p.11)

A pedagogia que propomos emerge da necessidade de transcender as limitações impostas pela travessia da kalunga, estimulando experiências reflexivas e vivenciais, bem como movimentos de conhecimentos plurais. Essa pedagogia visa desvincular-se dos padrões dogmáticos produzidos e disseminados pelos colonizadores ao longo dos séculos, que moldaram modelos comportamentais, linguísticos, códigos regulatórios, traumas e gatilhos, todos a serviço de uma agenda mercadológica que promove a reprodução conservadora colonialista, relegando o povo negro a uma posição subalterna e mantendo uma base servil na supostamente "igualitária e democrática" sociedade concebida pelas estruturas coloniais.

A busca por construir e alcançar possibilidades educacionais estimula uma perspectiva de diálogo que nos permite moldar nossos próprios destinos, resgatando o significado de sankofa, que nos fornece memórias do passado como alicerce para a construção de nosso futuro. É um exercício ancestral de busca incessante pela essência que sustenta a vitalidade, desafiando as mentalidades e sistemas comportamentais colonizados que foram marcados pela condição de subalternidade.

Quando abordamos a Congada e sua relevância na sociedade em contexto escolar, torna-se imperativo compreender que ela traduz e expressa aspectos de continuidade cultural que remontam aos descendentes africanos. A oralidade e a tradição são elementos-chave que estimulam a manutenção e a sobrevivência ao longo dos séculos. As manifestações da Congada são uma recriação coletiva, tendo a ancestralidade, a musicalidade e a corporeidade como principais meios de manifestação e tradução da energia afro-brasileira, reinterpretadas ao longo do tempo e através das sabedorias transmitidas de geração em geração.

É crucial compreender as escolas não como simples instituições carcerárias que aprisionam mentes e corpos, preparando-os apenas para servir aos interesses do mercado. Urge a necessidade de estabelecer diálogos genuínos e meios autênticos de promover a educação, indo além das

abordagens folclóricas, cartesianas e financeiras que predominam no sistema educacional.

Estes saberes, se multiplicam diariamente nas tramas do espaço escolar, é algo sobre que teríamos de refletir seriamente. É uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja negligenciado. Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber (FREIRE, 1996, p.23)

Os estabelecimentos de ensino desfrutam de autonomia para elaborar os projetos pedagógicos em colaboração com as comunidades circundantes. Esses projetos podem oferecer apoio direto ou indireto, desenvolvendo abordagens singulares que vão além de simples danças ou celebrações pontuais. Isso amplia o escopo das discussões para diversas disciplinas, contextualizando-as com a realidade local e garantindo o direito à educação e ao enriquecimento de conhecimento, sem a obrigatoriedade de se enquadrarem em um molde predefinido (BRASIL, 2004).

Este povo resiliente promove suas próprias formas de organização e conhecimento, diagnosticando e fortalecendo suas potencialidades nas esferas musicais, dançantes, intelectuais e afrodescendentes. Eles desafiam as narrativas subalternizadas e não se limitam às estruturas já existentes, mas resignificam-nas, proporcionando amplas experiências sociais que revelam alternativas para a aprendizagem e diversas maestrias do saber, como resposta às agressões e injustiças cognitivas e sociais.

A Pedagogia Congadeira proposta aqui incorpora saberes ancestrais ligados à música e à dança, promovendo uma ordem que se orienta para a emancipação e autonomia. Ela inspira um senso de ternura e utopia por meio de práticas cantadas, vivenciadas e reflexivas, fortalecendo mentalidades que desafiam as estruturas e engenhos coloniais. Isso resulta na legitimação da diversidade de conhecimentos e no compromisso com a justiça social e cognitiva.

Através de princípios plurais, multiculturais, adotados nas relações e no universo com um todo que somos afetados pelo fenômeno da experiência vindo assim a produzir memórias, conhecimentos e aprendizagens. A tessitura dessas experiências e suas circulações alinhavando uma

infinita rede de significações e aprendizagens, responsável e ética perante cedida ao outro (RUFINO, 2019, p.80)

Viver a Pedagogia Congadeira é vivenciar a compreensão de que os processos educacionais transcenderem as meras técnicas e métodos de ensino. Envolve permitir a fluidez das articulações entre o conhecimento, a vida e a arte, com processos comunicativos marcados por cantos, danças e rituais de rememoração. Essa abordagem estimula uma relação profunda entre os praticantes e os saberes, gerando práticas distintas, circulares e sociáveis, que preservam tradições históricas orgânicas e fluidas, enriquecendo a identidade cultural.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana orientam os sistemas de ensino e os educadores a adotar referências pedagógicas e filosóficas que se baseiam em princípios como a Consciência Política e a História da Diversidade, o Fortalecimento da Identidade e dos Direitos, e a Implementação de Ações Educativas de Combate ao Racismo e à Discriminação (BRASIL, 2004).

A pesquisadora Nilma Lino Gomes (2012) destaca a relevância da descolonização educacional, que envolve a integração de espaços e saberes que dialogam e revitalizam novas abordagens de ensino/aprendizagem, incorporando elementos presentes no cotidiano das comunidades para abordar questões sociais, raciais, desigualdades e diversidade cultural, de forma alinhada aos currículos escolares. Há uma necessidade premente de superar a rigidez das grades curriculares, enriquecendo o caráter conteudista dos currículos, promovendo o diálogo entre a escola, o currículo e a realidade social, e capacitando professores reflexivos. Isso implica reconhecer as culturas historicamente negligenciadas e silenciadas nos currículos.

Os saberes que fundamentam o processo de ensino-aprendizagem são, portanto, experiências educacionais em que educandos e educadores, cientes de suas próprias limitações, interagem de maneira a transformar esses saberes em sabedorias essenciais. Essa abordagem reconhece o sujeito como um agente na produção do conhecimento, enfatizando que o papel do educador não

é apenas transferir conhecimento, mas criar condições para a sua construção (FREIRE, 1996).

Pedagogia que atravessa os modos dominantes de conhecimento com outros modos historicamente subalternizados, provocando efeitos mobilizadores para a emergência de processos educativos comprometidos com a diversidade de conhecimentos (RUFINO, 2019, p.80)

Existem inúmeras maneiras de experienciar a Pedagogia Congadeira, todas elas ligadas a respostas que estimulam uma ampla gama de saberes, desprovidos de limitações, alimentando uma teoria própria moldada pela vivência, pelas percepções sensoriais, pela escuta atenta e pela reflexão no contexto temporal e espiritual. Esse enfoque promove a valorização de uma diversidade de conhecimentos e abordagens educacionais, contrapondo-se à rigidez imposta pelo colonialismo, incentivando a autodescoberta e a quebra de paradigmas cotidianos, tanto internos quanto externos, com o propósito de legitimar múltiplas formas de conhecimento.

Paulo Freire (1996) recorda em seus escritos a multiplicidade e os efeitos dos ciclos de aprendizagem, que revitalizam a vitalidade de inúmeros processos de ser, aprender e ensinar, nas nossas interações circulares

Uma resistência constante, de suas capacidades físicas e intelectuais, inteligência sendo produzida e desafiada, os obstáculos a seu crescimento, o que possa fazer em favor da boniteza do mundo como de seu enfeamento, a dominação a que esteja sujeito, a liberdade que exige lutar constante, dinâmica vivida com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca. Gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se, melhorando, mas, porque gente, capaz de negar os valores, de distorcer-se, de recuar, de transgredir, independentemente do discurso ideológico negador dos sonhos e das utopias, com os sonhos, as esperanças tímidas, às vezes, mas às vezes, fortes, dos educandos (FREIRE, 1996, p. 73)

Luiz Rufino (2019) nos aponta que, apesar dos esforços em prol de uma educação emancipatória, é inegável que existem estratégias deliberadas concebidas com o propósito de consolidar a dominação colonial, caracterizando-se como um projeto institucional fundamentado em valores conservadores de civilidade.

Enfrentamos desafios que são como trincheiras coloniais, sustentando práticas baseadas em concepções errôneas no que diz respeito ao racismo e à educação. Além disso, o conservadorismo religioso, mesmo se manifestando de

maneira mais discreta nos ambientes escolares, e a superficialidade nos métodos de ensino, que se tornaram ainda mais evidentes na era tecnológica, demandam uma compreensão aprofundada desses fenômenos que moldam o novo paradigma educacional. É fundamental questionar as relações com o conhecimento e criar um espaço para a desconstrução da ignorância perante o desconhecido.

A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nós achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres (FREIRE, 1996, p. 19).

A perspectiva engessada que permeia nossa realidade educacional é uma herança da gênese do projeto educacional brasileiro, que se originou na catequização e nas políticas de conversão. Essa abordagem simplista resulta na criação de dicotomias e na redução da complexidade social, colocando ênfase em um único modo de compreensão, alinhado com as logísticas militarizadas que serviram aos propósitos do projeto cívico colonial (RUFINO, 2019).

Por outro lado, a Pedagogia Congadeira adota uma perspectiva de educação líquida, desprovida de uma forma única, tornando-se um elemento adaptável visual, sonoro e dialógico presente em todos os ambientes pertinentes. Ela assume diferentes modalidades de atuação, não se restringindo a um único contexto, e promove a interação com o outro, valorizando as diferenças e a pluralidade. O diálogo é seu principal instrumento, apoiando-se em conhecimentos historicamente marginalizados.

Quando se trata da congada, a musicalidade desempenha um papel inspirador, guiando a jornada das melodias e contribuindo de maneira significativa para o processo de ensino-aprendizado, proporcionando um ritmo e harmonia envolventes.

## MUSICALIDADE

Os indivíduos, imersos na harmonia da natureza que os envolvia, entoavam melodias de ritmo espontâneo, acompanhadas pelos tambores que ditavam o compasso das vozes que se mesclavam aos corpos em movimento, entregando-se à dança. Estas canções, além de constituírem uma expressão cultural, também serviam como uma válvula de escape para aliviar a melancolia e mitigar as angústias da alma.

Com a chegada da alvorada, a queima de fogos anunciava o chamado à "liberdade", enquanto o som dos tambores ecoava na madrugada, despertando os cativos e solicitando as bênçãos dos mais experientes, marcando o início dos rituais de fé. A música, com todos os seus elementos vívidos e presentes, ancorava essas cerimônias, ocupando um lugar de destaque que vinha sendo cultivado ao longo de gerações, transmitido pelos fluxos ancestrais e ensinando a compreender as nuances dos novos tempos.

O altar, onde os cânticos católicos ecoavam pelas palavras da avó rezadeira, orientava os rumos das jornadas, enquanto as preces suplicavam a proteção divina para garantir a segurança e o sucesso das empreitadas necessárias.

Os agudos dos apitos arrepiavam a pele, convocando os soldados e despertando o espírito congadeiro. Os caixeiros assumiam suas posições, e os capitães iniciavam em capela as orações cantadas, pedindo permissão à natureza que os cercava, aos deuses, aos antepassados, à bênção da matriarca, dos santos e dos mais velhos.

As respostas dos soldados clamavam pela presença do general, para que pudessem alinhar seu curso, navegando ou marchando pela cidade a dentro, proclamando seus propósitos e reafirmando sua liberdade. As músicas entoadas remetiam à África, mesmo quando permeadas pela influência do catolicismo, mantendo viva a chama do sagrado e preservando os ritos maternos, bem como os códigos compartilhados entre os escravizados, que mantinham ativa sua sociabilidade e permaneciam atentos aos elementos circundantes (CAMPOLINA et al., 1988).

Os relatos e instruções transmitidos por meio da música tornam a musicalidade um influente elemento educacional. Quando vinculados aos

momentos ritualísticos da congada, estabelecem diálogo com as épocas e lugares visitados, conferindo significado e diversas interpretações, (re)interpretando as dores e lutas dos tempos de escravidão e reafirmando nossa era de resistência, transmitindo claramente a mensagem aos colonizadores de que não retornaremos aos cativeiros.

A marcha lenta, conduzida pelo toque das caixas e pelo breve assobio emitido pelo soldado patenteado, que empunha um cajado (o guardião do sagrado), acompanhado de versos respeitosos e lamentos, evoca lembranças das vastas paisagens, dos mares, das batalhas, das senzalas, dos santos, das imposições dos colonizadores, das partidas e despedidas, da saudade e da hierarquia circular que permeiam nossos grupos. Enquanto dançam lentamente, simulando uma marcha, as respostas são proferidas em conjunto, em harmonia com as batidas das caixas.

O uso do rojão se faz necessário ao emitir dois breves silvos, acompanhados por um ritmo vibrante e alegre das caixas e corpos, enquanto os patenteados cantam músicas que abrangem uma ampla gama de emoções, desde sentimentos de amizade até desafios em forma de pontos de canto intrigantes.

Os cantos ou pontos são atentamente ouvidos e monitorados pelos mais experientes, pois possuem significados profundos que abordam diversos aspectos do cosmos que influenciam os grupos de congada de maneira geral, revelando a sabedoria dos antigos mestres.

Os mais experientes relatam que quando um grupo de congada fica parado e relutante em se mover (não segue o cortejo), algo de errado foi cantado, bloqueando todo o progresso. Nesse caso, é necessário retomar o caminho e observar os elementos ao redor. Reconhecendo humildemente a necessidade, cantam pontos específicos para obter permissão para continuar sua jornada.

Outra história de significativo valor envolve o capitão Admilson Honorato, que se tornou general. Em uma ocasião, o símbolo mais importante dos grupos de congada, a bandeira, desapareceu durante uma visita. Durante a busca, os soldados descobriram que a bandeira estava posicionada no altar de uma casa e que a pessoa responsável pelo altar afirmou que a bandeira só poderia ser retirada dali com a aprovação das divindades presentes. Vários capitães tentaram agradar as divindades, sem sucesso. Foi então que Admilson

Honorato, naquela época ainda um candidato à patente mais alta do grupo de Congada do Penacho, tomou a palavra, emitiu um breve silvo e cantou

♪♪♪♪...Oh Deus que salve ô casa santa,  
 Onde Deus fez sua morada,  
 Onde mora o cálice bento e a hóstia consagrada...♪♪♪♪

Desta maneira, retomou o seu terno, e os soldados de diferentes batalhões prestaram continência em deferência ao ato de bravura e recuperação da bandeira do Terno de Congada do Penacho, elevando-o à posição de mais novo general.

Existem inúmeros exemplos de como as músicas/pontos da congada transcendem os sentidos auditivos e a pele, infundindo poder nas palavras cantadas e transmitindo conhecimentos ancestrais que são rigorosamente seguidos pelos guardiões e transmissores destas formas de sabedoria cósmica.

Estas didáticas são moldadas ao longo do tempo espiritual de cada indivíduo, nas assembleias, nas palavras cantadas e em diversos momentos propícios à construção do conhecimento. Para os mais sensíveis, um simples olhar é suficiente; qualquer objeto se torna uma melodia que amarra e desamarra os nós. Os elementos da natureza são fontes de inspiração para entoar um canto.

As formações do terno durante o cortejo revelam momentos de intimidade e de fé, nas danças profanas e religiosas, assim como nas danças guerreiras, que conectam o ser humano com a natureza e exaltam a celebração interior, consagrando a corporeidade e o axé, estabelecendo uma ligação fraterna através da musicalidade que se mescla com o ambiente natural que os envolve (MOÇAMBIQUE E CONGADA, 1993).

A congada, o moçambique, a capoeira, o jongo, assim como o candomblé, a umbanda e outros, formam um complexo cultural fascinante. Todos esses elementos estão interligados ao sagrado, às cantigas, aos instrumentos, aos cantos e à circularidade, representando o reagrupamento do que foi dispersado desde a travessia da kalunga.

A manipulação de elementos naturais, como peles de animais, troncos de árvores, cabaças e arcos de madeira, entre outros, adquirem formas, sons e

ritmos. Entre eles, destacam-se os tambores, atabaques, agogôs, berimbaus, carimbos, caxambus, chocalhos, pandeiros, triângulos, entre outros, que conferem e extraem significados em diversas manifestações de resistência e expressões que refletem na visão de mundo e na forma de viver, em que a alegria, a integração e a natureza são elementos essenciais (CAMPOLINA et al., 1988).

A figura abaixo (Figura 15) ilustra o desfile da congada, onde as caixas, mantidas junto aos corpos dos congadeiros, acrescentam cores e notas ao ambiente, proclamando a liberdade e dando forma a pensamentos dirigidos por seus comandantes, traçando o ritmo da vida pelas ruas da cidade.

Figura 15: Caixas e Caixeiros do Terno de Congada do Penacho – Uberaba-MG



Fonte: Acervo do autor, 2022

♪♪♪...Ô eu estava lá muito longe,  
 Ô quando ouvi caixa bater,  
 Se eu tiver doente eu morro,  
 Se não tiver eu sei que vou,  
 Eu sei que vou,  
 Eu sei que vou...♪♪♪

A reinterpretação das letras musicais, abrangendo tanto as composições vocais quanto os instrumentos tocados, proporciona possibilidades intrínsecas que dialogam com o ambiente e contribuem para a desconstrução dos elementos circundantes. Isso implica na compreensão dos vínculos e simbolismo que permeiam a congada e a natureza, incentivando a autoconsciência e perspectivas além da ótica eurocêntrica.

Esses elementos educacionais auxiliam no desenvolvimento de habilidades relacionadas às disciplinas do currículo escolar, como mencionado anteriormente. Os conhecimentos acerca dos instrumentos musicais proporcionam uma ampla gama de possibilidades e aprofundamento nas experiências da congada, desde a montagem, afinação e preparação, até a contextualização histórica das caixas, apitos e pandeiros. Isso compreende a valorização histórica das conexões e a importância que cada história de introdução e domínio dos instrumentos possui no contexto da congada.

As comunidades afrodescendentes mantêm uma conexão íntima e direta com ricas manifestações musicais, como o carnaval, a folia de reis, o samba, o pagode, o rock, entre outros. Ao longo do tempo, elas traçaram caminhos que contribuíram para a educação dos indivíduos negros. Os colonizadores, porém, relegaram esses espaços, afirmando que os negros só teriam futuro no futebol ou na música. Esse pensamento, disseminado por gerações, tem gradualmente cedido espaço para a busca do conhecimento acadêmico e para a reafirmação das narrativas próprias.

Dessa forma, vivenciamos a nossa musicalidade, que nos acompanha desde a época da travessia da kalunga, um período forçado e, por muito tempo, silenciado nas senzalas. A congada nos permite sentir esses processos, desde a fabricação dos instrumentos até a interpretação dos apitos e respostas das caixas. Sob a orientação dos guardiões do sagrado, os ternos são conduzidos pelas músicas que os complementam e pelo ritmo das caixas, seguindo um regimento hierárquico.

À medida que as caixas ecoam, os passos timidamente ganham vida nos corpos, dando forma a coreografias que destacam a corporeidade dos congadeiros. No próximo texto, exploraremos essas nuances corporais com o objetivo de aprofundar nossa compreensão dessa tríade congadeira, que

incorpora sua ancestralidade, sente sua musicalidade e expressa seus conhecimentos corporalmente.

## **CORPOREIDADE**

O corpo representa o primeiro ponto de contato do ser com o mundo, servindo como um suporte para uma multiplicidade de potenciais que emanam da atmosfera circundante. No entanto, ao se identificar um corpo negro, ele frequentemente se torna alvo de restrições e inúmeras formas de aniquilação, sendo objetificado para servir aos interesses da agenda colonizadora, na qual os processos civilizatórios o transformaram em uma mercadoria acessível (RUFINO, 2019).

De um corpo integrado a diferentes temporalidades espirituais e visões de mundo relacionadas ao sagrado, com uma criatividade expansiva, o corpo negro passou a ser submetido a uma análise mercantilista, cumprindo a agenda do projeto colonizador. Ao longo da história, ele foi transportado em navios negreiros, depositado em senzalas e, atualmente, é submetido aos rigores das salas de aula, por meio de um processo de escolarização catequizadora e dominante, que disciplina os corpos e desloca suas memórias e cognições de forma cartesiana. Esse processo resultou na vigilância contínua do corpo, mente e espírito, levando à animalização, infantilização e conversão até mesmo da alma (RUFINO, 2019).

No entanto, esse corpo também abriga potencialidades que negam, dissimulam, driblam, encantam, jogam e se integram, decodificando o ambiente ao seu redor. Ele constrói mundos, ocupa espaços vazios e faz muito com pouco. Este é um corpo que transcende limites e resiste, transformando-se em um arquivo físico, arma, amuleto, totem e terreno de experiências impulsionadas por saberes ancestrais (RUFINO, 2019).

Nesse contexto, o corpo produz cultura por meio da troca de simbolismos, que não apenas o moldam, mas também constroem identidades e concepções, desconstruindo as formas de civilização que, anteriormente, nos rotulavam como carentes de cultura, quando, na realidade, possuímos modos de vida e sistemas de produção distintos daqueles que tentaram nos impor sua visão de civilização (CARMO; MENDONÇA, 2008). Carmo e Mendonça enfatizam que

O desenvolvimento de uma cultura perpassa todo o desenvolvimento da humanidade, pois, à medida em que interagimos com o meio somos por ele influenciados e transformamos a natureza, sendo por ela também transformados, produzindo significados que correspondem às necessidades de nossa existência (CARMO; MENDONÇA, 2008, p.162).

O corpo, capaz de dançar, expressar-se verbalmente, experimentar sensações, rezar e entoar cânticos, é detentor de fundamentos profundos, consciente de sua essência de resistência, possuindo a habilidade de criar, aprender e transmitir a congada. É como um filtro da alma, que assimila o período em que está imerso, arrepiando-se e entoando cânticos, imerso nas influências africanas que o compõem, elaborando conhecimentos e formas de interagir com o mundo (SOUZA, 2012).

Esses são os elementos que constituem um corpo envolvido na congada, um corpo que se reconhece e se integra à musicalidade que o envolve, tornando-se parte de um todo coletivo, rico em diversidade, harmonizando as diferenças por meio de cânticos e uma sensação de liberdade, cumprindo seu propósito de fé e resistência.

Inspirados pelos ensinamentos dos mais velhos, aqueles que conhecem as artimanhas e tradições, esse corpo pula, dança e se entrega para afastar os males que o ameaçam, revitalizando a energia que o sustenta. Esse processo resulta em uma malemolência ritmada, impulsionada pelos tambores e vozes que permeiam os corpos, manifestando-se de várias maneiras. Essa característica é essencial para a codificação da Pedagogia Congadeira.

Quando os congadeiros executam determinados movimentos de dança, subjetivo e simultâneo, formam uma massa humana que imita o caráter, a emoção e a ação de seus semelhantes do passado e do presente, por meio de melodias e do ritmo, assim a congada vai se desenvolvendo e sendo conduzida pela fé e resistência e arte produzidas pelo seu povo. (CARMO; MENDONÇA, 2008, p.176).

Dessa forma, oscilando entre diferentes posições, o corpo se move de maneira sinuosa, expandindo-se quando necessário e contraindo-se quando apropriado, incorporando uma variedade de habilidades e reconhecendo as

memórias ancestralmente arquivadas. Essa integração com a natureza que o circunda revela novas experiências, desafiando a si mesmo e cativando os olhares hipnotizados que observam a expressiva vitalidade coreografada e ritmada pelo instinto congadeiro.

O corpo humano é lúdico por natureza, expressa-se por meio da linguagem corporal e verbal, para ser codificado e reinterpretado por aquele com o qual pretende comunicar-se. Onde a cultura e a ludicidade estão enraizadas no sujeito desde sua concepção (CARMO; MENDONÇA, 2008, p.171-172).

Tatiana Pereira de Souza (2012) expõe em sua pesquisa que a experiência, o conhecimento e as relações congadeiras estimulam aprendizados que se desenvolvem por meio do corpo nas diversas manifestações de expressão, tais como a fala, o canto, a resposta, a tristeza, a alegria, o pensamento, a intuição, as percepções, entre outras. Isso ocorre por meio da escuta, do canto e da atenção aos mais velhos, que organizam o ambiente no movimento dos corpos e nos olhares atentos dos anciões, transmitindo saberes sobre o tempo e suas artimanhas. Assim, os congadeiros se envolvem, caminham junto, compreendem a si mesmos e pertencem à irmandade, exercendo sua espiritualidade, dançando, cantando, observando, gesticulando, brincando, apresentando, refletindo, raciocinando e assumindo o controle de si.

A abordagem do corpo, a partir da interseção entre ser e saber, valida-o como uma potência que transcende suas limitações materiais e transitórias. Isso proporciona dinâmicas que permitem a integração gradual entre o aspecto físico e a potencialidade inerente, possibilitando uma imersão nas práticas afrodiáspóricas que exploram as dimensões da corporeidade (RUFINO, 2019).

A Pedagogia Congadeira concebe o corpo como um repositório de memórias, abrigando sabedorias múltiplas e contínuas transmitidas por aqueles que vieram antes. Essa filosofia ancestral é enraizada na fé, que integra de maneira completa os corpos e as mentes dos congadeiros, que se vestem com suas fardas, adotam posturas de acordo com suas funções e evocam histórias de sofrimento e lamento. Essa prática subverte a visão colonizadora que não consegue reconhecer nas alegrias, nos gestos e nas cores o fervor de um povo de fé que celebra a natureza que os envolve.

Carmo e Mendonça (2008) descrevem que a incorporação e transfiguração, através dos variados movimentos e ações de mulheres e homens na congada, levam a sentimentos de realização e prazer ao desempenhar as funções designadas. Isso implica na compreensão de que a imitação individual e coletiva é uma forma de aprendizado instintiva e natural. A aprendizagem é guiada pelo prazer de se identificar e se transformar por meio da arte, construindo identidades individuais e coletivas que se manifestam desde a apresentação dos rituais aos espectadores, fundindo profundas raízes religiosas com elementos de lazer (distante do trabalho) como meio de libertação do paradigma cartesiano, buscando contemplar e preservar a história que os conecta (CARMO; MENDONÇA, 2008).

A Pedagogia Congadeira também reflete um mundo de significados que são construídos e internalizados socialmente. A distinção e o tratamento das vestimentas e comportamentos são formas pelas quais os congadeiros se expressam na busca pelo conhecimento do mundo em que vivem. Os sujeitos aprendem por meio de observações, práticas e intervenções, criando elementos sociais distintos tanto individual quanto coletivamente. Assumir sua própria natureza é um ato de coragem e um chamado para cumprir seu destino, com base no respeito e na responsabilidade pelos elementos que os guiam.

As circularidades presentes no processo de ensino-aprendizagem são vivenciadas plenamente, durante as danças, as rezas e a lembrança de seus ancestrais. Trata-se de uma constante troca de acolhimento, na qual os ensinamentos são cantados e discutidos em torno da vida, do viver e do conviver. Os valores tradicionais, culturais e sociais, que foram trazidos da África há séculos e adaptados à realidade local, são preservados por necessidade de sobrevivência (SOUZA, 2012). Luiz Rufino descreve

A dimensão do corpo para as sabedorias, transcende os limites usados pela lógica ocidental, é um suporte de sabedorias múltiplas que baixam e encarnam diálogos constantes com o campo multidimensional, que passa a não ser meramente passivo às violências a ele empregadas, inventariando ações de resiliência e transgressão (RUFINO, 2019, p.131).

O olhar e o gestual do congadeiro prenunciam suas ações, objetivos e os trajetos pelos quais sua comitiva se deslocará, permanecendo constantemente vigilantes àqueles que lideram o grupo. A observação figura como um dos

princípios fundamentais do processo de aprendizagem na congada, destituída de manuais ou guias de instrução predefinidos. As observações, interações verbais e experiências pessoais delineiam o rumo a ser seguido. O cerne da aquisição de conhecimento reside na minuciosa observação e no respeito cuidadoso aos anciãos (SOUZA, 2012).

Figura 16: Congadeiros atentos ao comando do General



Fonte: Acervo do autor, 2022

Na ilustração acima, é possível notar o olhar atento dos congadeiros em relação a qualquer movimento ou comando do General do Terno de Congada do Penacho. Este é um momento que denota respeito pelo líder e cumplicidade com os mais velhos, uma oportunidade de sintonizar com seus conhecimentos e adquirir meios de aprendizado.

Cada indivíduo se desenvolve em seu próprio tempo, em seu próprio ritmo, dentro das experiências e oportunidades que a vida lhes proporcionou, de forma única e plural ao mesmo tempo. Isso cria uma atmosfera propícia para compartilhar e interagir nos terreiros da congada, gerando perspectivas de leveza a serem fomentadas no ambiente escolar, propício para o desenvolvimento integral do ser. Nesse contexto, o corpo se manifesta em sua plenitude, integrando e sendo integrado às diversas facetas que o compõem, atentando aos sentidos e tornando-se perceptível tanto para o mundo quanto para as expressões que o corpo emite. Esse processo educativo é

desencadeado pelos mais velhos, que orientam os mais jovens de acordo com suas próprias experiências e tempos individuais (SOUZA, 2012).

A prática da congada, com seus movimentos corporais fundamentais transmitidos de geração para geração, são atos tradicionais que encontram diversos significados em sua atualização. Cada terno de congada possui suas próprias características de canto e dança, realizados de acordo com o perfil de cada batalhão e carregados de carga histórica e ancestral. Conforme Carmo e Mendonça (2008) destacam, "o corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem, o objeto técnico mais natural." O aprendizado ocorre à medida que o indivíduo se desenvolve como ser humano e se torna parte da sociedade e da cultura por meio de interações com os símbolos sociais, o que permite a quebra de regras em busca de novos aprendizados e significados, compreendendo a si mesmo com base no que produz.

Carmo e Mendonça (2008) também observam que na congada, o sagrado e o profano integram um mesmo corpo social, complementando-se e formando um mesmo campo. A formação social do ser humano é influenciada pelo profano, que define os limites em nossa sociedade, enquanto a religiosidade estabelece condutas morais e doutrinas coletivas.

O corpo dos congadeiros pode ser observado de forma individual ou coletiva, com as danças e movimentos evidenciando uma sociedade de fé, conectada ao prazer do movimento e da criatividade. O cortejo dos ternos de congo representa um arco-íris humano repleto de possibilidades para que os sujeitos possam expressar suas identidades sem perder sua essência, contribuindo assim para a construção da identidade cultural a partir da congada.

O ambiente escolar, muitas vezes, limita o livre desenvolvimento das compreensões e percepções de si mesmo. Nesse contexto, a congada surge como uma oportunidade de naturalizar e não julgar as ações que a compõem, auxiliando na compreensão do tempo, do processo construtivo contínuo, coletivo e interdisciplinar (SOUZA, 2012).

A serenidade dos mais experientes modera o entusiasmo juvenil, que passa a compreender os processos de continuidade e aceitação, gradualmente começando a questionar os próprios processos de questionamento e reflexão sobre a existência e o que a cerca, transformando-se em agentes conscientes de si mesmos.

A partir do ponto em que nos encontramos, na proa do barco "Honorato," imersos nas vastidões dos mares ancestrais e imbuídos dos relatos e ensinamentos daqueles que nos antecederam, continuemos a navegar, atentos às batidas dos tambores de congo que exercem sua influência persuasiva sobre as memórias de tempos passados. A música despertou em mim mundos capazes de harmonizar-se, transgredindo as dificuldades cotidianas e permitindo a compreensão dos corpos para além da mera objetificação e submissão.

O corpo, poderoso e mágico, é um totem de axé, um dissipador de magia branca que, até os dias de hoje, nos afeta e faz o possível para dominar nossos destinos, ditando e desviando nossos caminhos, onde as notas sonoras perturbam nosso equilíbrio, desalinhando nossos ritmos e cadências.

Lembro-me de que, durante minha educação básica, os únicos momentos em que tinha contato com a congada eram quando minhas mãos batucavam na mesa que circundava meu corpo. Cantava mentalmente, e toda minha busca por autoconhecimento se expressava através de minhas mãos, quando não dos meus pés. Meu corpo se tornava um festivo congo, que clamava silenciosamente dentro de um espaço que não reconhecia minha identidade, onde ouvia histórias que não eram as minhas e realizava ações que me afastavam da minha terra natal, onde minha essência germinava.

Lembro-me também de ser frequentemente escolhido para representar o negro escravizado em apresentações teatrais perante a comunidade escolar. Meu corpo era castigado, e nos obrigavam a sambar como símbolo das nossas supostas vitórias. Hoje percebo o quanto aquilo minava minha autoestima e, de maneira inconsciente, nos mantinha em posições submissas, desempenhando papéis superficiais perante os olhares e as peles brancas.

A congada incorpora as realizações e as belezas que me cercam. A sabedoria transmitida pelos mais experientes contrasta com os caminhos raivosos que somos induzidos a acreditar. Sua serenidade ilumina nossos conhecimentos e condutas diante do modernismo que tem pouco espaço para nós. Continuemos a desafiar, refletindo sobre as lamentações e dançando nossos lamentos, atentos aos ensinamentos que o corpo possa nos oferecer.

Nessas continuidades, revelamos os saberes ancestrais que permeiam o ambiente, lembrando-nos de que, para que permaneçam vivos, alguém construiu esses caminhos.

## ANCESTRALIDADE

Imersos nas vastidões dos mares ancestrais, rodeados por águas que assumem formas e evocam memórias, praticamos nossos rituais e símbolos, exercendo a filosofia do sankofa, que transcende o tempo e atribui novos significados às demandas que enfrentamos. Vivenciamos a África e suas ramificações, recordando as dores da escravização, e nos reconhecendo como agentes na reconstrução de nossas narrativas. O indivíduo da congada é uma entidade vibrante, resiliente e alegre, cujas lamentações carregam ensinamentos e sensibilidades capazes de dismantelar as profundamente enraizadas heranças do período colonial.

Parafraseando a análise das escritas de Hampaté Bá (1982) e relacionando-as aos princípios experimentados na congada, compreendemos que a Pedagogia Congadeira tem suas raízes no âmbito familiar, onde pai, mãe e parentes mais velhos atuam como mestres e educadores, transmitindo os ensinamentos da vida por meio de cantos, relatos e experiências. Suas histórias, contos e fábulas estão sempre conectados aos ancestrais e às circunstâncias da existência, sendo um processo prático, orgânico e fluido. Essa experiência fica profundamente gravada na memória do aprendiz. Rosa Margarida afirma que

Assim, o homem define a si mesmo em relação com os outros. Para os Banto, viver significa existir no seio da comunidade. Viver significa “estar com”. A perfeição da vida está nas relações. Quanto mais se relaciona, mais se “vive” e se “cresce” como pessoa. Toda a educação está orientada no sentido de construção dessa unidade e harmonia (2011, p.116).

A ancestralidade desempenha uma função primordial na conformação dos valores e tradições de um grupo humano, estando intrinsecamente ligada à memória e ao contínuo processo de desenvolvimento, o que resulta na redefinição da alegria e dos costumes, contribuindo para uma adaptação social em constante evolução ao longo do tempo.

Os costumes, originados em épocas remotas, arraigaram-se profundamente no solo fértil da congada. As danças, os cânticos e as estruturas organizacionais representam legados ancestrais que atravessaram séculos,

sendo evocados no âmbito coletivo e assimilados no contexto familiar. A saudade estabelece um vínculo fortalecido com aqueles que já partiram, reverenciando suas palavras, tradições e maneirismos de convívio que continuam vibrantes e ativos. Esses elementos honram a história e o legado daqueles que se foram, tornando-se sementes que brotam e florescem nos corações dos membros da congada, fomentando meios educacionais que se estruturam e se perpetuam ao longo do tempo, eventualmente incorporando-se como formas de sabedoria (ROCHA, 2011).

Educação refere-se ao processo de “construir a própria vida”, que se desenvolve em relações entre gerações, gêneros, grupos raciais e sociais, com a intenção de transmitir visão de mundo, repassar conhecimentos, comunicar experiências. Na perspectiva africana, a construção da vida própria tem sentido no seio de uma comunidade, e visa não apenas o avançar de cada um individualmente. O crescimento das pessoas tem sentido quando representa fortalecimento para a comunidade a que pertencem (GONÇALVES E SILVA, 2004, p. 180).

Os encontros festivos dos congadeiros constituem momentos de comunhão e preservação das tradições e costumes de nossos antepassados, promovendo espaços propícios para a troca e o fortalecimento das relações de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, a oralidade e a fé desempenham um papel fundamental na salvaguarda dos saberes ancestrais.

Diversificados são os canais de acesso e preservação do conhecimento, uma vez que ensinamos e aprendemos em diversos cenários, seja no ambiente de trabalho, durante os momentos de lazer, em praças públicas ou nas ruas. Essas múltiplas oportunidades estimulam e nutrem o processo de aquisição de conhecimento, como claramente demonstrado na imagem a seguir.

Figura 17: Congadeiros sentados na praça da igreja



Fonte: Acervo do auto 2016

O simbolismo ancestral, refletido nas vestimentas e adornos, nas manifestações corporais e musicais, bem como no ambiente propício às vivências e aprendizagens da tradição, representa espaços orgânicos de uma cultura viva e pulsante, servindo como fonte para o desenvolvimento de inúmeras práticas de ensino-aprendizagem de saberes ancestrais.

Rosa Margarida (2011), em sua dissertação intitulada "A Pedagogia Da Tradição: As dimensões do ensinar e do aprender no cotidiano das comunidades afro-brasileiras", destaca que, além de estarem intrinsecamente ligados ao sagrado, os encontros congadeiros assumem características singulares que os transformam em momentos pedagógicos. Nesse contexto informal, o ensinar e o aprender adquirem uma dimensão educativa que desvela diversas facetas desses processos, considerando a coletividade e a complexidade que os envolvem.

Esses são espaços de aprendizado onde dinâmicas significativas são possíveis, desvelando as engrenagens coloniais e compartilhando histórias

cantadas e vivenciadas com maestria, com os pés firmemente no chão e uma clara consciência de sua identidade. É um processo que transcende a dimensão puramente intelectual, abrangendo o coração, o corpo, o espírito e o raciocínio, moldando o tempo e o espírito de cada indivíduo que participa desse processo (ROCHA, 2011).

As trocas de conhecimento ocorrem nas rodas de diálogo, influenciadas pela diversidade e multiplicidade dos elementos, elementos de fé que têm suas raízes no tempo ancestral. Fundamentam-se em histórias, hierarquias, tradições e alegrias, com a oralidade como meio de transmissão e registro dessas vivências.

As trocas de ensino desenvolvem-se por meio de diálogos e compartilhamentos de saberes, estabelecendo relações educativas. Isso ecoa os ensinamentos de Paulo Freire, que afirmava que "quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender" (1996).

Na congada, os conhecimentos fluem de maneira contínua, expressando-se por meio de cânticos de lamento, danças e celebrações que saúdam o cruzeiro das almas, sendo manifestações ancestrais incorporadas naturalmente no seio da comunidade congadeira. Além de resistir aos horrores da escravidão, buscam o fortalecimento espiritual em suas práticas sagradas. É como beber da água do baobá, uma árvore de simbolismo ancestral que armazena água em meio ao deserto, matando a sede da saudade, irrigando o solo fértil e despertando a necessidade de olhar para o passado a fim de construir um futuro sólido (ROCHA, 2011).

Nessas comunidades congadeiras, as relações educativas são estabelecidas pela transmissão de saberes dos que detêm maiores experiências acumuladas, ou seja, dos mais idosos para os mais jovens e pautam-se no acompanhamento e no cuidado que as gerações anteriores e experientes exercem sobre as mais novas. Os velhos capitães, reis e rainhas são os respeitados mestres de primeira linha. Eles receberam o conhecimento e o saber dos antepassados, com a responsabilidade de observar os preceitos e fundamentos rituais e transmiti-los a todos os membros da irmandade. Detentores do saber (de "experiência feita") que institui os ritos e mistérios sagrados do Rosário, conduzem o *Reinado*, vivificando o saber recebido dos antepassados (ROCHA, 2011, p.121).

Os "Guardiões do Sagrado" desempenham um papel fundamental na preservação e revitalização dos elementos de uma tradição ancestral que definem e conferem significado à Pedagogia Congadeira. Esta abordagem mantém uma conexão próxima com a Pedagogia da Tradição, incentivando a exploração das memórias e dos significados associados ao sagrado que residem em seu âmago. Rosa Margarida (2011) descreve

Ao pensar, planejar, fazer acontecer, realizar e avaliar a festa, os congadeiros têm a oportunidade de exercitar suas relações, discutindo-as, concretizando-as e aperfeiçoando-as, oportunidade ímpar de aprendizado coletivo e partilhado, principalmente para os mais jovens e para aqueles que estão se iniciando na tradição. Configura-se, portanto, um processo educativo consistente e significativo (2011, p.111).

Ao escrever "Pedagogia da Autonomia" em 1996, Paulo Freire contribuiu com nossa reflexão sobre a Pedagogia Congadeira, descrevendo a relação entre sujeito-sujeito e sujeito-mundo, que são inseparáveis e essenciais para o processo de ensino-aprendizagem. A interação entre homens e mulheres os coloca em uma posição ativa diante do mundo, adotando uma postura criativa de integração, não como objetos, mas como sujeitos conscientes desse mundo. A construção de sua presença nesse contexto não ocorre de forma isolada, desvinculada das influências sociais, e não pode ser compreendida sem levar em consideração as tensões de suas heranças genéticas, sociais e culturais.

Dessa forma, as dinâmicas e desenvolvimentos dos ritos congadeiros envolvem a transmissão e a aquisição de diversos conhecimentos que abrangem múltiplas áreas do conhecimento comunitário, fundamentados na fé e na historicidade ancestral. Isso leva os participantes a se tornarem agentes de seus próprios caminhos, apropriando-se dos costumes e das atitudes de resistência que têm suas raízes nos antigos escravizados. Hoje, eles continuam a se dedicar ao processo de ressignificação e à luta pela preservação dos preceitos de hierarquia, mitos, normas, condutas sociais, valores, sentimentos e concepções, estabelecendo trocas de informações que fortalecem o processo de ensino/aprendizagem em diversas dimensões e por meio de múltiplas estratégias (ROCHA, 2011).

Trata-se de um mundo fluido e orgânico que conecta o passado ao presente, o ancestral ao ascendente, entrecruzando o místico e o mito, o sagrado e o profano, além de temas e narrativas históricas. Os saberes estão presentes nas expressões e palavras dos mais velhos, nas rezas invocadas por meio de cânticos, gestos e danças, nas simbologias das cores e no ajuste das vestimentas, nos objetos sagrados como bastões, caixas de tambores e espadas, nas funções rituais e desde o despertar dos cativos até a bênção entregue pelas matriarcas e pelos santos da casa (ROCHA, 2011).

Ao evocar nossas ancestralidades, lembramos do espírito atemporal de Sankofa, um código ideográfico Adinkra que simboliza o movimento de retornar ao passado para construir um futuro melhor. Isso significa que quando algo é esquecido, é necessário voltar ao lugar onde ocorreu o esquecimento para recuperá-lo. Essa ideia não se aplica apenas a retornos geográficos, mas também a qualquer perda do passado (BARBOZA, 2021).

Figura 18: Código ideográfico Adinkra - Sankofa



Fonte: CARMO, 2016

Rosa Margarida, em sua obra "Sankofa e Educação para as Relações Étnico-Raciais" (2022), coassinada por um coletivo de autores, postula que o

pássaro, com sua cabeça voltada para trás e segurando um ovo em seu bico, simboliza o diálogo e a reflexão com o passado, visando estruturar ações futuras. A recuperação do passado constitui uma premissa incontornável quando se aborda a equidade racial e a relevância das tradições e manifestações africanas e afro-brasileiras na educação. Nesse contexto, ocorre o resgate das africanidades brasileiras, revelando modos de ensinar e aprender, valorizando a diversidade e descolonizando os métodos eurocêntricos que permeiam nosso cotidiano e o ambiente escolar.

Sankofa nos oferece a oportunidade de redefinir nossa percepção do tempo, permitindo-nos refletir sobre os processos de ensino-aprendizagem e as diversas formas de convivência na contemporaneidade. Adentrando pela porta principal da escola, via currículo, superando as disciplinas tradicionais, traçando estratégias, ações, rituais pedagógicos e sequências didáticas que favoreçam a abertura de novos horizontes, abraçando todas as expressões da diversidade, conforme expresso por Luiz Rufino (2019).

Ancorados nessa espiral de reflexões, evocamos o espírito atemporal de Sankofa, resgatando saberes e contribuições para o povo negro, alinhando o tempo espiritual e reverberando os tambores congadeiros, que outrora soaram em tempos de guerra e lamento, mas que agora vibram, entoam e resistem em prol da liberdade.

A Pedagogia Congadeira, enquanto movimento de resistência, se coloca como um elemento didático-pedagógico apto a dialogar e moldar ou remodelar as sendas da Educação para as Relações Étnico-Raciais. Ela atua como um instrumento de descolonização do saber colonial, uma tecnologia ancestral pertencente a um povo que persevera e se reinventa, forjando novas formas de (re)existência. Essa pedagogia se caracteriza por sua fluidez, organicidade e compartilhamento, tendo como referência os mais experientes. Adentrando escolas e universidades, ela desafia paradigmas e promove a partilha do conhecimento, desvelando-o.

Os desencantos que permeiam o ambiente escolar, fomentados pela máquina mercadológica eurocêntrica, minam a continuidade, fortalecendo um sentimento de desânimo que aprisiona os sujeitos em um ciclo de desenvolvimento perdido no tempo, desprovidos de conhecimento sobre suas origens e destituídos de perspectivas claras de futuro.

Alinhados com a sabedoria dos mais velhos, os aprendizes sistematizam seus caminhos, adentrando nas lembranças daquilo que não viveram. Seguindo os preceitos da tradição e sob a orientação dos guardiões do sagrado, eles passam por processos de enraizamento dos ensinamentos vivenciados. Além de exercitar a memória, cultivam e preservam conscientemente os ensinamentos, um processo maturacional e infinito que demanda constante busca e aprendizado, como quem precisa saciar sua sede com a água do baobá.

♪♪♪...Pois esse barco não é meu e nem seu,  
 Pois ele foi de papai e vovô,  
 Nesse barco eu nasci,  
 nesse barco eu me criei,  
 Nesse barco eu aprendi a remar...♪♪♪

A evocação da memória entoada conduz-me aos trilhos que conduziram até o presente momento, provenientes das narrativas dos anciãos, das ocasiões em que minha matriarca me retirava para dançar, num balé que imitava as oscilações do mar. Ela empregava suas artimanhas corporais e musicais para instruir-me sobre a conduta a adotar no barco de nossa herança ancestral. Eu dançava e cantava nossas narrativas, e ao incorporar os ditames e gestos, transmitia essa herança às minhas sucessões.

A escola, por sua vez, apresentou-me esses laços tradicionais e perenes de aprendizado por meio de uma narrativa, embelezada e folclórica, omitindo os laços de nobreza que herdei de minha linhagem. Vovô aprendeu esses princípios no convívio com vovó Honorato, nos momentos finais de suas vidas. Vovó Tiné, ao lado de minha mãe Rosa, entre as tarefas diárias, transmitiu esse conhecimento, que, juntamente com os da minha geração, foi compartilhado com os irmãos mais jovens. No batuque das caixas, transmitimos a herança e a tradição congadeira, espalhando-as pelo mundo em que vivemos, mas que a escola raramente mencionará.

Abordar a ancestralidade no contexto escolar implica reviver a curiosidade de buscar as raízes históricas, desmistificar a estrutura familiar, assimilando conceitos que transcendem a linhagem biológica. É necessário compreender

que a ancestralidade permanece viva na família, nos costumes, nas formas de governança, na genética e, sobretudo, na história familiar.

As possibilidades de incorporar a congada na sala de aula são abundantes, escapando de fórmulas quantitativas e mensuráveis. As percepções individuais e coletivas devem ser experimentadas e internalizadas antes de serem registradas. A congada oferece uma vasta gama de oportunidades educacionais, destacando a importância de compreender a história e valorizar a comunidade negra. Essa abordagem deve estar alinhada a uma educação antirracista, abraçando os princípios de equidade que emergem da permissão e da pesquisa.

No momento em que experimentei a congada nos meus processos de ensino, fui capaz de promover ações e reflexões, aprofundando meu entendimento sobre minhas raízes e explorando territórios congadeiros até então desconhecidos. Essa jornada estimulou o autoconhecimento e a reinterpretação de memórias de épocas passadas.

As Bionarrativas Sociais (BIONAS) revelaram-se como o elemento catalisador dessa consciência intelectual congadeira, permitindo-me reexaminar o ambiente que me cercava, as funções desempenhadas pelos meus anciãos, bem como a importância de cada simbolismo e rito nos círculos congadeiros. Os aprendizados subconscientes registrados em meus poros, escutados em meus ouvidos e vistos em meus olhos, reacenderam minha memória ancestral, minha corporeidade e minha musicalidade.

O termo BIONAS surge da percepção de que as produções escritas (narrativas) revelavam, além do intuito de oferecer abordagens alternativas para o ensino de Biologia a partir da perspectiva da diversidade cultural, também uma dimensão subjetiva das produções que mostrava aspectos relativos aos silenciamentos sociais e a oportunidade de se posicionarem frente a alteridade (KATO, 2020, p.19).

As BIONAS demonstram seu potencial na desestabilização, ao estabelecer um diálogo com o conhecimento científico, incorporando o território, a biodiversidade e a identidade. Esses elementos contribuem para a construção da "experiência de si", configurando-se como um espaço propício para diversas formas de ensino e aprendizagem, validando cruzamentos e saberes em uma

perspectiva ampla de reconhecimento e aproveitamento de conhecimentos considerados subalternos (KATO, 2020).

Nessa abordagem, nas próximas páginas, exploraremos os processos que nos levaram a desenvolver os princípios de uma Pedagogia Congadeira por meio das BIONAS. Realizamos os primeiros ensaios da congada de Uberaba dentro da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), desvendando e desconstruindo elementos que nos possibilitaram compreender e estabelecer uma Pedagogia Congadeira. Essa pedagogia visa criar caminhos para a Educação das Relações Étnico-Raciais, em conformidade com as diretrizes da Lei 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004).

É importante destacar que, mesmo que não haja obrigatoriedade, é essencial desvelar o véu do esquecimento e compreender a historicidade educacional do povo negro neste ambiente acadêmico. Isso contribui para a formação de professores mestres e doutores pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFTM.

## **PLANTA QUE O CHÃO DÁ, SÓ NÃO DÁ SE NÃO PLANTAR – A CONSTRUÇÃO DA BIONARRATIVAS SOCIAIS**

♪♪♪...Planta que o chão dá,  
 só não dá se não plantar,  
 Plantei amor, com meu coração profundo,  
 Dei amor pra todo mundo,  
 Ainda sobrou amor pra dar,  
 Planta que o chão dá,  
 só não dá se não plantar... ♪♪♪

Ao pisar em solo firme, percebemos a terra e suas dimensões, despertando a necessidade de cultivar, semear conhecimento em lugares desconhecidos. Lançamos nossa sabedoria nas áridas, distantes e rígidas estruturas acadêmicas, que, enraizadas no eurocentrismo, seguem o plano colonial, o qual nos confina a pensar e agir dentro de limites predefinidos. A

ordem mercadológica nos compeliu a compreender as plantações que, ao longo dos séculos, foram regadas com nosso sangue e suor. Dominamos essa tecnologia orgânica de cultivar em solos áridos. É uma conexão de fé que nos une aos nossos antepassados, nosso destino que nos (re)define, (re)existe e nos (re)conecta à nossa ancestralidade, tão presente e atuante quanto a força gravitacional.

Seguindo nossa tradição ancestral, enfrentando o desafio de germinar em terras áridas e em momentos muitas vezes inoportunos, sob a orientação do Professor Danilo Seithi Kato, adentramos o ambiente acadêmico universitário, trazendo conosco uma legião de saberes ancestrais. Sob a tutela de mestres populares que, em diferentes tempos e lugares, desenvolveram com maestria suas Bionarrativas Sociais, as BIONAS, eternizando por meio de escritos, músicas, imagens, experiências e expressões corporais narrativas sobre a capoeira, o candomblé, os assentamentos de reforma agrária, os povos indígenas e a congada.

Ecoando cantos, batuques e saberes dos recessos da história, guiados por continuidades ancestrais, líderes e agentes de seus próprios tempos, que ao ingressarem nas fronteiras acadêmicas disciplinares, deram seguimento ao legado de dismantelar uma ordem cartesianista, eurocêntrica e colonial. Nesse empenho, os professores Danilo Seithi Kato e Luciana Teixeira forneceram todo o suporte necessário para que os mestres e mestras dos saberes populares pudessem manifestar seu destino ancestral. Nesse processo, curaram cegueiras, aguçaram os sentidos do olfato e do paladar, penetraram nas profundezas das almas e dos poros, materializando suas narrativas sociais por meio de seus saberes e tecnologias, as Bionarrativas sociais.

Figura 19: Mestras e Mestre dos Saberes Populares



Fonte: Arquivo do autor, 2021

Com o objetivo de fomentar a criticidade como abordagem para pesquisas que englobem o conhecimento científico e popular em contextos educacionais pós-coloniais e decoloniais, bem como na educação intercultural, estabelece-se um diálogo com a educação das relações étnico-raciais. O propósito é desmistificar as trilhas de pesquisa, incentivando a extensão universitária popular e a formação de um coletivo educador composto por líderes de matrizes culturais afro-brasileiras e indígenas, juntamente com professores universitários. Essa iniciativa se insere em um contexto de formação intercultural no nível de pós-graduação, alimentando a compreensão da diversidade cultural e das desigualdades. Além disso, busca-se valorizar e reconhecer manifestações culturais afro-brasileiras e indígenas, bem como desenvolver materiais e propostas curriculares em conformidade com as leis 11.645/08 e 10.639/2003.

Nesse contexto, retomei as trilhas da minha própria identidade, intrinsecamente ligadas à congada, buscando me (re)conhecer por meio das narrativas e canções, bem como pelo sistema comportamental delineado pelo General Bruno Rafael.

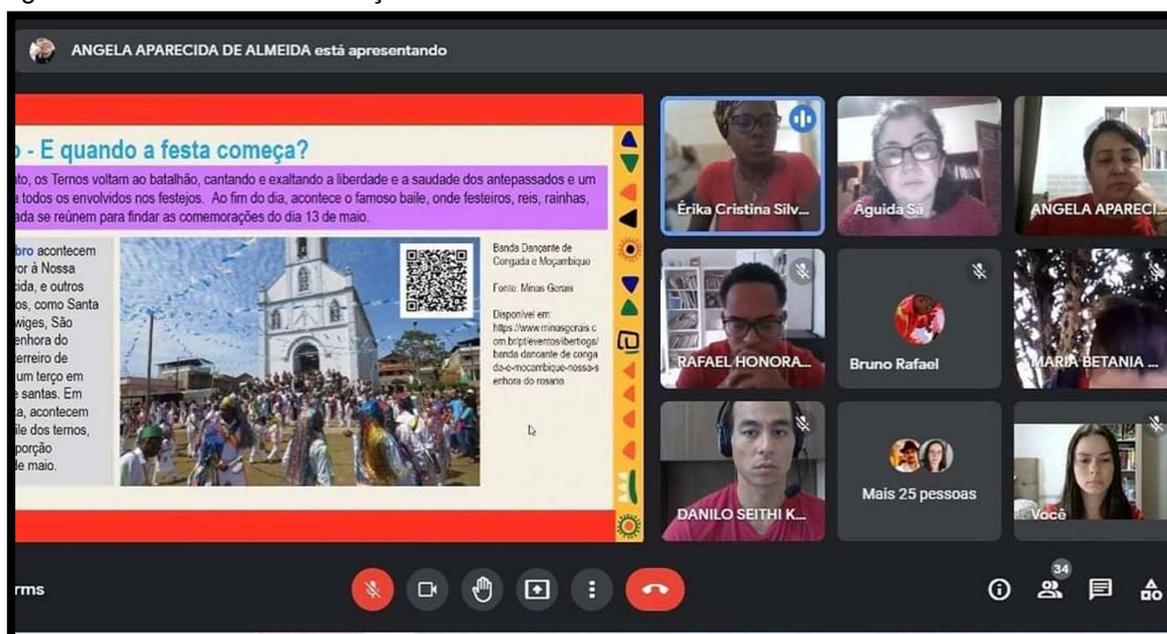
Ao explorar as percepções e dimensões do meu próprio ser, empreendi um estudo autoral, navegando pelo "auto-mar" da minha existência, (re)descobrendo os solos e raízes que me formaram. Entre linhas, escritos,

imagens, tambores, cores e cânticos, desvendei aspectos íntimos, processos mentais e comportamentais que até então eram considerados estranhos e incompatíveis com o mundo acadêmico que me cercava.

A vivência na congada me (re)conectou com meu tempo espiritual, caracterizado por uma progressão espiralada e decolonial. As condições orgânicas que se estabeleceram parecem ter invocado o espírito ancestral de Sankofa, que nos ensina que quando esquecemos algo, é necessário retornar ao local onde ocorreu o esquecimento para recuperá-lo. Isso despertou a necessidade de olhar para o passado como base para a construção do futuro.

Durante um semestre de estudos e vivências, revisitei os territórios das congadas, conheci e explorei terreiros e espaços que se dispuseram a compartilhar suas experiências e resistências. Fomos envolvidos pela musicalidade, pelo respeito, pelo compromisso, pela ancestralidade e pela cadência das caixas de percussão, pelo som dos apitos, pela resistência e pela narrativa de sua história, pela espiritualidade e pelas complexas relações de poder, que delineiam a ocupação dos territórios e as nuances das experiências nos espaços em que a congada está presente.

Figura 20: Momento de construção das BIONAS



Fonte: Acervo do autor, 2021

Em meio a uma pandemia, promovemos nossos encontros e estudos sob a tutela do General Bruno Rafael, em espaços virtualizados que, embora

destituídos de calor humano, conseguiram nos transcender, permitindo-nos sentir as conexões com nossas raízes ancestrais. As encantações entoadas e verbalizadas ecoaram pelo espaço/tempo em que nos encontrávamos. Com a bênção de outros guardiões do sagrado, prosseguimos imersos em nossos estudos e na busca pelo autoconhecimento. Nesse percurso, exploramos diversas formas de organização das congadas, compreendendo suas hierarquias, ritos, funções, costumes e histórias. Tais estruturas são regidas por uma ordem centenária que se baseia na ancestralidade familiar, constituindo um sistema político de autogestão comunitária que semeia, irriga e faz germinar suas tradições de geração em geração.

♪♪♪...Planta que o chão dá,  
 só não dá se não plantar,  
 Plantei amor, com meu coração profundo,  
 Dei amor pra todo mundo,  
 Ainda sobrou amor pra dar,  
 Planta que o chão dá,  
 só não dá se não plantar... ♪♪♪

A congada era pouco conhecida entre os alunos da turma correspondente à disciplina, muitos deles declaravam não ter familiaridade com essa manifestação em Uberaba. Expressavam, por exemplo, nunca terem testemunhado suas práticas, ou, quando muito, limitavam-se a mencionar vagamente algo como: "aquele grupo que desfila no 13 de maio".

No seio do grupo de participantes, a maioria estava imersa na escuridão do desconhecimento, manifestando, no entanto, um genuíno interesse e uma inquietude em desvendar os mistérios da congada. Nesse processo, foram frequentes os desencontros, as dúvidas e as incoerências nas percepções sobre a congada. Pouco a pouco, à medida que se familiarizavam com as histórias e compreendiam os cânticos, começaram a se apropriar dos instrumentos utilizados, como caixas, bastões, apitos, entre outros. Surgiram, ainda, tentativas de análises dessas novas percepções que se formavam.

Dessa maneira, como uma planta que germina e floresce, o grupo de estudantes deu vida à BIONAS, erguendo a bandeira da resistência e proclamando: "Sou congadeiro, dê licença!? Minha vida é resistência."

Os frutos dessa sementeira, cuidadosamente conduzida em nosso percurso, encontraram sua expressão na forma de um E-book. Este trabalho é um reflexo das narrativas e conhecimentos transmitidos pelos Guardiões do Sagrado. A BIONAS se materializa como uma ferramenta de luta e resistência do povo congadeiro, ocupando uma gama diversificada de espaços e vozes. Através dela, afirma-se quem somos, onde estamos e o que desejamos, estabelecendo-nos como protagonistas de nosso tempo e espaço. Nossa existência se sustenta pelo ritual da fé e resistência, que se torna cada vez mais vibrante, em estrita conformidade com os preceitos legados pelos mais velhos.

Figura 21: BIONA: Sou Congadeiro dá licença!? Minha vida é resistência



Fonte: Acervo do autor, 2021

A BIONAS, intitulada "Sou congadeiro, dá licença!? Minha vida é resistência", é um recurso pedagógico elaborado pelos mestrandos do PPGE-UFTM em colaboração com mestres dos saberes populares. Composto por 54 páginas repletas de cores e cânticos, este material oferece uma exploração passo a passo da dinâmica de resistência da congada, enriquecido com QR

Codes e links que possibilitam uma imersão profunda na tradição da Congada Brasil a dentro.

O material resultante deste esforço dialoga com as codificações e decodificações congadeiras, com foco na musicalidade, corporeidade e ancestralidade. Ao fazê-lo, estimula a evocação de memórias individuais e coletivas compartilhadas entre os praticantes da congada. Este projeto se deslocou da academia em direção aos terreiros, uma inversão de papéis em relação às tradicionais interações acadêmicas. Sob a orientação dos guardiões do sagrado, o trabalho revelou suas sensíveis e circulares abordagens da pedagogia congadeira, fundamentada no respeito aos ancestrais, na dança, nos cantos e na execução dos instrumentos. Esta sabedoria ancestral se baseia na tradição oral, na coletividade e no encontro com o outro.

Ao romper as correntes e momentaneamente se libertar das influências coloniais, a congada floresce como uma bela expressão de resistência, uma luta velada na dança que, de forma análoga à capoeira, encerra em si a magia de um simples talo de arruda que representa uma floresta inteira. Bendito e louvado seja esse feito.

Cantada em rodas e cirandas ancestrais, a congada ganhou impulso através de diferentes contextos, desde o quintal da minha avó até as lousas das universidades. Percorrendo a jornada da formação de professores à educação de alunos, ela se revela como uma pedagogia poderosa que estabelece diálogos e delinea caminhos para uma Educação para as Relações Étnico-Raciais, contrapondo-se às normas coloniais e amplificando a sabedoria de um povo que luta e se reinventa, encontrando novas formas de ressignificar sua existência.

FIGURA 22: BIONAS: Congadeira ganhando o mundo

Fonte: Acervo do autor, 2021

A cada momento de exposição e construção/desconstrução da Pedagogia Congadeira, os mares, outrora turvos, adquiriam uma qualidade cristalina sob a influência dos sons e cantos dos congadeiros. Tratava-se de um cortejo virtual que transcendia as telas, desprovido de rigidez cartesiana, caracterizado por uma dinâmica fluida, sensível e tangível, na qual testemunhamos o surgimento de congadeiros em diferentes momentos e histórias narradas pelos ouvintes. Desta forma, embarcamos numa jornada que nos levou de volta à África, de mãos dadas com a capoeira, compartilhando o batuque ancestral, e navegando em formações enquanto entoávamos cânticos, unindo professores e alunos em congressos, rodas de conversa e outros espaços que trouxeram à tona a história de Uberaba e da Congada de maneiras nunca antes exploradas, sob a batuta da musicalidade, corporeidade e ancestralidade, como uma continuação dos saberes e das resistências.

As possibilidades aqui desveladas, com base na ancestralidade, corporeidade e musicalidade, enriquecem e desdobram as ricas bagagens históricas que raramente encontram espaço nas salas de aula, permanecendo reclusas à espera do ecoar de uma caixa de som para florescerem e embelezarem as oportunidades de aprendizado. Essas possibilidades emergem

da rica cultura afro-brasileira e estabelecem um diálogo com a comunidade escolar, ultrapassando os limites da sala de aula. Elas têm o poder de desconstruir paradigmas e possibilitar o encontro de diferentes mundos, promovendo uma educação para as Relações Étnico-Raciais em conformidade com a Lei 10.639/2003. Essa abordagem deve alcançar professores, alunos, gestores e membros da comunidade escolar, transcendendo as fronteiras das disciplinas e promovendo uma abordagem transdisciplinar que desafia o calendário escolar mercadológico, indo além das datas comemorativas habituais, corriqueiras e limitadas, que frequentemente marginalizam a cultura negra e suas expressões.

Somos mais do que uma dança que encanta o seu olhar; somos histórias vivas que resistem ao caos, renascem, se reinventam, se organizam, cantam, dançam e sorriem, pois:

“Zin fio vai ser com alegria de congadeiro que iremos vencer...”

## INCONCLUSÕES E POSSIBILIDADES

Ao convergir esses escritos orgânicos e fluidos, personificados dentro de uma estrutura acadêmica que nos permitiu uma jornada através do "auto-mar" de conhecimento ancestral, revivendo memórias, apropriando-nos de nossas narrativas e explorando possibilidades nos processos de ensino-aprendizagem, estabelecemos um diálogo atemporal, afastado das fronteiras coloniais. Isso nos proporcionou reflexões e análises sobre como ocorre o ensino e a aprendizagem sob a perspectiva da congada, fundamentados nos princípios da ancestralidade, musicalidade e corporeidade presentes nas manifestações do congado, o que abriu novas perspectivas para o ensino-aprendizagem.

A metodologia (auto)biográfica e a transição em cenas, sustentadas por autores como Maria Helena Abrahão, Ana Margarida da Veiga Simão, Lourdes Maria Bragagnolo Frison, Julia Guimarães Neves e Grada Kilomba, permitiram-nos refletir com base em nossas memórias e experiências, resgatando o ser ancestral que reside em nosso íntimo e dando significado às nossas inspirações e narrativas, conectando eventos em uma frequência atemporal que abrange as diversas dimensões que nos transcendem do singular para o plural. Isso nos ajudou a entender e sentir profundamente a organicidade das comunidades e vivências.

A (auto)biografia possibilitou imersões em espaços e tempos internalizados e raramente acessados, provocando uma cascata de emoções, sentidos e sentimentos ao serem reconhecidos. Isso contribuiu para o entendimento das vivências de luto, das percepções e funções ancestrais exercidas por meus mais velhos, desmistificando os caminhos e nuances congadeiros, bem como as condições e possibilidades de um mundo que antes não nos permitia viver plenamente. Esse método proporcionou diálogos reflexivos com minha ancestral mais próxima, minha mãe Rosa (in memoriam), levando-me a uma análise de suas condutas e tomadas de decisões diante do mundo que nos cercou.

Essa metodologia me fez perceber a influência colonial que marcou minhas vivências, limitando minhas experiências como indivíduo, impondo

padrões de pensamento, comportamento, aprendizado e ensino. Desmistifiquei minha própria identidade, que havia sido moldada pelas diretrizes coloniais presentes em diversos ambientes, desde os sociais até os educacionais. Ambientes esses que não reconheciam a mim ou ao meu povo, que contavam histórias que não refletiam nossos valores e sabedorias, relegando nossos conhecimentos e virtudes a um plano secundário, folclorizando nossas culturas e costumes, desmerecendo nossos saberes.

A convergência entre minha jornada pessoal e profissional, aliada aos estudos acadêmicos oferecidos na disciplina de Interculturalidade e Educação Popular: Saberes Afroameríndios e Decoloniais, apresentou oportunidades nunca antes encontradas nos processos de ensino que me trouxeram até este ponto. Nesse contexto, exploramos a possibilidade de incorporar a congada nos ambientes escolares, buscando atender às exigências da Lei 10.639/2003 e conferindo substância e coesão à Pedagogia Congadeira, que se desenvolve de maneira orgânica, entre outros aspectos, valorizando o "tempo espiritual" de cada indivíduo envolvido, emergindo das profundezas do ser (auto)biográfico e considerando as experiências e perspectivas individuais de cada um.

Essa integração deu origem a possibilidades e dimensões no âmbito do ensino e aprendizagem, sob a perspectiva da Pedagogia Congadeira. Inspirados por autores como Jeremias Brasileiro, Rosa Margarida, Carlos Rodrigues Brandão, Luiz Rufino, Paulo Freire, entre outros, que abordam distintas pedagogias, conduzindo-nos à análise e reflexão sobre as circunstâncias e diversidades que envolvem os diferentes processos de ensino. Esses autores propõem abordagens mais orgânicas e fluídas, sugerindo experiências humanizadoras, éticas, históricas e culturais, promovendo uma visão de mundo originária da cultura afro-brasileira, atualmente reavaliada por milhares de afrodescendentes como herança reinterpretada.

As possibilidades de vivenciar a Pedagogia Congadeira são múltiplas, desvinculadas de respostas pré-estabelecidas, alimentando sua própria teoria com base nas sensações, observações, escutas e reflexões em seu tempo espiritual. Isso estimula uma compreensão dos diversos saberes e formas de educação existentes, questionando o domínio rígido forjado pelo colonialismo,

promovendo a autoconsciência e desafiando paradigmas intrínsecos e extrínsecos, conferindo legitimidade aos conhecimentos possíveis.

Ao diagnosticar e mapear as possibilidades da Pedagogia Congadeira, almejamos conceber as dinâmicas educacionais (ensino/aprendizagem) a partir de uma visão de mundo que se relacione com o ambiente escolar cotidiano, incorporando-se de maneira orgânica e transdisciplinar através da musicalidade, corporeidade e dos saberes tradicionais. Isso atribui significado às experiências nas comunidades tradicionais do Congado no contexto do ensino/aprendizagem.

O grande desafio reside na integração de outros valores e métodos de ensino na rotina escolar, considerando um processo educacional que respeite as diferentes maneiras de ser e de fazer das várias grupos étnico-raciais que compõem a população brasileira.

Portanto, ao incorporar a dimensão racial, iniciamos um processo silencioso de desestruturação das bases do colonialismo, reforçando a necessidade de ampliar o conceito de descolonização e democratização do conhecimento escolar. Isso implica valorizar as experiências socioculturais dos estudantes provenientes de diversos grupos étnicos.

Talvez novas pesquisas nos conduzam a outras dimensões da Pedagogia Congadeira, aplicando a ciência em colaboração com os detentores desse conhecimento, registrando e analisando as possibilidades de ensino geradas internamente nas comunidades tradicionais afro-brasileiras. Isso pode expandir e incorporar saberes que nos auxiliem a compreender as discordâncias e concordâncias possíveis entre o processo de ensino nas comunidades tradicionais e a educação formal, contribuindo para a educação escolar.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Sharyse Piroupo do. **História do Negro no Brasil: A Escravidão no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais. 2011.

BANDEIRA, Felipe. **Relembrando a travessia**. Revista Movimento. São Paulo. 2019. Disponível em <https://movimentorevista.com.br/2019/11/relembrando-a-travessia/> Acessado em 26 de ago. de 2022.

BANDEIRA, Felipe. Relembrando a Travessia. Revista Movimento. São Paulo. 2019. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2019/11/relembrando-a-travessia/> Acessado em 30 de jan. 2023.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Festa do Santo Preto**. Rio de Janeiro: FUNARTE. 1985.

BRASIL, Lei Feijó de 7 de novembro de 1831.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

CARMO, Luiz Carlos do; MENDONÇA, Marcelo Rodrigues (org). **As Congadas de Catalão: As relações de sentidos e valores de uma tradição centenária**. Catalão: Universidade Federal de Goiás – Campos do Catalão, 2008. 348p.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1998. 392p.

CARMO, Eliane Fátima Boa Morte do. *História da África nos anos iniciais do ensino fundamental: os Adinkra*. Salvador: Artegraf, 2016. Disponível em: <[https://www.ufrb.edu.br/mphistoria/images/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Turma\\_2014/Eliane\\_Fatima\\_Boa\\_Morte\\_Do\\_Carmo.pdf](https://www.ufrb.edu.br/mphistoria/images/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Turma_2014/Eliane_Fatima_Boa_Morte_Do_Carmo.pdf)>. Acesso em 31 de junho de 2022.

CORRÊA, Carolina Perpétuo. **Comércio de Escravos em Minas Gerais no século XIX: o que podem nos ensinar os registros de batismo de escravos adultos**. In: XII Encontro sobre Economia Mineira, 2006, Diamantina. Anais do XII Encontro Sobre Economia Mineira, 2006.

CARVALHO, F. M. de. Diáspora africana: travessia atlântica e identidades recriadas nos espaços coloniais. **Mneme - Revista de Humanidades**, [S. l.], v. 11, n. 27, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/835>. Acesso em: 27 ago. 2022.

COLETIVO, MST. 14 de maio o dia que nunca acabou. Portal Geleéz, 2020. Disponível em <https://www.geledes.org.br/14-de-maio-o-dia-que-nunca-acabou/> acessado em 04 de set. de 2022.

DIAS, Alex Vinicius; CUNHA, Helvécio Damis de Oliveira. **Dívida Histórica da Escravidão: A necessidade de políticas públicas afirmativas para população negra no Brasil**. In: FILHO, Guimes Rodrigues; BERNARDES, Vânia Aparecida Martins (org). **Educação para as relações étnico-raciais:**

**outras perspectivas para o Brasil.** -- 1. ed. -- Uberlândia, MG: Editora Gráfica Lops, 2012. Disponível em [http://www.neab.ufu.br/sites/neab.ufu.br/files/Livro\\_Especializa%C3%A7%C3%A3o\\_NEAB\\_0.pdf](http://www.neab.ufu.br/sites/neab.ufu.br/files/Livro_Especializa%C3%A7%C3%A3o_NEAB_0.pdf) Acessado em 10 de set. 2022.

DOMINGUES, Petrônio. **Salve o 13 de maio: as comemorações da abolição da escravidão.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, jul. 2011.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água / Conceição Evaristo.** – 1. ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, **2016.** 116 p.

FERREIRA, Rodrigo de Souza. **Os dançadores do Rosário ganham novos trajes: Congada, Igreja e amigos da congada em Brás Pires – MG.** Tese (Pós-Graduação) em extensão Rural. Universidade de Viçosa. Minas Gerais. p.197. 2005.

FILHO, Guimes Rodrigues; BERNARDES, Vânia Aparecida Martins (org). **Educação para as relações étnico-raciais: outras perspectivas para o Brasil.** -- 1. ed. -- Uberlândia, MG: Editora Gráfica Lops, 2012.

FONTENELLE, Débora da Costa. **Quilombos, Abolicionismo e a cidade: Política e simbolismo na inserção do quilombo do Leblon na dinâmica urbana do Rio de Janeiro do final do século XIX.** Dissertação (Mestrado em Geografia). Centro de Ciências da Matemática e da Natureza. Instituto de Geociências – Departamento de Geografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. p.320 f. 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Compreensão Cênica: possibilidade interpretativa de narrativas de (auto)formação de ex-pebidianas.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.45, 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ep/a/n8WvstpJgMJynpBRM5yMF7c/?lang=pt&format=pdf> Acessado em 18 de set. 2022.

GOMES, Nilma Lino. **Relação Étnico – Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos.** Currículo sem Fronteiras. V.12.N.1.pp.98-109. Jan/Abr, 2012. Disponível em . Acesso em 18 de abril de 2016.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 397 (Banzo).

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódio de Racismo Cotidiano.** Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. 244 p.

LEITE, Maria Jorge dos Santos. **Tráfico Atlântico, escravidão e resistência no Brasil**. Sankofa. Revista de História da África e de Estudos das Diáspora Africana. Ano X, nº XIX, ago. 2017. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/137196> Acessado em: 27 de ago. 2022.

MARINAS, José Miguel. **Lo inconsciente en las historias**. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ARAÚJO, Mairce da Silva (Org.). **Pesquisa (auto)biográfica: fontes e questões**. Curitiba: CRV, 2014. p. 39-56.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2007.

MATUMBI, Lazzo. PORTUGAL, Antonio Jorge. 14 de maio. In: Matumbi, Lazzo. Out. 2019. Disponível em <https://www.qobuz.com/br-pt/album/lazzo-matumbi-vol-1-lazzo-matumbi/jom17zibvk68b> Acessado em 31 de jan. 2023

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

NEVES, Júlia Guimarães Neves. **O mito do sujeito e o sujeito do mito: entre a racionalidade moderna e a racionalidade (auto)biográfica**. Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 14, n. 32, p. 10-2, mai/ago. 2022.

NUNES, Davi. **Banzo: Um estado de espírito Negro**. Portal Geledéz, 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/banzo-um-estado-de-espirito-negro/>. Acessado em: 21 de jun. de 2022.

**MOÇAMBIQUES E CONGOS**. História e Tradição em Uberaba. Edição: Arquivo Público de Uberaba. Série: Cadernos de Folclore Nº 2. Maio/1993. 60p.

OLIVEIRA, Rosângela Paulino de Oliveira. **Morte Tradicional em sociedade moderna: Os ritos de morte na comunidade dos Arturos**. Tese (Doutorado em Antropologia). Pontífica Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. p.211. 2011.

OSCAR, João. **Escravidão e Engenhos**. Campo de São João da Barra; Macaé. Rio de Janeiro. São Paulo: Achiamé, 1975.

Rocha, Rosa Margarida de Carvalho. **A pedagogia da tradição: as dimensões do ensinar e do aprender no cotidiano das comunidades afro-brasileiras**. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2011. - 2011. 217 f. :il

ROSA, Allan Santos da. **Imaginário, Corpo e Caneta: Matriz Afro-Brasileira em Educação de Jovens e Adulto**. São Paulo: FEUSP, 2009 (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-23032010-144503/en.php>. Acessado em 31 de agosto de 20.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019. 164 p.

SANTOS, Frei David. **A face real da lei Áurea**. Disponível em [http://www.antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id\\_articulo=312](http://www.antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=312). Acesso em: 01 fev. 2012.

SILVA, Fabíola Amaral Jansen. **O Cativo Colonial: reconstituição da Senzala da Fazenda e São Bento de Jaguaribe**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programam de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco. Recife p. 129. 2006.

SIMÃO, Ana Margarida da Veiga; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. **História de vida em pesquisa (auto) biográfica: Circuito que inclui tempos, lugares e autorregulação da aprendizagem**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 05, n. 13, p. 71-79, jan./abr.2020.

SOUZA, Tatiane Pereira. **Áfricas: Processos Educativos Presentes No Terno De Congada Chapéu De Fitas**. Programa de pós-graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2014. 270f.

VASCONCELOS, Juliana de. **Congado: Uma Celebração do Hibridismo Afro-Brasileiro**. 2007. 74 f. Dissertação de (Mestrado) \_ Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, Minas Gerais, 2007.

\_\_\_\_\_. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.

\_\_\_\_\_. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico raciais e para o ensino da História afro-brasileira e africana. Brasília/DF: SECAD/ME, 2004.

\_\_\_\_\_. Acesso a visibilidade a teses e dissertações brasileiras. Biblioteca digital Brasileira de teses e dissertações. 2022. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/> Acessado em 14 de SET. 2022.

\_\_\_\_\_. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/uberaba/panorama>

\_\_\_\_\_. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidade e Estados. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

**14 de maio e a sobrevivência do negro**. BAOBÁ. Baobá Fundo para equidade Racial. 2021. Disponível em <https://baoba.org.br/14-de-maio-e-a-sobrevivencia-do-negro/> Acessado em 04 de set. 2022.